

Coleção
Fábulas Indianas – Pañcatantra
Vol. 1

पञ्चतन्त्रम्
PAÑCATANTRA

Cinco Tratados

Coleção de narrativas populares da Índia antiga ≈ século I d.C.

Livro I

Organização e Tradução do sânscrito para o português

Maria da Graça Tesheiner
Marianne Erps Fleming
Maria Valéria Aderson de Mello Vargas



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Coleção
Fábulas Indianas – Pañcatantra
Vol. 1

पञ्चतन्त्रम्
PAÑCATANTRA
Livro I



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Paulo Martins

Vice-Diretora: Ana Paula Torres Megiani

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Tel. (11) 3091-0458
e-mail: editorafflch@usp.br

DOI 10.11606/9786587621951

Coleção
Fábulas Indianas – Pañcatantra
Vol. 1

पञ्चतन्त्रम्

PAÑCATANTRA

Cinco Tratados

Coleção de narrativas populares da Índia antiga \cong século I d.C.

Livro I

Organização e Tradução do sânscrito para o português

Maria da Graça Tesheiner
Marianne Erps Fleming
Maria Valéria Aderson de Mello Vargas



São Paulo, 2022

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação da FFLCH/USP
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

P188 Pañcatantra [recurso eletrônico] : cinco tratados : livro I / Organização e tradução do sânscrito para o português por Maria da Graça Tesheiner, Marianne Erps Fleming, Maria Valéria Aderson de Mello Vargas. — São Paulo : FFLCH/USP, 2022.

1.800 Kb ; PDF. — (Fábulas indianas – Pañcatantra, v. 1)

Coleção de narrativas populares da Índia antiga ≅ século I d.C.

ISBN 978-65-87621-95-1

DOI 10.11606/9786587621951

1. Literatura védica. 2. Literatura indiana clássica. 3. Fábula (Coletânea). I. Série. II. Tesheiner, Maria da Graça. III. Fleming, Marianne Erps. IV. Vargas, Maria Valéria Aderson de Mello.

CDD 891.22



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Coordenação Editorial

M^a. Helena G. Rodrigues – MTb n. 28.840

Capa

Angela Susan Fleming

Projeto Gráfico e Diagramação

Selma Consoli – MTb n. 28.839

Revisão

Tradutoras

Revisão de Provas

Lilian Abigail Melo de Aquino

पञ्चतन्त्रम्

तत प्रभृत्येतत्पञ्चतन्त्रकं नाम नीतिशास्त्रं
बालावबोधनार्थं भूतले प्रवृत्तम् । किं बहुना ।

अधीते य इदं नित्यं नीतिशास्त्रं शुणोति च ।
न पराभवमाप्नोति शक्रादपि कदाचन ॥

PAÑCATANTRA

Desde então, o tratado de moral chamado *Pañcatantra*
circula pelo mundo com o
propósito de educação dos jovens. Por que
argumentar mais?

Quem estuda sempre este tratado de moral e o conhece de
cor jamais é apanhado pela destruição, mesmo que esta seja
proveniente de Çakra.



SUMÁRIO



Prefácio	9
I. O projeto de tradução	9
II. A coleção <i>Pañcatantra</i> e sua difusão para o Ocidente	10
III. O gênero fábula na literatura sânscrita	11
IV. O <i>Pañcatantra</i> na Índia	13
V. Notas sobre a tradução	15
VI. Equivalência de sinais	18

Pañcatantra

Prólogo	21
Livro I	27
A desunião de amigos	29
Fábula I – O macaco que retirou a cunha	35
Fábula II – O chacal e o tambor	55
Fábula III – Dantila e Gorambha	67
Fábula IV – O monge mendicante Devaçarman	79
Fábula V – O tecelão e o construtor de carruagens	97
Fábula VI – O casal de corvos	111
Fábula VII – A garça e o caranguejo	115
Fábula VIII – O leão Bhāsuraka	123
Fábula IX – A piolha Mandavisarpiṇī	137
Fábula X – O chacal Caṇḍarava	143

Fábula XI – O leão Madotkaṭa	155
Fábula XII – O casal de pássaros <i>tittibha</i>	167
Fábula XIII – A tartaruga Kambuḡrīva	171
Fábula XIV – Os três peixes	175
Fábula XV – O elefante e o casal de pardais	183
Fábula XVI – O leão Vajradanṡtra	197
Fábula XVII – O bando de macacos	209
Fábula XVIII – O casal de pardais que morava numa árvore <i>çamī</i>	213
Fábula XIX – Dharmabuddhi e Pāpabuddhi	219
Fábula XX – A serpente negra	227
Fábula XXI – O comerciante Jirṇadhana	231
Fábula XXII – O episódio do macaco servidor do rei e a história do brāmane ladrão	237
Bibliografia	245

PREFÁCIO

I. O PROJETO DE TRADUÇÃO

A tradução que ora apresentamos é o primeiro resultado do projeto de pesquisa *Tradução das fábulas do Pañcatantra e considerações sobre a atualidade e a universalidade do gênero fábula*. Tal projeto teve como objetivo apresentar, além da tradução da obra para o português, um estudo sobre o gênero fábula na literatura sânscrita e sua permanência da antiguidade até nossos dias.

No período de 1994 a 1997, o projeto integrou o Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/USP-CNPq) e teve como bolsista Maria da Graça Tesheiner, sob a orientação da Professora Maria Valéria Aderson de Mello Vargas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Desde o início, o projeto contou com a colaboração de Marianne Erps Fleming, Bacharel em Sânscrito, pela mesma faculdade. Mesmo após o término do período de vigência da bolsa, as tradutoras deram continuidade à tradução do *Pañcatantra* e pretendem apresentar também os quatro outros livros da coleção.

A tradução do *Pañcatantra* dá continuidade aos estudos sobre a fábula sânscrita que tiveram início, na Área de Língua e Literatura Sânscrita da FFLCH-USP, com a Professora Maria Luiza Fernandez Miazzi, que traduziu, em 1976, as fábulas da coleção *Hitopadeça*

reunidas por C. R. Lanman, na antologia *A Sanskrit Reader* (Cambridge-Mass., Harvard University Press, 12ª ed., 1947). Complementa também a Tese de Doutorado de Maria Valéria Aderson de Mello Vargas, intitulada *Do Pañcatantra a La Fontaine: tradição e permanência da fábula*, apresentada à FFLCH-USP, em 1990.

II. A COLEÇÃO PAÑCATANTRA E SUA DIFUSÃO PARA O OCIDENTE

As fábulas do *Pañcatantra* (“Cinco Tratados”) compõem uma famosa coleção de narrativas da Índia antiga, amplamente difundida para todo o mundo através de traduções ou adaptações.

A coleção ramificou-se para o Ocidente por meio da versão árabe *Calila e Dimna* (século VIII), cujo autor, Abdallah ibn Al-Muqaffa’, revela, no prefácio à obra, que a coletânea árabe consiste numa reelaboração da versão do *Pañcatantra* em *pehlevi* (antiga língua da Pérsia), do século VI d.C., e que esta, por sua vez, seria uma compilação de fábulas sânscritas situada por volta do século I d.C.

A partir dessa versão árabe surgem inúmeras outras versões, em grego, siríaco, hebraico, persa, e, a partir dessas, as latinas de João de Cápua (séc. XIII), a italiana de Nuti (séc. XVI), a persa do século XV, intitulada *Anwār-i Souhaili*, que serviu de base para a primeira tradução francesa, o *Livre des Lumières ou la conduite des roys, composé par le sage indien*, conhecido como *Fables de Pilpay*, publicado em Paris, por David Sahid, em 1644.

La Fontaine, no prefácio ao sétimo livro de suas *Fables*, menciona Pilpay (ou *Bidpay*, corruptela do sânscrito *vidya-pati*, “senhor da sabedoria”, epíteto de Viṣṇuçarman, suposto autor do *Pañcatantra*, como se infere da introdução à obra). Há, então, razões suficientes para considerar que La Fontaine se baseou no *Livre des Lumières* para compor muitas de suas fábula-

las, mas há também indícios de que o fabulista francês utilizou outras versões de *Calila e Dimna*, conhecidas em sua época, como é o caso da tradução latina de P. Poussines, *Specimen sapientiae Indorum Veterum*, de 1666, feita a partir da tradução grega de Symeón, do século XI, ou, ainda, a conhecida tradução francesa de Gabriel Cottier, de 1556.

Calila e Dimna, título que não abarca o conteúdo dos dezoito livros da coleção, uma vez que se refere apenas aos nomes dos dois personagens principais (Karaṭaka e Damanaka, em sânscrito) do primeiro livro do *Pañcatantra*, pode ser considerada como fonte de muitas coleções de fábulas que se manifestaram na Idade Média e que, posteriormente, forneceram material para a composição dos Livros VII a XI de *Fables* de La Fontaine.

Deve-se também considerar que, ao lado dessa tradição da fábula indiana, a tradição da fábula grega (esópica) passava, na Idade Média, a ter papel fundamental na consolidação desse gênero literário. É, aliás, do encontro das duas tradições – a esópica e a indiana – que a fábula vai adquirir o modelo que será adotado pelos vários fabulistas posteriores, entre eles La Fontaine e Monteiro Lobato.

III. O GÊNERO FÁBULA NA LITERATURA SÂNSCRITA

Os trechos narrativos das fábulas indianas constituem exemplos práticos e são entremeados por versos que contêm as razões teóricas que abonam variados procedimentos. Essas razões são os provérbios ou os preceitos dos códigos de moral e de ética da Índia antiga, principalmente do Código de Leis de Manu (*Manavadharmaśāstra*). Por essa razão, as fábulas indianas são classificadas, nos manuais de literatura sânscrita, como “tratados sobre a conduta” (*nītiśāstra*).

Interessante é notar que, a despeito dessas referências aos princípios éticos que corroboram a classificação desses textos como *nītiçāstra*, o que se apresenta é uma análise do comportamento humano, indispensável na fábula e, certamente, responsável pela universalidade e atualidade do gênero.

Muitos aspectos de nosso comportamento e de nosso modo de produzir o discurso estão nos modelos das tradições da fábula antiga. A universalidade de seus temas e, sobretudo, a maneira de estruturar as histórias são fatores essenciais para sua permanência. O caráter de universalidade, de oralidade, de intertextualidade da fábula se encontra em nosso universo ideológico; revela-se constantemente em nossa linguagem. Expressar-se por meio de fábulas foi e é, enfim, um dos recursos de organização discursiva freqüentemente usado para dissimular a verdade, ou mesmo para dar-lhe um tom de verossimilhança.

Quando se consideram os traços espaciais e temporais, os temas e os motivos apresentados nas narrativas, percebe-se o fenômeno da intertextualidade, pois esses traços se repetem nas epopéias, nos romances, nos contos. Entretanto, o procedimento de inserir-se uma narrativa dentro de outra, característica predominante nas coleções indianas de contos e fábulas, revela a intertextualidade acentuadamente explícita. Cada fábula passa a ser um intertexto de outra que é também intertexto de outra e assim por diante.

Cada um dos livros do *Pañcatantra* é composto por uma narrativa-quadro, à qual se intercalam várias fábulas narradas pelo brâmane Viṣṇuçarman ou por personagens das próprias fábulas. Todas as narrativas compõem um tratado sobre a conduta do príncipe. Esses livros, ou tratados, são independentes entre si, motivo que nos levou a pensar em publicar por ora o primeiro deles.

Esse primeiro livro, “A desunião de amigos”, tem por preâmbulo o adágio que anuncia: “A grande amizade que cresce

entre um leão e um touro na floresta foi completamente destruída por um chacal maledicente e muito ambicioso.” Esse será o “fio” narrativo ao qual serão agregadas as várias fábulas do primeiro livro da coleção.

Em certo momento da narrativa, conversam os dois chacais, Karāṭaka e Damanaka. O primeiro duvida que o segundo consiga dominar o touro e o leão, inteligente um, tímido o outro. Para provar que mesmo o fraco pode dominar o forte, Damanaka diz: “O que se pode fazer com artifício não deve ser conquistado com esforços físicos: uma serpente negra foi derubada, com uma corrente de ouro, pela fêmea de um corvo”. Karāṭaka pergunta: “Como foi isso?” E Damanaka conta a fábula “O casal de corvos”. Trata-se da história de um casal de corvos que, não conseguindo criar seus filhotes, pois uma serpente sempre os devorava, pede conselho a um chacal amigo. Este, argumentando que se vence um inimigo mais pela esper-teza do que pelas armas, diz ao casal: “Por avidez excessiva, depois de comer muitos peixes grandes, pequenos e médios, uma certa garça foi morta no abraço de um caranguejo”. Em seguida, os corvos perguntam: “Como foi isso?” E o chacal narra a fábula “A garça e o caranguejo”, que termina com estas palavras: “Por isso eu digo: Por avidez excessiva, depois de comer muitos peixes...” Ou seja, repete-se o adágio que dera origem à fábula. Mas a história dos corvos continua: seguindo o conselho do amigo, conseguem livrar-se da temida serpente. Damanaka conclui: “Por isso eu digo: O que se pode fazer com artifício não deve ser conquistado...” Retorna-se então ao fio condutor da narrativa-quadro.

IV. O *PAÑCATANTRA* NA ÍNDIA

A coleção de cinco livros ficou conhecida na Índia principalmente por meio de versões compiladas por monges jainistas e

certamente esses textos com o tempo sofreram muitas modificações. Kosegarten, a quem se atribui a primeira edição de um texto sânscrito do *Pañcatantra*, constata uma grande variedade de manuscritos da coleção os quais utilizou em sua edição. Reuniu esses manuscritos em dois grupos, de acordo com a redação dos textos: um grupo que denominou *Textus Simplicior* (de datação incerta, entre os séculos X e XII), em oposição a outro, o *Textus Ornatus*, mais rebuscado e prolixo, composto pelo monge jainista Pūrṇabhadra (fim do século XII).

A versão *Textus Simplicior*, que Kosegarten publicou, compõe-se, por sua vez, de vários manuscritos diferentes entre si, de modo que as edições atuais apresentam divergências, principalmente nos Livros III e IV. As principais edições em sânscrito (em escrita *devānagarī*) são: a edição de G.L.Kosegarten (Bonn, 1848) e a de F. Kielhorn (Livro I) e G. Bühler (Livros II a V), Bombay, 1868-1869). Dentre estas, só conseguimos obter a quarta edição (1891) de Bühler, que utilizamos como fonte de apoio para a tradução.

Além desses textos, atualmente existem outras edições indianas, como as duas que consultamos, a de Çrīçyāmānacaraṇapāṇḍeya (Vārāṇasī, 1975), que se assemelha à de Kosegarten, e a edição de M.R.Kāle (Bombay, 1912), que mostra maior convergência com a de Kielhorn-Bühler.

A edição de Kāle (*Pañcatantra of Viṣṇuçarman*), publicada por Motilal Banarsidass Publishers Ltd. constituiu a fonte sânscrita principal da tradução que ora apresentamos. Sempre que necessário, quando o texto da edição de Kāle oferecia qualquer dúvida, utilizamos as edições de Bühler e de Çrīçyāmācaraṇapāṇḍeya. Também para o cotejo entre as traduções, consultamos:

- a) a de J.A.Bolufer (*Panchatantra ó Cinco Series de Cuentos*, Madrid, 1908), que traduziu as edições de Kielhorn (6ª ed., 1896) e Bühler (4ª ed., 1891);

- b) a de E.Lancereau (*Pañcatantra*, Paris, 1871), que se baseou na edição de Kosegarten;
- c) a de G.L.Chandiramani (*Panchatantra*, New Delhi, 1991) em inglês e (*Das Panchatantra*, 1971) em alemão, baseada em várias versões sânscritas.

A tradução inglesa de A.W.Ryder (*The Panchatantra*, Bombay, 1949), que apresenta diferenças em relação aos outros textos utilizados, pouco nos auxiliou.

A tradução portuguesa, de F.S.Robles e L.F.Pereira Gil (*Panchatantra ou Cinco Séries de Contos*, Lisboa, Edição Amigos do Livro, 1975), que nos chegou às mãos depois de terminado nosso trabalho referente ao Livro I, passa a integrar nossa bibliografia de consulta, embora tudo indique não ser uma versão direta do sânscrito, mas de uma tradução da tradução espanhola de Bolufer, citada acima.

V. NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO

A. Observações sobre a transliteração:

Muitas palavras do texto não foram traduzidas, ou por denotarem objetos, plantas, animais e entidades mitológicas que não possuem equivalentes em português, ou por serem nomes próprios de personagens, deuses, localidades, acidentes geográficos etc. Essas palavras foram apenas transliteradas para o alfabeto latino, de acordo com as resoluções do Congresso de Orientalistas de Genebra de 1894. A equivalência de sinais e sons encontra-se no final deste Prefácio.

Cabe também observar que, embora no alfabeto *devanāgarī* não haja distinção entre letras maiúsculas e minúsculas, optamos por usar maiúsculas para transliterar os temas indicadores de nomes próprios e de títulos de obras, adaptando-os, portanto, às normas da língua portuguesa.

Para tais vocábulos, quando considerados relevantes tanto para a compreensão do texto quanto para explicitar aspectos da cultura sânscrita, apresentamos notas de rodapé com informações, por exemplo, sobre o significado dos nomes próprios de divindades ou mesmo dos personagens das fábulas que são nomeados, geralmente, de acordo com sua personalidade, seu comportamento ou sua função no enredo.

B. Diferenças de construção textual:

Algumas estruturas sintáticas de uso comum no sânscrito, freqüentes no texto do *Pañcatantra*, são inexistentes ou pouco empregadas na língua portuguesa. Por isso, muitas vezes modificamos, na tradução, a estrutura da frase para que a narrativa fluísse com naturalidade. Os exemplos mais comuns são:

Frase nominal e voz passiva – Como em outras línguas indo-européias (grego e russo, p. ex.), o verbo de ligação não é explícito no sânscrito. A diferença é que, em sânscrito, o predicativo freqüentemente exprime uma ação, na forma de um particípio na voz passiva. Na frase *tenedamabhihitam*, a tradução literal é “isto (foi) dito por ele”, construção que pode ser usada em português, mas com parcimônia. Na maioria das vezes, então, fizemos a transposição para a voz ativa: “ele disse isto”.

Imperativo na voz passiva e na terceira pessoa – É utilizado como forma indireta e polida de injunção, em vez da forma usual na voz ativa e na segunda pessoa. A frase *apasāryatām vetralatā* indica uma ordem dada pelo rei-leão ao porteiro, que pode ser expressa de várias maneiras: “que seja retirada a tranca de bambu”, “que se retire a tranca de bambu”, “pode retirar...”, “tu podes retirar...”, “retira...” etc. O contexto define a escolha.

Absolutivo ou particípio indeclinável – Denota uma ação que precede a do verbo da oração principal, podendo ser consi-

derado equivalente às perífrases de gerúndio da língua portuguesa (ou ao participípio aoristo da língua grega) ou mesmo ao gerúndio simples, embora este não tenha necessariamente conotação de anterioridade: *tacchrutvā piṅgalaka āha* pode ter como tradução “tendo ouvido isso, Piṅgalaka disse” ou “ouvindo isso, Piṅgalaka disse”. Há, contudo, outras maneiras de sugerir essa anterioridade: “depois de ouvir isso” ou a coordenação seqüencial “Piṅgalaka ouviu isso e disse”.

C. As marcas de oralidade do texto:

Sendo o *Pañcatantra* uma coletânea de histórias de origem popular, apresenta marcas constantes de oralidade do discurso e, por isso, são freqüentes as “informalidades” gramaticais, das quais ressaltamos dois tipos:

Emprego de pronomes pessoais e formas de tratamento – Um personagem dirige-se a outro de diversas maneiras, com maior ou menor intimidade, maior ou menor respeito, sem que se perceba o motivo da variação. Ele pode utilizar indiscriminadamente *tvam* (“tu”), *yūvam* (“vós”), *bhadra* (“meu caro”), *bhagavan* (“venerável”), *svāmin* (“senhor”) etc. A não ser em casos de disparidade extrema, procuramos manter as formas de tratamento originais.

Tempos verbais – Embora se constate o uso simultâneo de formas verbais de presente, pretérito perfeito, imperfeito e aoristo, procuramos utilizar de preferência o passado narrativo (pretérito imperfeito).

VI. EQUIVALÊNCIA DE SINAIS (ENTRE OS ALFABETOS DEVANĀGARĪ E LATINO*, DE ACORDO COM O CONGRESSO DE ORIENTALISTAS DE GENEBRA, DE 1894)

Vogais:

अ	a	a breve, como em “bola”.
आ	ā	a longo, como em “vaso”.
इ	i	i breve, como em “única”.
ई	ī	i longo, como em “colina”.
उ	u	u breve, como em “buraco”.
ऊ	ū	u longo, como em “madura”.
ऋ	r̄	r vocálico breve, como em “carne”, como é pronunciado no interior de S. Paulo.
ॠ	r̄̄	r vocálico longo, como o anterior, mas mais prolongado.
ऌ	l̄	l vocálico breve, como em “sul”, como é pronunciado no Rio Grande do Sul.
ॡ	l̄̄	l vocálico longo, como o anterior, mas mais prolongado.
ए	e	e (fechado), como em “pena”.
ऐ	ai	ai, como em “pai”.
ओ	o	o (fechado), como em “Roma”.
औ	au	au, como em “causa”.

Consoantes:

क	k	k, como em “casa”.
ख	kh	k aspirado, como em “ <i>inkhorn</i> ”, em inglês.
ग	g	g, como em “gato”.
घ	gh	g aspirado, como em “ <i>loghut</i> ”, em inglês.
ङ	ñ	n gutural, como em “manga”.
च	c	c, como em “ <i>dolce</i> ”, em italiano, ou como na expressão gaúcha “ <i>tchê</i> ”.
छ	ch	ch aspirado, como em “ <i>churchhill</i> ”, em inglês.
ज	j	j, como em “ <i>jump</i> ”, em inglês, ou no nome próprio “Djalma”.
झ	jh	j aspirado, como em “ <i>hedgehog</i> ” (hejhog), em inglês.

ञ	ñ	n palatal, como em “ <i>anjo</i> ”.
त्	t	t cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>true</i> ”, em inglês.
ठ	ʈ	t cacuminal aspirado (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>anthill</i> ”, em inglês.
ड	ɖ	d cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>drum</i> ”, em inglês.
ढ	ɗ	d cacuminal aspirado (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>redhaired</i> ”, em inglês.
ण	ɳ	n cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>none</i> ”, em inglês.
त	t	t , como em “ <i>tudo</i> ”.
थ	ʈ	t aspirado, como em “ <i>nuthook</i> ”, em inglês.
द	d	d , como em “ <i>dado</i> ”.
ध	ɗ	d aspirado, como “ <i>adhere</i> ”, em inglês.
न	n	n , como em “ <i>nada</i> ”.
प	p	p , como em “ <i>pata</i> ”.
फ	ph	p aspirado, como em “ <i>uphill</i> ”, em inglês.
ब	b	b , como em “ <i>bola</i> ”.
भ	bh	b aspirado, como em “ <i>abhor</i> ”, em inglês.
म	m	m , como em “ <i>amor</i> ”.
य	y	i semi-vogal, como em “ <i>história</i> ”.
र	r	r , como em “ <i>para</i> ”.
ल	l	l , como em “ <i>mola</i> ”.
व	v	v , como em “ <i>ovo</i> ”.
श्	ç	ch , como em “ <i>chave</i> ”.
ष	ʃ	ch cacuminal, como em “ <i>shun</i> ”, em inglês.
स	s	s , como em “ <i>sapo</i> ”.
ह	h	h aspirado, como em “ <i>hear</i> ”, em inglês.

Outros sinais:

- m̐,ṃ (Anusvāra) indicação de nasalização da vogal precedente, como em “*bom*”.
- : ḥ (Visarga) indicação de aspiração da vogal precedente.

PRÓLOGO

SALVE!



*m!*¹ Glória aos veneráveis Lakṣmī, Durgā e Gaṇeça!² Glória aos grandes poetas!

Brahman, Rudra, Kumāra, Hari, Varuṇa e Yama, Vahni, Indra, Kubera, Candra e Āditya, Sarasvatī, os oceanos, os *yuga*, as montanhas, Vāyu, a terra, as serpentes, os Siddha, os rios, os Aṣvin, Ṣrī, Diti e os filhos de Aditi, as mães divinas – Caṇḍikā e outras – os Veda, os lugares de peregrinação, os ritos sacrificiais, os Gaṇa, os Vasu, os grandes sábios e os planetas sejam sempre propícios!³

¹ *Om*, uma sílaba considerada sagrada que aparece primeiramente nas *Upaniṣad* (aprox. VIII a. C.) como monossílabo místico, cuja enunciação, no início ou no final de um texto, deve assegurar a eficácia da mensagem veiculada.

² Lakṣmī, deusa da prosperidade e esposa de Viṣṇu; Durgā, esposa de Ṣiva; Gaṇeça, deidade da sabedoria e personificação da prosperidade, da paz e do bem-estar; filho de Ṣiva e Pārvatī (outro nome de Durgā).

³ Esta invocação a quase todas as divindades reverenciadas na Índia não aparece em todos os manuscritos do *Pañcatantra*, sendo considerada por alguns estudiosos uma interpolação no texto. Brahman, criador do mundo e primeiro da tríade de deuses do hinduísmo. Rudra, também chamado Ṣiva, terceiro deus da tríade; Kumāra, deus da guerra, filho de Ṣiva e Durgā; Hari (ou Viṣṇu), segundo deus da tríade; Varuṇa, deus das águas; Yama, deus que governa os espíritos dos mortos; Vahni (ou Agni), deus do fogo; Indra, deus dos fenômenos atmosféricos; Kubera, deus das riquezas; Candra, a lua, personificada como divindade; Āditya, epíteto de Sūrya, o sol deificado; Sarasvatī, deusa da eloquência e da sabedoria; *yuga*, os quatro períodos de tempo cósmico entre a criação e a destruição do mundo; Vāyu, deus do vento; Siddha, semi-deuses de grande pureza e perfeição; Aṣvin, deidades gêmeas, deuses médicos do céu; Ṣrī, epíteto de

Assim, esta obra, em qualquer tempo e lugar,

seja homenagem a Manu, Vācaspati, Çukra, Parāçara e seu filho, e ao sábio Cāṇakya,⁴ autores de tratados sobre política! (1)⁵

Ao perceber que esta era a essência de toda a ciência política do mundo, Viṣṇuçarman⁶ elaborou este cativante tratado, em cinco partes. (2)

Assim, eis o que sempre se ouve:

Num distrito do sul, há uma cidade chamada Mahilāropya. Lá existiu um rei chamado Amaraçakti,⁷ árvore *kalpa*⁸ de todos os necessitados, profundo conhecedor de todas as artes, que tinha, a cobrir-lhe os pés, feixes de raios luminosos, originados pelas gemas das tiaras de soberanos eminentes. Seus três filhos, que se chamavam Vasuçakti, Ugraçakti e Anekaça-

Lakṣmī; Diti, mãe dos Daitya (espécie de demônios); Aditi, mãe dos Āditya (seres celestes); Caṇḍikā, epíteto de Durgā; Veda, os quatro livros da sabedoria; Gaṇa, hostes de divindades inferiores, comandadas por Gaṇeça; Vasu, outras divindades subalternas.

⁴ Manu, considerado como o primeiro homem a oferecer uma oblação aos deuses; a ele é atribuída a autoria do *Manava-dharmaçāstra* (“Código de leis de Manu”); Vācaspati, epíteto de Bṛhaspati, preceptor dos deuses e regente do planeta Júpiter; Çukra, regente do planeta Venus, também considerado autor de uma obra sobre política; Parāçara, sábio a quem é atribuída uma obra sobre jurisprudência; o filho de Parāçara, Vyāsa, é considerado compilador da epopéia *Mahābhārata*; Cāṇakya ou Kauṭilya, autor do *Arthaçāstra* (“Tratado de Política”).

⁵ Estes números entre parênteses indicam, no texto em *devanāgarī*, a ordem em que estão colocados os diversos *çloka* (estrofes de 2 versos com 16 sílabas cada) ou outros tipos de versos, que se interpolam no texto. Conservamos aqui a numeração e os *çloka* do texto narrativo, como fizeram os compiladores e como fazem em geral os tradutores do *Pañcatantra*.

⁶ Viṣṇuçarman, “protegido de Viṣṇu”, nome do brâmane a quem é atribuído o *Pañcatantra*.

⁷ Amaraçakti, “que tem poder imortal”.

⁸ *kalpadruma*, uma das cinco árvores do paraíso de Indra, capaz de produzir tudo o que se lhe pede.

kṛti,⁹ eram muito ignorantes. Então, o rei, percebendo-os desinteressados na ciência, convocou seus ministros e disse:

– Ai de mim! Bem sabem Vossas Excelências que todos os meus três filhos são hostis ao estudo e desprovidos de discernimento. Ao vê-los assim, o reino, apesar de tão grande, não me traz felicidade. Ou, com mais exatidão, se diz isto:

Dentre os filhos, um não-nascido, um morto ou um estúpido, são preferíveis aqueles dois, o morto e o não-nascido, pois eles causam pequena dor; o tolo, por outro lado, pode atormentar durante toda a vida. (3)

É preferível o aborto, é preferível abster-se de relações sexuais no período fértil, é preferível o natimorto e é preferível até que nasça mulher; é preferível a esposa estéril e é mesmo preferível que permaneça no útero, a ter um filho ignorante, mesmo dotado de bela aparência, riqueza e virtudes. (4)

O que se faz com a vaca que não concebe, nem é leiteira? Qual a utilidade de um filho vivo, que não é sábio, nem piedoso? (5)

– Para que aconteça o despertar da sua inteligência, – continuou o rei, – é preciso que se ponha em prática alguma estratégia. Eis aqui estabelecida uma assembléia de quinhentos sábios, cuja subsistência é garantida por mim; portanto, que se esforcem para que meus desejos se encaminhem para o sucesso.

Um disse:

– Majestade, a gramática é estudada durante doze anos; depois disso, estudam-se os códigos de leis, de Manu e outros, os tratados de política, de Cāṅkya e outros, os tratados sobre o

⁹ Vasuṅkṛti, “que tem poder excelente”, Ugraṅkṛti, “que tem poder terrível” e Anekaṅkṛti “que tem muitos poderes”.

amor, de Vātsyāyana¹⁰ e outros, e assim então os tratados de justiça, política e amor ficam conhecidos; em consequência, acontece o despertar da consciência.¹¹

Do centro da assembléia, o ministro Sumati¹² declarou:

– Não é eterna a duração da vida e leva-se muito tempo para que se apreendam as ciências das palavras. É preciso encontrar-se algum compêndio conciso para a compreensão delas. E, por isso, se diz:

A ciência das palavras é deveras infinita, enquanto a vida é diminuta e os obstáculos são numerosos; portanto, a essência deve ser recolhida, rejeitando-se o inaproveitável, do mesmo modo que o cisne recolhe o leite do oceano.¹³ (6)

– A propósito, há um brâmane chamado Viṣṇuçarman, proficiente em todas as ciências, famoso entre os estudantes. Que os príncipes lhe sejam entregues! Certamente ele os tornará esclarecidos em pouco tempo.

Depois de ouvir isso, o rei convocou Viṣṇuçarman e disse:

– Ó venerável, faze, por meu benefício, que meus filhos se tornem rapidamente sábios inigualáveis na ciência política. Neste caso, eu determinarei que recebas cem concessões territoriais.

¹⁰ Vātsyāyana, nome do autor do tratado *Kāmasūtra*, “aforismos sobre o amor”, o mais famoso e talvez o mais antigo texto acerca da doutrina do *kāma*, um dos três grandes domínios das atividades que regem a vida dos indivíduos das três classes mais altas. Os outros domínios são *artha* (“interesses”, “vantagens”) e *dharma* (“dever”).

¹¹ No texto, o termo *pratibodhana* refere-se ao objetivo mais elevado da vida humana, posterior aos três domínios já citados.

¹² Sumati, “que tem muita inteligência”.

¹³ Um conto popular da Índia aponta a existência de duas classes de cisnes: o cisne comum e outro superior, que vive no paraíso e raramente aparece na terra. Para descobrir se um cisne é da classe superior, coloca-se diante dele uma vasilha com água e leite misturados, pois o cisne celeste tem o poder de tomar apenas o leite, deixando a água na vasilha.

Viṣṇuçarman, porém, disse ao rei:

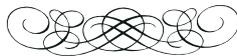
– Majestade, que se ouça minha promessa. Eu não faço comércio com a ciência, nem mesmo por cem concessões territoriais. Todavia, se no prazo de seis meses não tornar vossos filhos versados nas ciências morais, então renunciarei ao meu próprio nome.

Ouvindo a proposta difícil de realizar, o rei, então, exultante e perplexo, junto com o ministro, entregou os príncipes a Viṣṇuçarman, sentindo-se extremamente feliz.

Desta forma, Viṣṇuçarman os acolheu, compondo cinco livros – **A Desunião de Amigos, A Aquisição de Amigos, A História dos Corvos e das Corujas, A Perda do Bem Conquistado e A Ação Impensada**¹⁴ – para que os príncipes fossem instruídos. Estes, tendo-os estudado durante seis meses, alcançaram o que fora previsto. Desde então, o tratado de moral chamado **PAÑCATANTRAKA**¹⁵ circula pelo mundo com o propósito de educação dos jovens. Por que argumentar mais?

Quem estuda sempre este tratado de moral e o conhece de cor jamais é apanhado pela destruição, mesmo que esta seja proveniente de Çakra.¹⁶ (7)

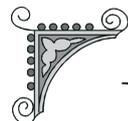
FIM DO PRÓLOGO



¹⁴ Estes são os títulos dos cinco livros que formam o *Pañcatantra*.

¹⁵ *Pañcatantraka*, o mesmo que *Pañcatantra*.

¹⁶ Çakra, “poderoso”, epíteto de Indra.



LIVRO I





A DESUNIÃO DE AMIGOS



omeça aqui o primeiro livro, intitulado **A Desunião de Amigos**, cuja primeira estrofe é esta:

A grande amizade que crescia entre um leão e um touro, na floresta, foi completamente destruída por um chagal maledicente e muito ambicioso. (1)

Assim, eis o que sempre se ouve:

Num distrito do sul, há uma cidade chamada Mahilāropya. Lá viveu um filho de mercador, chamado Vardhamānaka,¹⁷ muito rico devido ao ouro acumulado honestamente. Certa vez, à noite, deitado em seu leito, ocorreu-lhe um pensamento: mesmo na vultuosa riqueza, a estratégia de lucros monetários deve ser pensada e praticada. Com razão, se diz:

Não existe, na verdade, coisa alguma que não se adquira com dinheiro; portanto o homem inteligente deve conquistá-lo pelo seu esforço, como único objetivo. (2)

Quem possui riquezas possui amizades; quem possui riquezas possui familiares; quem possui riquezas é homem aqui na terra; quem possui riquezas é sábio. (3)

Não há ciência, nem generosidade, nem arte, nem ofício, nem mesmo estabilidade dos ricos que não seja cantada pelos pedintes. (4)

¹⁷ Vardhamānaka, “que prospera”.

Neste mundo, até o inimigo dos ricos age como se fosse parente; entre os pobres, mesmo o parente age sempre como vilão. (5)

Das riquezas, que são acumuladas e concentradas de todos os lados, partem os empreendimentos, da mesma forma que das montanhas partem os rios. (6)

Honra-se até quem não deve ser honrado; ama-se até quem não deve ser amado; louva-se até quem não deve ser louvado; este é o poder da riqueza. (7)

Do mesmo modo que os órgãos do sentido podem existir por causa do alimento, os empreendimentos podem ser completados por esta razão: diz-se que a fortuna é produtora de tudo. (8)

Um homem, ávido por riquezas, mora até num cemitério; depois de abandonar o próprio pai, vai-se embora para longe. (9)

Se as riquezas pertencem a homens de idade avançada, estes são jovens; os abandonados pela riqueza, porém, são velhos, mesmo que estejam na adolescência. (10)

E o enriquecimento dos homens ocorre de seis maneiras: pela mendicância, pelo serviço ao soberano, pela agricultura, pela aquisição de conhecimentos, pela usura ou pelo comércio. Com efeito, a conquista da fortuna deve se dar através do comércio, a maneira mais perfeita entre todas essas. E, por isso, também se diz:

A mendicância é cultivada por homens de casta inferior; o soberano, infelizmente, não concede o merecido; a agricultura é penosa; a ciência é muito árdua, com a prática disciplinar do mestre; da usura provém a pobreza, pelo desaparecimento da bolsa que vai para as mãos de outros. Não creio existir ocupação ainda melhor do que o comércio, neste mundo. (11)

De todas as estratégias, a estratégia de estoque de mercadorias é a preferida para enriquecer, porque qualquer outra além desta é de natureza incerta. (12)

Para o acúmulo de riqueza, o comércio pode existir de sete maneiras, tais como: o comércio de perfumes, o provento com penhores, um negócio em sociedade, a aproximação de um comprador conhecido, a informação mentirosa de preço, os falsos pesos e medidas e a importação de mercadorias estrangeiras. Assim, pois:

Dentre as mercadorias, o perfume é a que deve ser comprada. Por que comprar outras, como ouro e demais coisas, se o perfume que é comprado por um é vendido por cem? (13)

Quando um penhor é deixado na mansão, o chefe glorifica sua divindade pessoal: “Se o depositante morrer, oferecer-te-ei uma oblação”. (14)

Feliz, o chefe responsável pelos negócios de uma sociedade comercial pensa em seu coração: “Hoje obtive uma terra abundante em riquezas; por que desejar outra coisa?” (15)

Ele, vendo, com ansiedade, um comprador conhecido que chega, exulta tão ávido pela fortuna quanto pelo filho que nasce. (16)

Além disso:

O logro aos conhecidos com a medida cheia e não cheia, bem como a constante informação de preço incorreto, deve ser o costume próprio dos *kirāta*.¹⁸ (17)

E também:

Hábeis na compra de mercadorias, homens que foram a outro país distante alcançam pelo esforço o patrimônio duplicado ou triplicado. (18)

¹⁸ *kirāta*, nome de uma tribo montanhesa de costumes considerados degenerados.

Depois de assim refletir e de juntar mercadorias, que seriam levadas para Mathurā, num dia propício, despediu-se dos veneráveis parentes, subiu à carruagem e partiu. Seus dois touros de sinais auspiciosos, criados na casa e chamados Saṁjīvaka e Nandaka,¹⁹ foram feitos bestas de carga. Um dos dois, o chamado Saṁjīvaka, desceu à margem do Yamunā.²⁰ Chegando até a maré de lama, sua perna afundou rapidamente, causando a quebra da canga, e ele caiu. Ao vê-lo naquele estado, Vardhamānaka entrou em depressão e por isso interrompeu a jornada durante três noites, com o coração enternecido pela afeição.

Vendo-o abatido, os companheiros então disseram:

– Ó Vardhamānaka, por que o senhor condena, por causa do touro, a caravana inteira à incerteza, nesta floresta muito perigosa, apinhada de tigres e leões? Afinal:

O homem inteligente não deve causar a perda de muito por causa de pouco, pois a sabedoria é justamente a preservação de muito, à custa de pouco. (19)

Após refletir sobre isso, Vardhamānaka indicou os homens para a guarda de Saṁjīvaka e partiu, conduzindo o resto da caravana. No dia seguinte, porém, os homens da guarda, percebendo que a floresta era muito perigosa, abandonaram o touro e quando alcançaram a caravana disseram, mentindo:

– Senhor, Saṁjīvaka morreu e foi cremado solenemente por nós, que sabíamos o quanto era querido por Vossa Senhoria.

Ouvindo isto, Vardhamānaka, agradecido e com o coração impregnado de afeição, organizou rituais fúnebres completos em honra do morto, com a libertação de um touro e outros rituais.

¹⁹ Saṁjīvaka, “servidor” e Nandaka, “alegre”; Saṁjīvaka é um dos protagonistas da história-quadro, neste primeiro livro.

²⁰ Yamunā, rio da Índia, afluente do Ganges e em cuja margem direita está situada a cidade de Mathurā.

Samjīvaka, entretanto, não estando ainda prestes a morrer, levantou-se com dificuldade e aproximou-se da margem do rio, com o corpo fortalecido pelos ventos mais frescos, misturados com águas do Yamunā. Lá, comendo as pontas de grama tenra, semelhantes a esmeraldas, tornou-se, depois de alguns dias, corpulento, portador de uma grande corcova e forte como o touro de Çiva.²¹ Todos os dias, abria com os dois chifres os topos espigados dos formigueiros e mugia. É, portanto, muito correto, o que se ensina:

Um desprotegido, se recebe proteção dos deuses, permanece vivo; um bem-protegido, se é ferido pelos deuses, perece. O desvalido sobrevive, mesmo abandonado na floresta; o bem-assistido até em casa morre. (20)

Certo dia, o leão chamado Piñgalaka,²² atormentado pela sede, descia até a margem do Yamunā, rodeado por todos os animais da floresta, a fim de tomar água, quando ouviu ao longe a voz muito grave de Samjīvaka. Com o coração perturbado, escondendo a expressão temerosa, postou-se embaixo de uma figueira, numa formação em quatro círculos, que era assim: o leão, seus acompanhantes, os servos de sentinela e os batedores.

Dois chacais chamados Karaṭaka e Damanaka,²³ filhos de um ministro, mas com os privilégios perdidos, seguiam o leão passo a passo e consultavam-se mutuamente. Damanaka disse:

– Meu caro Karaṭaka, nosso rei Piñgalaka, que descia em direção à margem do Yamunā para tomar água, está parado tão longe. Por que, apesar de perturbado pela sede, ele retornou, pro-

²¹ Çiva, terceiro deus da tríade hindu, muitas vezes representado sobre seu touro Nandin.

²² Piñgalaka, “ruivo”. Tal personagem representa o rei da floresta, também protagonista desta história-quadro do primeiro livro.

²³ Karaṭaka, “gralha” e Damanaka, “domador”, também são protagonistas. Na coletânea árabe *Calila e Dimna*, tradução da presumida primeira compilação do *Pañcatantra*, os nomes dos dois chacais, adaptados ao árabe, talvez por corruptelas do persa (Karaṭaka > Calila e Damanaka > Dimna) deram o título à obra.

moveu o arranjo do esquadão e permanece embaixo da figueira, vencido pelo abatimento?

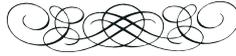
– Meu caro, disse Karaṭaka, que interesse temos nisso? Pensando bem:

O homem que deseja se intrometer nos negócios alheios caminha de fato para o fim, como o macaco que retirou a cunha.²⁴ (21)

Damanaka perguntou:

– Como foi isso?

Karaṭaka contou:

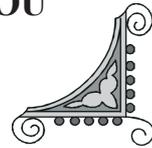


²⁴ Este *çloka* promove o encaixe da primeira fábula, na história principal do primeiro livro. Cada fábula tem a função de veicular um ensinamento, o que costumamos chamar de “moral”, e se insere na trama através de estrofes específicas, que aguçam a curiosidade, tanto do interlocutor, como do leitor/ouvinte.



FÁBULA I

**O MACACO QUE RETIROU
A CUNHA**





erto de uma cidade, no centro de um bosque, havia um local de peregrinação dedicado a uma divindade, uma construção iniciada por um certo filho de mercador. E lá, ao meio-dia, os trabalhadores, o mestre de obras e os outros iam ao centro da cidade para comer.

Certa vez, lá chegou um bando de macacos da vizinhança, vagueando de um lado para outro. Um poste feito com madeira da árvore *añjana*, cortado ao meio por um dos trabalhadores, estava em pé e havia uma cunha de *khadira*²⁵ fixada no meio das duas partes. Os macacos então começaram a brincar à vontade, nas extremidades das vigas, em cima do terraço e no cimo das árvores. E, dentre eles, um, cuja morte estava iminente, sentou-se no poste serrado ao meio, segurou, por curiosidade, a cunha com as duas mãos e, tão logo começou a puxá-la, seus testículos entraram no meio do poste, exatamente no lugar da cunha retirada. O que depois aconteceu já foi contado. Por isso, eu digo:

“O homem que...” [*çloka* 21]²⁶

– Nós dois só temos resto de comida como alimento; que interesse temos nisso? – completou Karaṭaka.

– O quê? – protestou Damanaka. Você está interessado só mesmo em comida? Isto não é correto, pois o que se ensina é:

²⁵ Árvore conhecida no ocidente como “acácia”, de madeira muito dura.

²⁶ O mesmo *çloka* que introduziu a fábula é mencionado, no texto original, apenas pela primeira palavra. Aqui, por exemplo, seria retomado o ensinamento expresso no *çloka* 21: “O homem que deseja se intrometer nos negócios alheios caminha de fato para o fim, como o macaco que retira a cunha.” Para facilitar a leitura, indicaremos sempre entre colchetes o número do *çloka* a ser retomado.

Para ajudar os amigos e também para causar prejuízo aos inimigos, o sábio procura refúgio junto ao soberano. Quem não sustenta o próprio estômago? (22)

– Além disso:

Quando muitos vivem à custa de um, este é o que realmente vive. O que não fazem os pássaros, com o bico, para a satisfação do próprio estômago? (23)

O que se vive, embora só por um instante, divulgado e reunido por homens que têm nobres virtudes de sabedoria, heroísmo e majestade, é o que os sábios chamam vida neste mundo. Até o corvo vive por muito tempo e se alimenta de oblações.²⁷ (24)

Um pequeno rio pode ser fácil de encher; uma cova de rato pode ser fácil de encher; um homem vil, fácil de contentar, contenta-se com muito pouco. (25)

– Pois:

De que serve, na verdade, o nascimento de quem rouba a juventude da mãe, de quem não se eleva acima de sua própria família, como um estandarte? (26)

No ciclo das transmigrações, qual morto não renasce? Nascido, porém, é aquele que aí cintila superior à família. (27)

– E também:

²⁷ As oblações propiciatórias consistem em oferecer porções de comida, como arroz e outros grãos a certas divindades, muitas vezes jogando aquelas porções fora da casa. O corvo, portanto, vive dessas oblações.

A utilidade da existência até daquela grama nascida à margem do rio é tornar-se a sustentação para as mãos do homem desesperado que se afoga na água. (28)

– E ainda:

Os homens virtuosos nascem raros no mundo como as nuvens de chuva a vagar nas alturas em sua plenitude, abrandando o ardor dos homens. (29)

Os sábios recordam a insuperável dignidade daquela que gera no útero aquele que se torna venerável até entre os grandes homens. (30)

Mesmo forte, o homem cuja força não se manifestou recebe menosprezo. Permanecendo no interior da madeira, o fogo deve ser desprezado, mas não quando se torna incandescente. (31)

Karaçaka disse:

– Nós dois somos apenas subordinados. Que interesse, então, temos nisso? Assim se propaga:

O subordinado que, sem ser interrogado, fala diante do soberano é tolo; recebe não só censura, mas também desprezo. (32)

– E assim:

A palavra deve ser empregada lá onde o que é dito consiga fruto e permaneça estável para sempre, assim como a cor permanece na tela branca. (33)

– Não fale assim – retrucou Damanaka –, pois:

Quem não é ministro pode tornar-se ministro, se servir ao rei; da mesma forma, o ministro pode ser ex-ministro, se for excluído do serviço. (34)

O soberano favorece o homem que está próximo, mesmo que este seja ignorante, de baixa estirpe ou mal-educado; os monarcas, as mulheres e as plantas trepadeiras habitualmente abraçam o que está perto. (35)

Os servidores que distinguem as propriedades essenciais do ódio das do bom humor, conseguem aos poucos montar no rei, mesmo que depois ele dê coices. (36)

O refúgio dos sábios, dos ambiciosos, dos que possuem habilidade e coragem e dos que conhecem a função de serviço é exclusivamente junto ao soberano. (37)

Aos que não se aproximam dos soberanos devido ao grande poder pelo nobre nascimento e outras qualidades, a eles é destinada a mendicância como penitência até a morte. (38)

Os insensatos que proclamaram serem os reis difíceis de se conquistar, denunciaram sua própria insanidade, sua preguiça e sua insensibilidade. (39)

Tendo visto serpentes, tigres, elefantes e leões subjugados por artimanhas de todos os tipos, qual a importância de um monarca tanto entre os sábios quanto entre os incautos? (40)

Asilando-se junto ao monarca, o sábio alcança a suprema forma de existência; exceto nas montanhas da Malabar, o sândalo não se desenvolve em outro lugar. (41)

Guarda-sóis brancos, belos garanhões e elefantes sempre inebriados manifestam-se quando o rei está satisfeito. (42)

Karataka perguntou:

– Então, o que você pretende fazer?

Damanaka respondeu:

– Agora Piñgalaka, senhor de todos nós, permanece assustado e a corte também. Depois de chegar a ele e de compreender a causa do medo, optarei por uma ação²⁸ dentre estas: paz, guerra, investida, posição de defesa, aliança defensiva ou duplicidade.

– Como sabe você que o amo está cheio de medo? perguntou Karaṭaka.

O outro retrucou:

– O que há nisso para saber-se? É assim que se diz:

Uma ordem explicitada é compreendida até por uma besta, e cavalos e elefantes transportam como lhes é indicado. O homem instruído conjectura mesmo sobre o que não é dito; as faculdades intelectuais são, de fato, frutos do conhecimento adquirido por meio dos gestos exteriores. (43)

– E, de acordo com Manu:

Percebe-se o pensamento íntimo pelas expressões exteriores, pelos gestos, pelo movimento, pela atitude, pela voz e pelas alterações dos olhos e da face. (44)

– Então hoje vou aproximar-me dele, que está perturbado pelo medo e, com o poder de minha inteligência, vou livrá-lo do medo, submetendo-o à minha vontade; assim alcançarei meu cargo de ministro.

Karaṭaka disse:

– Você não está familiarizado com a função de servir. Então, como vai dominá-lo?

²⁸ Este conjunto é conhecido como *ṣaḍguṇa* (“seis qualidades”), seis modos de ação utilizados pelos estadistas em manobras militares.

– Ora – respondeu Damanaka –, exatamente como o grande bardo Dhaumya explicou aos Pāṇḍava, no tempo em que serviram na cidade do rei Virāṭa, todos os deveres do serviçal que assim ficaram conhecidos:²⁹

Três espécies de homens escolhem a terra florida de ouro: o valente, o instruído e o que sabe servir. (45)

O serviço que é estabelecido pelo amo deve ser acatado, acima de tudo como uma regra; o sábio deve, por este meio, refugiar-se junto ao rei e não deve ser de outro modo. (46)

O sábio não deve servir a quem não distingue entre diferentes qualidades; de fato, deste não nasce fruto algum, como de uma terra salina, mesmo bem arada. (47)

Mesmo privado de riquezas e de súditos, aquele que é dotado de qualidades para ser servido é quem deve ser servido; disto provém a subsistência como recompensa, mesmo depois de algum tempo. (48)

Mesmo que fique parado como um poste, que desmaie, atordado pela fome, o sábio não deve procurar obter o sustento que é proveniente de alguém destituído de espírito. (49)

O servo odeia o senhor avarento e que fala insultuosamente. Não odeia a si mesmo aquele que não sabe quem é digno ou indigno de ser servido? (50)

Tendo procurado abrigo junto ao rei que não oferece repouso, os servos, oprimidos pela fome, vão embora. Esse soberano é semelhante ao *arka*,³⁰ que deve ser abandonado, mesmo estando sempre com flores e frutos. (51)

²⁹ Episódio do épico *Mahābhārata*, cuja narrativa principal trata da rivalidade entre os Pāṇḍava (“descendentes de Pāṇḍu”) e seus primos Kaurava (“descendentes de *Kuru*”): um brâmane, chamado Dhaumya, conduz os Pāṇḍava, que haviam passado doze anos exilados na floresta, até a cidade do rei Virāṭa, onde devem permanecer incógnitos e disfarçados de serviçais durante um ano. Na despedida, o brâmane ensina os príncipes o modo correto de servir.

³⁰ *arka*, *Calotropis gigantea*, planta cujas flores e frutos não são usados em ornamentação, nem na culinária.

Deve-se agir sempre em relação à mãe do rei, à rainha, ao príncipe, ao primeiro ministro, ao capelão familiar e ao porteiro como se age em relação ao rei. (52)

Aquele que ao ser chamado exclama “Viva!”, que entende o que deve ser feito e que o faz sem hesitação, pode tornar-se favorito do rei. (53)

Quem colocar em belo vaso a riqueza produzida pelo favor do amo e dotar o corpo de roupas e outros acessórios poderá tornar-se favorito do rei. (54)

Aquele que não mantém conversa com os guardas do gineceu, nem com as esposas do soberano, pode tornar-se favorito do rei. (55)

“Eu estou sempre de acordo com o amo!” Quem assim pensar e não ultrapassar a fronteira da boa conduta, mesmo nas dificuldades, poderá tornar-se favorito do rei. (56)

O homem que sempre hostiliza com ódio a quem odeia o soberano e realiza os desejos dos amigos pode tornar-se favorito do rei. (57)

Quem considerar o jogo semelhante a um mensageiro de Yama,³¹ o vinho equivalente ao veneno *hālāhala*³² e as esposas como formas ilusórias pode tornar-se favorito do rei. (58)

Quem for sempre à frente no tempo de guerra e atrás na cidade e, no palácio, ficar postado à porta do senhor poderá tornar-se favorito do rei. (59)

Karataka disse:

³¹ Yama, divindade que preside o mundo dos antepassados e julga os espíritos dos mortos.

³² *hālāhala*, veneno mortal preparado com a raiz da planta de mesmo nome. De acordo com um dos mitos da criação, tal veneno teria emergido da batidura do oceano.

– Então, ao chegar lá, o que dirá em primeiro lugar? Conte-me antes.

Damanaka respondeu:

Quando se fala, as palavras engendram outras palavras, assim como a semente surge de novo da semente, excelente em qualidade devido às chuvas propícias. (60)

Os sábios demonstram, como algo que salta aos olhos, que o fracasso produzido pela manifestação de infortúnio e o sucesso produzido pela manifestação de habilidade são resultantes da qualidade de conduta. (61)

Na voz de uns, como um papagaio, no coração de outros, como um mudo; assim, sábias estrofes soam agradavelmente no coração e na voz de outros. (62)

– E eu não falarei inoportunamente, pois outrora, estando ao colo de meu pai, eu escutava o *Nītisāra*.³³

Mesmo Bṛhaspati,³⁴ dizendo uma palavra inoportuna, recebe desprezo quanto à inteligência e o maior desrespeito. (63)

Karaṭaka ponderou:

Os monarcas, de fato, são como as montanhas: sempre difíceis de sobrepujar, sitiados por feras, muito inconstantes, duros e servidos por malfeitores. (64)

– E também:

Os monarcas são como as serpentes: sensuais, envoltos em couraça, sinuosos, de ações sangrentas, extremamente maus e devem ser dominados com palavras mágicas. (65)

³³ *Nītisāra*, “essência da boa conduta”; nome de um tratado sobre moral.

³⁴ Bṛhaspati, “senhor das preces”; nome de uma divindade, regente do planeta Júpiter e preceptor dos deuses. A ele são atribuídas muitas máximas morais, uma obra de jurisprudência e um tratado sobre a arte de governar. Às vezes é confundido com Vyāsa, suposto compilador da epopéia *Mahābhārata*.

A posição junto aos monarcas, difícil de alcançar e reverenciada no mundo inteiro, é como a qualidade de brâmane, que fica manchada mesmo pela menor falta. (66)

As glórias junto aos monarcas são difíceis de atingir, difíceis de conquistar e difíceis de manter. Concedidas a alguém, permanecem durante muito tempo como a água num reservatório. (67)

Damanaka retrucou:

– Isso é verdadeiro, porém:

Penetrando na natureza de alguém, o homem sábio imediatamente pode subjugar-lhe a vontade. (68)

A submissão aos desejos do protetor é a conduta adequada dos empregados; e mesmo os *rākṣasa*³⁵ são dominados pelos que se submetem à sua vontade. (69)

O discurso laudatório ao soberano zangado, a afeição ao que ele estima, o ódio ao que ele odeia e o elogio de suas dádivas são o modo de enfeitiçá-lo sem fórmulas mágicas. (70)

Karaṭaka disse:

– Se é este o seu desejo, então que lhe sejam auspiciosos os caminhos, que se realize assim a sua vontade.

Damanaka saudou Karaṭaka com uma reverência e avançou na direção de Piṅgalaka. Este, percebendo a chegada de Damanaka, disse ao porteiro:

³⁵ *rākṣasa*, espécie de semi-divindade, que geralmente é um gênio malvado, representado de diversas maneiras: às vezes é um gigante inimigo dos deuses; outras é guardião dos tesouros do deus Kubera, ou então é uma espécie de vampiro que vive nos cemitérios, utilizando os cadáveres para se movimentar. Tomam a forma que quiserem e costumam atrapalhar os sacrifícios.

– Pode remover a vara de bambu. Este que chegou é dos nossos, é Damanaka, filho de um antigo ministro. Que entre, fique no segundo círculo³⁶ e fale a verdade.

Então Damanaka aproximou-se do assento indicado, fez uma reverência e, com a permissão recebida, sentou-se. O rei, assim, estendendo para cima a mão direita, adornada com unhas semelhantes a raios, disse com deferência:

– Seja bem-vindo! Quanto tempo sem vê-lo! Por quê?

O chacal respondeu:

– Vossa Majestade não tem necessidade alguma de nós. Mesmo assim, em ocasião oportuna, é preciso que se fale, porque os soberanos têm necessidade de todos: superiores, médios e inferiores, pois sabe-se que:

Constantemente, os mestres têm necessidade de uma folha de grama, que serve como palito de dente ou mesmo para o esgravatar da orelha. Quanto mais de um homem dotado de fala e mãos? (71)

– Desse modo, por linhagem, nós somos ministros de Vossa Majestade, devotados até nos infortúnios. Se, mesmo assim, não nos é assegurado nosso cargo, é porque Vossa Majestade não procede corretamente. É assim que se ensina:

Os servidores e os ornamentos devem ser colocados em lugar adequado, porque a jóia não aparece se usada no pé. (72)

– Portanto:

Aquele que não reconhece as qualidades não é obedecido pelos servidores, mesmo que seja um rei muito rico, bem-nascido e levado ao trono por sucessão. (73)

³⁶ *dvitiyamaṇḍala*, “segundo círculo”, ou seja, distância necessária de permanência dos ministros e dos súditos em relação ao rei.

– E se comprova:

Um servidor abandona o rei por três motivos: por ser tratado como igual pelos inferiores, por não ter a consideração de seus iguais e por estar em cargo que não lhe é adequado. (74)

– E quando o monarca, por falta de discernimento, emprega num posto vil e inferior servidores qualificados para cargos elevados, de modo que eles não permanecem lá, a falha é do rei e não deles, pois se diz:

Se uma gema digna de engaste em jóia de ouro for fixada em estanho, de modo que ela não chame a atenção e também não brilhe, a responsabilidade é do engastador. (75)

– E já que o amo assim diz: “Você aparece, finalmente!”, isto também deve ser lembrado:

Onde não se percebe a diferença entre a mão esquerda e a mão direita, que homem respeitável, com recursos de subsistência, pode lá permanecer, mesmo por um instante? (76)

Na proximidade dos que não sabem discernir se a jóia é vidro ou se o vidro é jóia, o servidor, mesmo só de nome, não permanece. (77)

Quando o amo trata os servidores com igualdade, sem distinção, a energia dos que são competentes pelo esforço é desperdiçada. (78)

Não há senhor sem os servos, nem servos sem o senhor. É próprio deles este modo de existência baseado na reciprocidade. (79)

Sem os servidores, o monarca, mesmo que por si mesmo preste assistência ao povo, é como o sol que, mesmo poderoso, sem os raios, não brilha. (80)

O eixo é sustentado pelos raios e os raios estão fixos no eixo; do mesmo modo gira a roda da existência de senhores e servos. (81)

Até os cabelos, seguros pela cabeça e tratados constantemente com óleos, perdem a vitalidade quando mal cuidados. Como será então com os servidores? (82)

O monarca, mesmo satisfeito com os servidores, paga-lhes só com dinheiro; eles, contudo, por mero respeito, entregam até a vida. (83)

Entendendo-se assim, devem ser treinados como servidores pelo soberano os que são sagazes, bem-nascidos, corajosos, competentes, devotados e vindos por sucessão. (84)

O servidor, a quem foi confiada uma tarefa, cumprida sem medo e com inteligência, é comparável a uma fortaleza sem rival. (85)

O rei está bem acompanhado por aquele que, tendo executado para o monarca um bom serviço, difícil de fazer e vantajoso no mais alto grau, nada fala por modéstia. (86)

Quem se aproxima sem ser chamado, fica postado sempre junto à porta e fala com veracidade e moderação ao ser interrogado, é um servidor digno dos reis. (87)

Aquele que, ao observar algo prejudicial ao rei, mesmo não recebendo ordens, esforça-se para combater aquele mal, é um servidor digno dos reis. (88)

Quem, mesmo espancado, injuriado e punido pelo rei não pensa em maldade, é um servidor digno dos reis. (89)

Quem não se aflige pela fome e jamais pelo sono, nem pelo frio, calor e outros desconfortos, é um servidor digno dos reis. (90)

Aquele que, tomando conhecimento de batalhas e fatalidades prestes a ocorrer contra seu senhor, pode apresentar-se com a face tranqüila, é um servidor digno dos reis. (91)

Se, quando ele está em serviço, os limites do território se expandem, como a lua na fase crescente, ele é um servidor digno dos reis. (92)

Mas, se os limites se contraem, como um couro depositado no fogo, quando um servidor está no serviço, ele deve ser expulso por quem cuida do reino. (93)

– Assim, se o amo, considerando que sou um chacal, me despreza, age injustamente, pois se diz:

A seda é produzida por vermes; o ouro é proveniente da rocha; a *dūrvā*, do pelo de vaca;³⁷ o lótus, do lodo; a lua, do oceano; o botão de lótus azul, do esterco; o fogo, da lenha; a pedra preciosa, do capelo das serpentes;³⁸ a *rocanā*,³⁹ da bÍlis de vaca. Os homens que têm qualidades chegam à celebridade pelo valor de seus próprios méritos; por que seria pelo nascimento? (94)

O rato, embora nascido em casa, deve ser abatido; é maléfico. O gato, que presta serviços, é agraciado pelos homens com dádivas de alimento. (95)

Assim como algo que deve ser feito com madeira não se faz com *eraṇḍa*, *bhiṇḍa*, *arka* ou *nala*,⁴⁰ mesmo abundantes e compactos, assim também não há utilidade para os ignorantes. (96)

³⁷ *dūrvā*, *Panicum dactylon*, nome de uma grama. No texto, há um jogo de palavras, pois uma espécie de grama, *ṣvetadūrvā* (“grama branca”), também é chamada *golomī* (“pelo de vaca”).

³⁸ Na Índia antiga, acreditava-se que as serpentes envelhecidas tinham uma pedra preciosa na cabeça.

³⁹ *rocanā*, “céu luminoso”; nome de um pigmento amarelo, preparado com bÍlis de vaca e utilizado como remédio, tintura ou perfume.

⁴⁰ *eraṇḍa*, *Ricinus communis* ou *Palma Christi*, “mamona”; *bhiṇḍa*, *Abelmoschus esculentus*, nome de uma planta; *arka*, *Calotropis gigantea*, planta de folhas grandes; *nala*, *Amphidonax karca*, “junco”.

Para que serve um criado devotado, mas incapaz? Para que serve um competente, porém maléfico? Sou devotado e competente, ó rei. Vossa Majestade não deve desprezar-me. (97)

Piñgalaka disse:

– Assim deve ser mesmo! Incompetente ou competente, você é filho de nosso antigo ministro. Diga, pois, com confiança o que deseja falar.

– Majestade – Damanaka esclareceu –, há uma coisa que deve ser comunicada.

– É desejável que se saiba o que é, disse então o rei.

O chacal retrucou:

Por mais insignificante que seja o assunto do rei, não deve ser dito no centro de uma assembléia. Isto proclamou Bṛhaspati. (98)

– Então, Majestade, ouça em particular o que tenho a dizer, pois:

O segredo que tem seis orelhas⁴¹ é divulgado; o que tem quatro orelhas pode ser mantido; por isto o sensato deve evitar o que tem seis orelhas com toda a sua força. (99)

Ouvindo, então, essa declaração na assembléia, todos que perceberam a opinião de Piñgalaka retiraram-se no mesmo instante, precedidos pelos tigres, panteras e lobos. Em seguida Damanaka perguntou:

– O amo ia com o propósito de beber água. Por que desistiu e parou aqui?

O leão, com um sorriso envergonhado, respondeu:

⁴¹ “O segredo que tem seis orelhas”, ou seja, o segredo que transita entre três pessoas (seis orelhas); o que transita entre duas pessoas é o de quatro orelhas.

– Por nada mesmo.

– Majestade – retrucou o chacal –, se é algo que não deve ser comentado, que fique assim, pois:

Algumas coisas devem ser escondidas das esposas, outras dos conterrâneos, outras dos amigos e dos filhos. Depois de discernir se é ou não conveniente, o sábio só deve falar por grande consideração. (100)

Ouvindo isso, Piñgalaka pensou:

– Ele me parece esperto; vou, então, revelar-lhe já minha intenção, porque se diz:

Depois de expor sua dificuldade ao amo que reconhece os méritos, ao servo virtuoso, à esposa submissa ou ao amigo de coração fiel, uma pessoa torna-se feliz. (101)

– Damanaka! Você está ouvindo uma voz possante, ao longe?

– Estou ouvindo, senhor – ele respondeu. Qual é o problema?

– Meu caro – disse Piñgalaka –, eu desejo ir embora desta floresta.

– Por quê? – perguntou o chacal.

– Porque hoje apareceu por aqui uma criatura desconhecida, da qual se ouve essa voz possante e cuja força deve ser equivalente à própria voz – disse o leão.

O chacal rebateu:

– O amo ficar com medo por causa de um mero som, não é de fato correto, pois assim se ouve:

Com água rompe-se um dique, assim como se quebra um segredo não guardado; por causa da calúnia destrói-se uma amizade; o medroso pode ser destruído por um som. (102)

– Portanto, não é conveniente abandonar a floresta habitada pelos antepassados do amo. E já que existem sons de vários tipos, com a diversidade da *bherī*, do *veṇu*, da *vīṇā*, do *mṛdaṅga*, do *paṭaha*, do *ṣaṅkha*, do *kāhala*⁴² e de outros instrumentos, então não se deve mesmo ter medo de um mero som isolado, pois se ensina:

O soberano, cuja coragem não se abate quando é atingido por um inimigo muito poderoso e violento, não cai em humilhação. (103)

Mesmo quando Brahman se mostra ameaçador, não deve haver falta de coragem dos heróis; do mesmo modo, ainda que o verão seque os lagos completamente, o oceano permanece abundante. (104)

Quem não sente tristeza no infortúnio, alegria no sucesso, nem medo na batalha, é um *tilaka* dos três mundos;⁴³ raramente uma mãe dá a luz a tal filho. (105)

– E também:

O modo de existência do homem com auto-estima deficiente é semelhante ao da grama: curvado por insuficiência de força e insignificante por falta de vigor. (106)

– E ainda:

⁴² *bherī*, “tambor”, “tímble grande”; *veṇu*, “bambu”, “flauta”; *vīṇā*, “alaúde indiano, geralmente com sete cordas”; *mṛdaṅga*, “tambor”; *paṭaha*, “tambor de guerra”; *ṣaṅkha*, “concha”, “concha utilizada como instrumento de sopro”; *kāhala*, “tambor grande”.

⁴³ *tilaka*, “marca feita na testa com terras coloridas, sândalo e ungüentos, como ornamento, identificação de uma seita, ou de uma condição pessoal, símbolo de distinção ou índice de recompensa meritória”; *tilaka* dos três mundos = *tilaka* da terra, do céu e da região intermediária (atmosfera).

De que serve a formosura de quem, tal como um ornamento feito de laca, não conserva a firmeza quando encontra o brilho de um outro? (107)

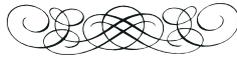
– Tendo isso em mente, o que o amo deve então fazer é utilizar-se da coragem. Não se deve ter medo de um mero som. Também se diz:

Previamente, eu pensei que isto estivesse cheio de tutano; depois, tão logo entrei, reconheci couro e madeira. (108)

Piñgalaka perguntou:

– Como foi isso?

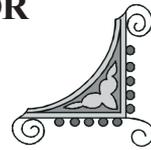
Damanaka contou:





FÁBULA II

O CHACAL E O TAMBOR





Em certo chagal, com a garganta ressecada pela fome, perambulando aqui e ali, na floresta, viu um campo onde dois exércitos haviam combatido. E ali ouviu o som de um tambor abandonado, tocado, ao sabor do vento, pelas pontas dos ramos das trepadeiras. Com o coração agitado, então pensou:

– Ai, estou perdido! Mas, antes de chegar ao alcance da visão de quem produziu o som, vou logo no sentido contrário. Pensando bem, não é correto abandonar, com precipitação, a floresta herdada dos ancestrais, pois:

 Não terá remorso aquele que, em situação que cause medo ou alegria, ponderar e não praticar uma ação por impetuosidade.
(109)

– Primeiro, quero saber isto: de quem é esse som?

Tomando coragem e ponderando, avançou devagar até que viu o tambor. Depois de observá-lo, aproximou-se e tocou-o por curiosidade. E ainda pensou, com alegria:

– Puxa! Depois de tanto tempo, isso nos vem como comida abundante! Certamente, estará cheio de muita carne, tutano e sangue.

Em seguida, dilacerou com alguma dificuldade o objeto coberto por um couro resistente, rasgou-o num ponto e mergulhou nele com o espírito exultante. Mas, enquanto dilacerava o couro, quebrou o dente. Então, desapontado, percebendo que aquilo era resíduo de madeira, recitou esta estrofe:

 Previamente, eu pensei... [*çloka* 108]

– Não se deve, pois, ter medo de um mero som.

Piñgalaka disse:

– Oh, veja que toda esta minha corte, com o espírito perturbado pelo medo, deseja fugir. Como, então, vou eu criar coragem e firmeza?

– Senhor – respondeu o chacal –, a culpa não é deles, porque os servidores são semelhantes ao amo. E assim se diz:

Um cavalo, uma espada, um livro, uma *vīṇā*,⁴⁴ uma palavra, um homem e uma mulher tornam-se desqualificados ou qualificados, conforme a espécie de homem que encontram. (110)

– Mantenha a coragem e espere aqui mesmo, até que eu volte, depois de conhecer a verdadeira natureza do som. Então, depois disso, far-se-á o que for conveniente.

Piñgalaka exclamou:

– Como! Você tem coragem para ir lá?

O chacal retrucou:

– Como? Quando o amo ordena, o bom servidor tem alguma alternativa entre fazer ou não fazer? Veja o que dizem:

Quando o amo ordena, o bom servidor nunca deve ter medo. Deve entrar na boca de uma serpente ou no grande oceano invencível. (111)

– E também:

O servidor que, mandado pelo amo, conjetura se a ordem é fácil ou mesmo difícil não deve ser conservado pelo rei que deseja prosperidade. (112)

⁴⁴ *vīṇā*, “alaúde indiano, geralmente com sete cordas”.

Piṅgalaka disse:

– Meu caro, se é assim, então vá. Que os caminhos lhe sejam propícios.

Reverenciando-o, Damanaka partiu em direção ao som de Saṁjīvaka. Piṅgalaka, com a mente perturbada pelo medo, pensou:

– Ai! Não foi uma atitude brilhante a minha, confiando nele e anunciando-lhe minha própria intenção. Talvez esse Damanaka, recebendo de ambos os lados, esteja mal-intencionado a meu respeito, por causa da demissão do cargo, pois se alerta:

Aqueles que são tratados pelo rei com respeito e depois com desrespeito, mesmo sendo de alta estirpe, sempre desejam destruí-lo. (113)

– Então, enquanto não descobrir suas intenções, vou para outro lugar e espero. Talvez Damanaka, juntando-se com aquela criatura, queira destruir-me. Como se adverte:

Na verdade, os que não confiam, mesmo fracos, não são derrotados pelos fortes; mas os que confiam, mesmo tendo poder, são derrotados pelos fracos. (114)

Sábio é o homem que desejar para si riqueza, vitalidade e alegrias e não confiar nem mesmo em Bṛhaspati. (115)

Um inimigo, mesmo dentre os deuses, se não obteve confiança, não tem sucesso: o feto de Diti foi esquartejado pelo divino Indra, por causa da confiança.⁴⁵ (116)

⁴⁵ Diti, nome de uma deusa do panteão védico, esposa de Kaśyapa, a quem pediu um filho mais poderoso do que Indra. Para isso, deveria manter-se absolutamente pura durante os cem anos de gestação, mas, uma noite, no último ano, esqueceu-se de lavar os pés antes de dormir. Então, Indra conseguiu penetrar em seu útero e dividiu o feto em sete partes, depois cada uma em outras sete, originando os quarenta e nove Marut, nome genérico das divindades dos ventos.

Tendo assim deliberado, foi para outro lugar e, acompanhando com o pensamento a trajetória de Damanaka, permaneceu sozinho.

Damanaka chegou perto de Saṃjīvaka, percebeu que este era um touro e, com a mente exultante, pensou:

– Viva! Que esplêndido acontecimento! Por meio da discórdia e da reconciliação de um com o outro, Piṅgalaka ficará dependente de mim. Já diziam os sábios:

Nem por nobreza, nem por amizade, o rei age de acordo com o parecer dos ministros; somente quando acontece uma desgraça e até uma aflição. (117)

Um rei sempre imerso em depressão torna-se juguete dos ministros; por isso mesmo os ministros desejam o monarca deprimido. (118)

Assim como o homem saudável não procura um bom médico, também o monarca que não está deprimido não deseja um conselheiro. (119)

Assim refletindo, voltou na direção de Piṅgalaka, que, ao vê-lo aproximar-se, escondendo a expressão do rosto, postou-se perto do lugar anterior. Damanaka, indo para perto de Piṅgalaka, saudou-o e sentou-se. Piṅgalaka perguntou:

– Você viu a tal criatura?

– Pela bondade do amo, eu vi – Damanaka respondeu.

– É verdade, mesmo? – Piṅgalaka insistiu.

Damanaka retrucou:

– Quem é capaz de contar uma mentira diante de Vossa Majestade?

Quem diz uma mentira, mesmo pequena, na presença dos soberanos e dos deuses, deve ser destruído sem tardança, ainda que seja uma pessoa importante. (120)

O rei é o representante de todos os deuses, como declarou Manu; por isso deve-se considerá-lo como tal e nunca tratá-lo com falsidade. (121)

Mesmo que o rei seja uma imagem de todos os deuses, há esta diferença: a recompensa pelas ações boas e más é imediata da parte do rei, da parte divina dá-se em outra existência. (122)

Piñgalaka disse:

– Certamente, você o viu. Ele deve ter pensado: “os grandes não se aborrecem com os pequenos”. E não destruiu você, pois:

O furacão não arranca as ervas tenras inclinadas para baixo em todas as direções; esta é a natureza própria das consciências nobres: o grande só emprega força contra os grandes. (123)

– E também:

Mesmo picado na sola do pé por uma abelha que voa furiosa ávida pela exsudação de suas têmperas, o elefante não mostra irritação, apesar da força extraordinária. O poderoso, no entanto, volta-se com violenta fúria contra um poder igual ao seu. (124)

Damanaka propôs:

– Bem, seja ele poderoso e eu, de uma espécie mais fraca, mesmo assim, se o amo ordena, eu coloco então aquela criatura a seu serviço.

Piñgalaka, com um suspiro de alívio, perguntou:

– Como? Você é capaz de fazer isso?

Damanaka retrucou:

– O que não se pode executar, por meio da inteligência?

O que se faz com armas, com elefantes, com cavalaria, com infantaria não alcança a perfeição daquilo que se faz com inteligência. (125)

Piñgalaka disse:

– Se é assim, então considere-se na categoria de ministro. Está decidido: a partir de hoje, serão resolvidos por você os casos de favorecimento, de castigo e outros.

Então Damanaka, afastando-se com rapidez, foi dizer ao touro, usando de ironia:

– Venha, venha, touro! O amo Piñgalaka o convida. Não há o que temer, por que você fica mugindo e mugindo em vão?

Ouvindo isto, Sañjivaka perguntou:

– Amigo, quem é esse Piñgalaka?

– Como! – exclamou Damanaka – você não conhece mesmo o senhor Piñgalaka? Pois espere um instante, que logo o conhecerá. Nada mais é do que o amo, o leão chamado Piñgalaka, aquele que está rodeado por todos os animais, em baixo da figueira.

Ao ouvir isto, Sañjivaka considerou-se perdido e sentiu extrema angústia. E disse:

– Amigo, você parece ter conduta honesta e habilidade no falar. Se é inevitável que você me conduza até lá, então é necessário obter o favor da parte do amo, por meio da garantia de proteção.

Damanaka concordou:

– Sim! Você tem razão, essa é uma sábia conduta, pois:

Alcança-se o limite da terra, do oceano e até da montanha; o limite do pensamento do soberano ninguém alcança jamais, em nenhum lugar. (126)

– Fique aqui mesmo, enquanto vou deliberar com ele sobre o acordo e depois levo você.

Assim feito, Damanaka dirigiu-se à presença de Piñgalaka e disse:

– Senhor, ele não é uma criatura vulgar, é um touro que se tornou montaria do glorioso Çiva. Quando o interoguei, ele disse: “Fui designado pelo venturoso Çiva para comer pontas de grama à margem do Kālindī.⁴⁶ Em poucas palavras, o glorioso ofereceu-me esta floresta para divertimento.”

Piñgalaka disse apreensivo:

– Agora sei a verdade. Sem a proteção de uma divindade, ruminantes não vagam despreocupados e mugindo numa floresta destas, infestada por feras. E depois, o que você disse?

– Senhor, eu disse: “Esta floresta tornou-se domínio de Piñgalaka, que é montaria de Cañḍikā.⁴⁷ Você, então, é acolhido como um estimado hóspede. Indo, pois, para perto dele, lá, com amizade de irmãos, comendo, bebendo e divertindo-se, passarão o tempo na mesma morada.” Enfim, ele concordou com tudo isso e disse alegremente: “A garantia de proteção deve ser concedida pelo amo.”

– Agora, então, o amo é o juiz – concluiu Damanaka.

Ouvindo isto, Piñgalaka disse:

– Certo, inteligente! Certo, sábio ministro! Bravo! Meu coração já aconselhara isso que você disse. Então, concedo ao touro a garantia de proteção. Ou melhor, peça-lhe uma garantia de proteção para mim também e conduza-o para cá o mais rápido possível. É com razão que se diz:

⁴⁶ Kālindī, “que nasce na montanha Kalinda”, epíteto do rio Yamunā.

⁴⁷ Cañḍikā, “apaixonada”; epíteto de Durgā, esposa de Çiva.

Um reino é mantido por ministros idôneos do mesmo modo que uma casa é mantida por bons pilares: com firmeza interna, exatos, sem falhas e bem testados. (127)

– E portanto:

A sabedoria dos ministros se manifesta no ato de unir o que está separado e a dos médicos, na cura de uma doença complicada. Quando está tudo bem, quem não é sábio? (128)

Depois de fazer-lhe uma reverência, Damanaka partiu em direção de Saṃjīvaka e, com satisfação, pensava:

– Ah, o amo mostra-se favorável a nós e dependente de nosso conselho! Por isso não há ninguém mais afortunado que eu!

Ambrosia é o fogo no inverno; ambrosia é o olhar de um amigo; ambrosia é o respeito do rei; ambrosia é o sustento do leite. (129)

Depois, aproximando-se de Saṃjīvaka, disse com cortesia:

– Venha, amigo, eu pedi ao amo a garantia de proteção para você. Venha, então, sem medo. Mas, obtendo o favor do soberano, você deve fazer um pacto comigo: não fique orgulhoso, nem se paute por seu próprio arbítrio; eu mesmo, em acordo com você, encarregar-me-ei de toda a responsabilidade do governo, assumindo o posto de ministro. Se assim fizermos, o esplendor da realeza será dividido entre nós dois, pois:

As riquezas estão em poder dos homens conforme a regra da caça: alguém incita os filhos dos homens, outrem os mata então, como se fossem gazelas. (130)

– Assim:

Aquele que, mesmo sendo respeitável, não honra, por orgulho, os próximos do rei, superiores, inferiores ou medianos, cai do mesmo modo que caiu Dantila.⁴⁸ (131)

Samjīvaka perguntou:

– Como foi isso?

Ele contou:

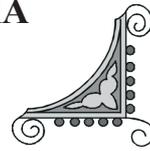


⁴⁸ Dantila, “que tem dentes grandes”; nome de um administrador real, personagem da fábula que se conta em seguida.



FÁBULA III

DANTILA E GORAMBHA





há, na terra, uma cidade chamada Vardhamāna.⁴⁹ Lá morava um senhor de muitas posses, de nome Dantila, governador de toda a cidade. Administrando os negócios do povo e os do rei, proporcionava satisfação a todos. Em resumo: ninguém jamais vira ou ouvira pessoa tão sagaz como ele. Mas há um modo mais correto de dizer isto:

O executor das disposições do soberano recebe o ódio entre os homens; o executor das disposições da comunidade é abandonado pelos reis mais poderosos; assim, existindo grande incompatibilidade, é difícil encontrar quem execute os negócios do rei e dos súditos ao mesmo tempo. (132)

Assim passava o tempo e certa vez aconteceu um casamento em casa de Dantila. Na ocasião, ele saudou com honrarias todos os habitantes da cidade e as pessoas da intimidade do rei. Alimentou-os e homenageou-os com vestimentas e outras coisas. E, logo após o casamento, o rei, que trouxera a própria família e todos do gineceu, foi reverenciado.

Ora, um servidor do rei, de nome Gorambha,⁵⁰ faxineiro do palácio, apesar de ser um dos convidados, foi expulso pelo anfitrião, que o segurou pelo pescoço, com desprezo, porque ele se sentara em lugar impróprio. O faxineiro, desde então, suspirando por causa do desrespeito, não dormia, nem mesmo à noite, e ficava pensando:

– O que posso fazer para que o ricoça perca o favor real? Ademais, de que me serve mortificar o corpo, em vão? Não me é possível fazer-lhe mal algum! Aliás, muito corretamente se diz:

⁴⁹ Vardhamāna, nome de uma cidade, hoje chamada Bardwān ou Burdwān, situada na província de Bengala Ocidental.

⁵⁰ Gorambha, “que muge como um boi”.

Se é incapaz de causar males, por que esse homem desavergonhado ferve de raiva, aqui no mundo? Mesmo que salte, o grão-de-bico é capaz de quebrar a frigideira? (133)

Então, certa vez, antes da aurora, estando o rei entre meditação e sono, o faxineiro, enquanto fazia a limpeza à beira da cama, disse:

– Ah! Foi grande a ousadia de Dantila, que abraçou a primeira esposa do rei!

Ouvindo isto, o rei levantou-se agitado e perguntou-lhe:

– Ora, Gorambha! É verdade o que você disse? Que a rainha foi abraçada por Dantila?

Gorambha respondeu:

– Senhor, por ter passado a noite acordado, preso ao jogo de dados, fui vencido pelo sono; então, não sei o que eu disse.

O rei, com ciúmes, falou consigo mesmo:

– Têm livre trânsito, em nossa casa, tanto ele quanto o próprio Dantila. Então, este talvez tenha sido visto abraçando a rainha. Foi o que Gorambha falou! Assim dizem:

O que um mortal de dia deseja ou contempla ou faz é isto também o que, pelo hábito, durante o sono diz ou faz. (134)

– E também:

A boa ou a má ação guardada no coração dos homens, por mais escondida que esteja, pode ser conhecida pelo que é dito no sono ou em estado de êxtase. (135)

– Além do mais, no que concerne às mulheres, que dúvida cabe aqui?

Tagarelam com um, olham sedutoras para outro e ainda pensam em mais um que está no coração. Quem é realmente o amado das mulheres? (136)

– E mais:

Com lábios sorridentes e coloridos como a *pāṭala*,⁵¹ tagarelam com um, em abundante palavrório; observam outro, com olhos cintilantes e abertos como um ramalhete de lótus em flor; e, com a mente, recordam outro que tem fortuna, mas de conduta muito longe de ser nobre. Então, para quem é, realmente, no verdadeiro sentido da palavra, o amor das que têm belas sobrancelhas? (137)

– Portanto:

Não se sacia o fogo com lenhas; nem o grande oceano com rios; nem Antaka⁵² com todos os seres vivos; nem com homens as que têm belos olhos. (138)

Não havendo lugar deserto, não havendo oportunidade, não havendo um homem pretendente; só assim é que ocorre a virtude das esposas, ó Nārada.⁵³ (139)

O tolo que por insensatez pensa: “esta mulher está apaixonada por mim”, fica dominado sempre por ela, como um pássaro de estimação. (140)

Aquele que põe em prática as palavras e os propósitos delas, não importa se muito fúteis ou até muito respeitáveis, recebe o desprezo de todo mundo por seus atos. (141)

Quem corteja uma mulher e anda junto dela e presta-lhe um pouco de reverência, é exatamente este que as mulheres desejam. (142)

Por falta de assédio dos homens e por receio da sociedade, as esposas transgressoras permanecem sempre nos limites da decência. (143)

⁵¹ *pāṭala*, *Bignonea suaveolens*, nome de uma planta com flores de coloração rosa ou vermelho pálido.

⁵² Antaka, “que causa a morte”; epíteto de Yama, divindade dos mortos.

⁵³ Nārada, nome atribuído, em diversos textos da literatura sânscrita, a um grande sábio e mestre.

Não há quem não possa aproximar-se delas; não há consideração pela idade; deformado ou formoso, sendo homem, é passível de desfrutar-se. (144)

O apaixonado, portanto, torna-se um utensílio para as mulheres, como um sári que é sovado, com a franja pendente, preso às ancas. (145)

Do mesmo modo que a laca vermelha, o homem apaixonado é comprimido à força pelo sexo frágil e arremessado à sola dos pés. (146)

Lamentando-se, assim, de várias maneiras, o rei, desde então, passou a voltar as costas para Dantila. Em resumo, interditou-lhe até mesmo a entrada nos portões do palácio. Então Dantila, notando que o rei voltava-lhe as costas sem motivo, refletiu:

– Ai, com razão se diz:

Obtendo riquezas, quem não é arrogante? De que homem apegado às coisas materiais as desgraças têm fim? Quem, no mundo, não teve o coração despedaçado pelas mulheres? Quem, na verdade, é querido dos reis? Quem não entrou no círculo do tempo? Que mendigo encontrou respeitabilidade? Ou que homem, caído nas redes dos malvados, escapou pacificamente? (147)

– E também:

Quem já viu ou ouviu falar de pureza no corvo, verdade no jogador, indulgência na serpente, satisfação dos desejos nas mulheres, firmeza no covarde, reflexão sobre a realidade no bêbado e amizade nos reis? (148)

– Além disso, nem mesmo em sonho prejudiquei este rei ou mesmo alguma outra pessoa dentre seus parentes. Por que isso? O rei voltou-me as costas!

Assim, um dia, tendo visto Dantila ser barrado no portão do rei, o faxineiro Gorambha, caçoando, disse aos porteiros:

– Ai, ai, ai, porteiros! Este é o próprio Dantila, empossado pelo favor real e distribuidor de graças e desgraças. Já que o impediram, vocês também serão seguros pelo pescoço, assim como eu fui.

Ouvindo isso, Dantila pensou:

– Com certeza, isso é obra daquele Gorambha. É muito correto o que se diz:

Mesmo de baixa estirpe, mesmo estúpido, quem serve ao rei neste mundo, mesmo sem posto de honra, é sempre respeitado. (149)

Mesmo desprezível e covarde, se for servidor do rei, um homem não recebe humilhação do povo. (150)

Depois de lamentar-se de muitas maneiras, foi para casa com o rosto amuado, ansioso e com o ânimo abatido. Ao cair da noite, mandou chamar Gorambha e, homenageando-o com um par de vestes, disse:

– Amigo, naquela ocasião, você foi expulso por mim, não por raiva. Quando vi você sentado diante do conselheiro do rei, em lugar inadequado, eu de fato o desonrei. Queira perdoar-me.

Gorambha, recebendo o par de vestes como se ganhasse o mais alto reino celeste, sentiu extremo contentamento e respondeu-lhe:

– Ó nobre senhor! Eu o perdôo. Ademais, por esta honra concedida, o senhor verá o poder de minha inteligência e o favor do rei.

Tendo falado assim, foi-se contente. É com razão que se diz isto:

Com um pouquinho sobe; por um pouquinho desce: como são semelhantes o movimento do ponteiro da balança e o do malvado! (151)

E então, no dia seguinte, estando no palácio real, próximo ao rei que estava entre meditação e sono, Gorambha, fazendo a limpeza, disse:

– Puxa! Que falta de discernimento de nosso rei! Alimenta-se com *cirbhaṭī*,⁵⁴ quando vai evacuar.

Ouvindo isto, o rei disse-lhe atônito:

– Ora, ora, Gorambha! Que absurdo você está murmurando? Considerando que você é empregado da casa, não mando matá-lo. Alguma vez, você me viu fazendo tal coisa?

O faxineiro respondeu:

– Meu senhor, por causa do jogo de dados, passei a noite acordado e, quando fazia a limpeza, o sono tomou-me à força. Assim, vencido, eu não sei o que estava murmurando. Que o amo tenha benevolência: eu estava dominado pelo sono.

Ouvindo isto, o rei pensou:

– Se, em toda a vida, jamais eu como *cirbhaṭikā*⁵⁵ enquanto evacuo, então, assim como este tolo falou de mim este absurdo, deve ter ocorrido a mesma coisa a respeito de Dantila. Está claro! Não foi correta a minha ação, porque o coitado ficou privado da honra. Não é possível um ato de tal espécie ser praticado por homens do tipo de Dantila. Com a sua ausência, todos os assuntos do rei e dos súditos ficaram negligenciados.

Pensando nisso insistentemente, mandou chamar Dantila, presenteou-o com vestes, jóias e outros ornamentos do próprio corpo e reempossou-o no respectivo cargo.

Por isso eu digo:

Quem não respeita, por orgulho... [*çloka* 131]

⁵⁴ *cirbhaṭī*, *Cucumis utilissimus*, nome de uma planta de fruto comestível, da mesma família dos pepinos e dos melões.

⁵⁵ *cirbhaṭikā*, o mesmo que *cirbhaṭī*.

Samjīvaka disse:

– Amigo, isso é verdade. O que você disse é exatamente o que devo fazer.

Assim deliberado, Damanaka levou-o consigo até a presença de Piṅgalaka e o apresentou:

– Senhor, este que eu trouxe é Samjīvaka. Agora o senhor é a autoridade.

Samjīvaka, então, saudou-o respeitoso e permaneceu, modestamente, a sua frente. Piṅgalaka, por sua vez, ergueu a pata direita, provida de unhas semelhantes a raios, na direção do touro, cuja corcunda era grande e aprumada, e disse com deferência:

– Seja bem-vindo! Como você chegou a esta floresta isolada?

O touro contou, então, toda a sua história, desde quando fora abandonado por Vardhamānaka e assim tudo ficou esclarecido.

Depois de ouvi-lo, Piṅgalaka disse-lhe muito respeitosamente:

– Amigo, não há o que temer. Você deve agora permanecer à vontade, bem guardado sob a proteção de meus braços. Além disso, sempre deve permanecer perto de mim, pois a floresta é habitada por criaturas ferozes e apresenta muitos perigos de morte. Por isto, criaturas comedoras de ervas, mesmo que sejam grandes, não devem freqüentá-la.

Assim falando, rodeado por todos os animais, Piṅgalaka foi para as margens do Yamunā, tomou água à vontade e entrou de novo na floresta. E depois, estando o encargo do governo sob a responsabilidade de Karaṭaka e Damanaka, permaneceu desfrutando das conversas sobre temas elevados com Samjīvaka. Mas há um modo mais correto de dizer isso:

A associação de homens bem nascidos, mesmo que formada espontânea e repentinamente, torna-se indestrutível e eterna; não observa método disciplinar. (152)

Por sua elevada erudição e competência, devido ao conhecimento profundo de diversas ciências, Samjīvaka, em poucos dias, transformou o simplório Piñgalaka num sábio. Desta maneira, afastando-o da lei da selva, integrou-o aos costumes da cidade. Em resumo, Piñgalaka e Samjīvaka conversavam, todos os dias, em segredo e a sós. Todo o resto da população animal permanecia afastada. Até Karataka e Damanaka não conseguiam participar. E mais, pela falta dos assaltos audaciosos do leão, toda a população animal começou a debandar tomada pela fome, pois se diz:

Os servidores abandonam o rei eminente e mesmo de boa estirpe, mas que não distribui recompensas, e vão para outra região, assim como os pássaros abandonam uma árvore seca. (153)

E também:

Os servidores, embora honrados, bem-nascidos e devotados, chegam até a abandonar o rei, devido à perda da subsistência. (154)

Além disso:

O rei que não deixa passar o tempo do salário jamais é abandonado pelos servidores, mesmo quando insultados. (155)

De fato, não só os servidores são assim; sempre todo mundo, sem exceção, a fim de comer, utiliza-se da persuasão e de outros expedientes. Deste modo:

Com armadilhas preparadas com persuasão e outros expedientes, dia e noite, espreitam de cima os reis às nações; os médicos, aos que sofrem; os mercadores, aos que compram; e até os sábios, aos ignorantes; assim como os ladrões, aos descuidados; os mendigos, aos chefes de família; as cortesãs, aos galanteadores; e os artesãos, a todo mundo; pois uns vivem dos outros, como os peixes vivem dos peixes. (156, 157, 158)

Mas há um modo mais correto de dizer isso:

As intenções das serpentes, dos malvados e dos ladrões não se realizam; por isso, este mundo gira. (159)

A serpente de Çiva, atormentada pela fome, deseja comer o rato de Gaṇeça e a ela, o pavão de Kārttikeya; e mesmo o leão de Pārvatī deseja comer o pavão. Se é assim o comportamento da família de Çiva,⁵⁶ então como não será na casa de outro? Pois esta é a própria forma de existência do mundo. (160)

Então, privados do favor do amo, com a garganta ressecada pela fome, Karaṭaka e Damanaka consultavam um ao outro. Disse Damanaka:

– Nobre Karaṭaka, nós caímos em posição de extrema inferioridade. Esse Piṅgalaka, encantado por Saṁjīvaka, está com a atenção desviada de seus negócios. Toda a corte já partiu. O que faremos?

– Amigo – disse Karaṭaka –, embora o amo não faça caso de suas palavras, mesmo assim você deve adverti-lo, para evitar a culpa, pois se ensina:

Mesmo que não escute, o senhor da terra deve ser advertido por seus ministros, assim como o filho de Ambikā foi advertido por Vidura, para evitar a culpa. (161)⁵⁷

– E também:

⁵⁶ Família de Çiva: sua esposa, Pārvatī, e os filhos de ambos, Gaṇeça e Kārttikeya.

⁵⁷ Ambikā, nome de uma das filhas do rei de Kāçi e mãe de Dhṛtarāṣṭra. A estrofe refere-se à epopéia *Mahābhārata*. Dhṛtarāṣṭra, Pāṇḍu e Vidura são filhos de Vyāsa, grande sábio e poeta. Os dois primeiros foram gerados por Ambikā e Ambālikā, duas das três viúvas do rei Vicitravīrya, que morrera sem deixar filhos. A viúva mais velha, Ambā, fez-se substituir por uma escrava, de modo que Vidura, filho dela, não podia ser rei. Vidura aconselhou (inutilmente) Dhṛtarāṣṭra a conceder o que pediam seus sobrinhos, filhos de Pāṇḍu, para evitar a guerra que destruiria a família inteira.

Quando o rei, inebriado pelo orgulho, e o elefante, furioso no cio, extraviam-se para o mau caminho, os que vão junto, ministros ou guias de elefantes, levam a culpa. (162)

– Ora, você trouxe esse comedor de grama à presença do amo. Foi você quem puxou as brasas com a própria mão.

Damanaka concordou:

– Isto é verdade! A culpa é minha, não do amo. Por isso se adverte:

O chagal, no combate de dois carneiros; eu, por causa de Āṣāḍabhūti⁵⁸ e a alcoviteira, por assunto de outros: três castigos em consequência das próprias ações. (163)

Karaṭaka perguntou:

– O que quer dizer isso?

Damanaka contou:



⁵⁸ Āṣāḍabhūti, “nascido no mês de *āṣāḍa* (corresponde a parte de junho e julho); nome próprio de um ladrão, personagem da fábula narrada em seguida.



FÁBULA IV

O MONGE MENDICANTE
DEVAÇARMAN





xistia, numa certa região isolada, um mosteiro onde vivia um religioso mendicante chamado Devaçarman,⁵⁹ cuja grande fortuna fora produzida no correr do tempo por meio da venda de roupas finas que muitas pessoas virtuosas lhe ofereciam. Visto que não confiava em ninguém, ele não soltava, noite e dia, o dinheiro que guardava sob a roupa. Dizendo melhor:

Dor na aquisição de riquezas e na guarda das riquezas adquiridas; dor no lucro, dor no prejuízo. Ai! riquezas sempre estão conjugadas ao sofrimento! (164)

Certa vez, um velhaco que se apropriava de bens alheios, chamado Āṣāḍhabhūti, percebendo que ele guardava a riqueza sob a roupa, pensou:

– Como posso apropriar-me daquela riqueza? Lá no mosteiro não há fendas no muro por causa da quantidade de rochas muito compactas. E também não existe meio de entrar por cima da porta por causa da altura excessiva. Vou, então, inspirar-lhe confiança com falsas palavras, tornando-me um de seus discípulos, de modo que ele algum dia venha a confiar em mim, pois:

Quem não tem determinação não pode ser autoridade, quem não é sensual não gosta de ornamentos, quem não é estúpido pode conversar agradavelmente, quem fala com franqueza não é enganador. (165)

Tendo assim decidido, aproximou-se do eremita, exclamando:

⁵⁹ Devaçarman, “que tem a proteção da divindade”.

– *Om!* Glória a Çiva!⁶⁰ Curvando-se com reverência, disse respeitosa-

mente: – Ó venerável, esta existência é sem valor; a juventude é semelhante à violência dos rios das montanhas; a vida é tal como fogo de palha; os prazeres parecem-se com sombras de nuvens de outono; o relacionamento familiar com os amigos, os filhos, as esposas e os servos parece sonho. É assim que entendo todas as coisas. Então, o que devo fazer para atravessar o oceano da vida?

Ao ouvir isso, Devaçarman disse com respeito:

– Filho, você é afortunado, pois já no início da juventude tem tal manifestação de desapego. E se diz:

É sereno, na minha opinião, aquele que é sereno no início da juventude. Quando os órgãos do corpo estão em decadência, quem não é capaz de ter serenidade? (166)

A maturidade dos sábios ocorre primeiro na mente e depois no corpo; a dos estúpidos, porém, ocorre no corpo, jamais na mente. (167)

– Como você me pergunta o caminho para atravessar o oceano da existência, então ouça:

Mesmo que seja um *çūdra* ou outro, até um *caṇḍāla*, aquele que usa o cabelo trançado, que é consagrado com a prece de Çiva e que tem o corpo coberto com cinzas, pode tornar-se Çiva.⁶¹ (168)

Quem, com a prece de seis sílabas, por si mesmo coloca uma flor no topo do *liṅga*, não renasce. (169)⁶²

⁶⁰ *om namaḥ çivāya* (“Om! Glória a Çiva”) é a “prece de seis sílabas” (*ṣaḍakṣara mantra*), invocação a Çiva.

⁶¹ *çūdra*, nome que se dá às pessoas pertencentes à quarta casta, à classe servil; *caṇḍāla*, “pária”.

⁶² *liṅga*, “falo”, monumentos ou amuletos que são a representação simbólica de Çiva. Para muitas religiões indianas, a meta a ser atingida é escapar da roda dos renascimentos.

Ouvindo isto, Āṣāḍhabhūti abraçou com devoção os pés de Devaçarman e disse:

– Venerável, então conceda-me o favor da iniciação.

– Filho – ponderou Devaçarman –, vou fazer-lhe o favor. Entretanto, você não poderá entrar no mosteiro à noite, porque a nós dois é indicado o desapego. Assim se ensina:

O rei perde-se por um mau conselho; o asceta, pelo apego ao mundo; o filho, pelo mimo; o brâmane, pela falta de estudo; a família, pelo mau filho; a virtude, pela prestação de serviço aos maus; a amizade, pela falta de confiança; a fortuna, pela má administração; o carinho, pela ausência; a esposa, pelo orgulho e até pela indiferença; o campo, pelo abandono, e a riqueza, pela negligência. (170)

– Então, depois de receber os votos, você dormirá à porta do mosteiro, numa cabana de palha.

O velhaco respondeu:

– Venerável, sua ordem é autoridade, pois meu objetivo, com isso, é o outro mundo.

Estabelecido, pois, o acordo sobre onde dormir, Devaçarman concedeu-lhe o favor, conduzindo sua instrução pela prescrição enunciada nos manuais. E Āṣāḍhabhūti, prestando-lhe serviços, como massagens nas mãos e nos pés, trouxe-lhe satisfação. No entanto, mesmo assim, o eremita não tirava o dinheiro de dentro das roupas. Como o tempo estava passando, o ladrão refletiu:

– Francamente! Ele não chega jamais a confiar em mim! Por isso, não sei se lhe causo a morte de dia mesmo, ou se lhe dou veneno, ou se o faço morrer como um animal.

Enquanto ele assim tramava, o filho de um discípulo de Devaçarman chegou, vindo de uma aldeia, com a intenção de fazer um convite ao mestre:

– Venerável, venha à minha casa para a celebração do *pavitrāropana*.⁶³

Ouvindo isso, Devaçarman encheu-se de alegria e partiu em companhia de Āṣāḍhabhūti. Durante a caminhada, eis que um rio surgiu à sua frente. Vendo-o, Devaçarman retirou o dinheiro do interior das roupas, colocou-o bem escondido dentro de um pano, banhou-se, prestou culto às divindades e, em seguida, disse para o companheiro:

– Ó Āṣāḍhabhūti, enquanto eu vou evacuar e volto, este pano de Çiva deve ser guardado com muito cuidado.

Falou assim e retirou-se. Logo que ele desapareceu, Āṣāḍhabhūti apoderou-se do dinheiro e fugiu com presteza.

Entrementes, Devaçarman, tranqüilo com as qualidades do discípulo, cheio de confiança, permaneceu sentado, enquanto observava uma luta de carneiros no meio de um rebanho de animais de pelo dourado. Então, dois dos carneiros, dominados pelo ódio, fazendo um longo recuo, chocaram-se e feriram-se nas partes lisas da testa e assim caiu muito sangue. Um chacal, que chegara ao campo de batalha, saboreava o sangue com voracidade.

Devaçarman, vendo aquilo, ponderou:

– Ora, esse chacal é um estúpido! Se de algum modo colocar-se na colisão daqueles dois, então logo alcançará a morte; isto é o que estou prevendo.

⁶³ *pavitrāropana*, de acordo com Bolufer, p. 50, cerimônia religiosa realizada anualmente, quando os membros de uma seita ou de uma família se reúnem, invocam uma divindade e colocam nos dedos anéis confeccionados com uma grama especial (*pavitra*); para Chandiramani, p. 254, cerimônia em que um jovem da casta dos brâmanes ou dos guerreiros recebe uma corda sagrada para usar em seu corpo; para Pawate, p. 100, cerimônia em que se põe uma marca (*liṅga*) no corpo de uma criança.

E naquele momento, exatamente assim, pela voracidade de saborear o sangue, o chacal entrou no meio dos dois carneiros, ficou preso na colisão das suas cabeças e morreu.

Devaçarman, lamentando o fato, caminhou na direção do dinheiro, andando passo a passo. Não vendo Āṣāḍhabhūti, purificou-se com ansiedade, observou o trapo e não viu o dinheiro.

– Ai, ai, fui roubado! Dizendo isso, caiu no chão desmaiado.

Em seguida, recuperando a consciência, levantou-se e começou a choramingar:

– Ó Āṣāḍhabhūti, aonde você foi, depois de me enganar? Responda-me!

Então, depois de chorar muito, caminhou lentamente procurando a trilha das pegadas do ladrão. Andando assim, ao anoitecer, avistou uma aldeia. Um tecelão, vindo de lá com a esposa, saía para a cidade próxima a fim de comprar bebida alcoólica. Vendo-o, Devaçarman disse:

– Olá, amigo! Nós, trazidos pelo sol poente, chegamos à sua presença como hóspedes. Não conhecemos ninguém aqui na aldeia. Então, que seja cumprido o dever de hospitalidade, pois se diz:

Devido à homenagem oferecida pelos donos da casa ao hóspede que chega à tarde, trazido pelo sol poente, eles atingem a condição de divindade. (171)

– E portanto:

Ervas, terra, água e, como quarto item, palavra amável, estas coisas não faltam jamais nas casas dos homens de bem.⁶⁴ (172)

⁶⁴ Este aforismo encontra-se no Código de Manu, III, 101.

Agni⁶⁵ fica satisfeito com a boa acolhida; Indra, com o lugar para sentar; Viṣṇu, com o lava-pés; assim também Çiva, pela recepção respeitosa ao hóspede. (173)

O tecelão escutou isso e disse à esposa:

– Querida, vá você de volta para casa, levando o hóspede. Trate-o bem, com lava-pés, refeição, descanso e outras gentilezas e fique lá mesmo. Eu levarei bastante bebida para você.

Depois de falar assim, partiu. A esposa, acostumada a correr atrás de homens, voltou sorridente para casa, levando consigo o eremita, mas tendo em mente um certo Devadatta.⁶⁶ Há um modo melhor de se explicar isso:

Em dia chuvoso, escuro pelas nuvens, nas ruas intransitáveis da cidade, na partida do marido para outro país, há o máximo prazer para a mulher lasciva. (174)

Uma almofada no divã, um marido devotado e uma cama atraente são menosprezados, como se fossem palha, pelas amantes que desejam prazeres espúrios. (175)

Logo:

Para a mulher libertina, o jogo amoroso [do marido] queima a medula, a paixão queima os ossos, as lisonjas são cáusticas. Não pode haver felicidade quando marido e mulher não se querem. (176)

A desgraça da família, a reprovação do mundo, até mesmo a prisão e o perigo de vida, tudo isso a mulher enamorada aceita pelo marido de outra. (177)

Assim, a mulher do tecelão foi para casa, ofereceu a Deçarman um estrado quebrado e sem cobertas e disse:

⁶⁵ Agni, “fogo”; deus do fogo.

⁶⁶ Devadatta, “dado pelos deuses”, nome do amante da esposa do tecelão.

– Ó venerável, eu vou saudar minha amiga que chegou da vila e retorno em seguida. Enquanto isso, o senhor fica vigiando minha casa.

Depois de assim falar e de vestir-se com roupas provocantes, já caminhava na direção de Devadatta, quando se encontrou diante do marido, que comprara um frasco de bebida e estava com o corpo agitado pela embriaguez, a cabeleira desgrenhada, cambaleante a cada passo. Assim que o avistou, retornou prontamente à sua casa, retirou as roupas chamativas e ficou como estava antes.

O tecelão percebeu que ela saíra com roupas deveras provocantes. Como já tinha o coração agitado pela escuta de mexericos sobre ela, que passavam de orelha a orelha, ele escondera sempre seu próprio sentimento. Agora, porém, observando-lhe o comportamento, adquiriu certeza de sua infidelidade. Entrando, pois, em casa, dominado pela cólera, disse a ela:

– Ah, mulher assanhada, perversa! Aonde você foi?

– Depois que nos separamos – respondeu ela –, não fui a nenhum lugar. O que é isto? Você fala de modo desconexo por força da bebida que o embriaga! Mas há um modo mais adequado de dizer isso:

A bebida provoca todos os sintomas de delírio: confusão, queda no chão e fala inconveniente. (178)

O sol que toca o quadrante oeste apresenta esta condição: vermelhidão, enfraquecimento dos raios, abandono do firmamento, declínio do esplendor. O homem que toca a bebida alcoólica apresenta estes sintomas: rubor, tremor das mãos, desleixo do vestuário, perda das forças. (179)

Ele, ouvindo essa fala agressiva e percebendo que ela trocara de roupas, disse-lhe:

– Assanhada! Há muito tempo ouço maledicências sobre você. Hoje, convencido da verdade, eu mesmo vou castigá-la como se deve.

Assim gritando, moeu-lhe o corpo com golpes de bastão, amarrou-a a uma coluna com uma corda resistente e, exausto pela embriaguez, foi então vencido pelo sono.

Entretanto, uma amiga, mulher do barbeiro, percebendo que o tecelão fora vencido pelo sono, entrou e disse:

– Amiga, Devadatta espera por você naquele local. Venha logo, então!

– Veja o meu estado, – objetou a outra. Como é que eu poderia ir? Vá você, então, e diga a meu amante que neste momento não posso encontrar-me com ele.

A mulher do barbeiro protestou:

– Amiga, não fale assim! Este não é o código da cortesã, pois dizem:

Eu considero tão louvável quanto a dos camelos a vida daqueles que têm o propósito de lutar pela obtenção do fruto saboroso situado em lugar inacessível. (180)

– E também:

Como o outro mundo é duvidoso e como, neste mundo, a maldicência das pessoas é muito variada, afortunadas são as que aproveitaram os frutos da mocidade com um amante sob seu domínio. (181)

– E por outro lado:

– Se, por artes do destino, uma mulher libertina encontrar-se em segredo com um homem, feio que seja, ela, de fato, já não apreciará mais, nem mesmo com dificuldade, seu belo marido. (182)

– Se é assim, agora conte-me – argumentou a mulher do tecelão –, como vou até lá, estando amarrada com cordas resistentes? Além disso está aqui presente esta alma danada, o meu marido.

– Amiga – respondeu a esposa do barbeiro –, esse aí está exausto pela embriaguez, só recobrará a consciência quando

for tocado pelos raios do sol. Assim sendo, eu liberto você. Amarre-me no seu lugar, vá encontrar-se com Devadatta e retorne o mais rápido possível.

– Que seja assim – a outra aceitou.

Em seguida, a mulher do barbeiro libertou a amiga das cordas, amarrou a si mesma no lugar dela, como pactuaram, e enviou-a ao local combinado, onde estava Devadatta.

No exato minuto depois disso, o tecelão acordou, menos furioso, curado da bebedeira, e disse a ela:

– Ei, mulher de fala grosseira! De hoje em diante, se você não sair de casa nem falar com grosseria, eu a libertarei.

Como a mulher do barbeiro não dizia nada, por receio da diferença de voz, ele falou novamente e, como ela não dava resposta nenhuma, ele ficou enfurecido, pegou uma faca afiada e cortou-lhe o nariz. E disse:

– Ora, assanhada! Fique aí agora, nunca mais tentarei agradá-la.

Assim murmurando, foi novamente vencido pelo sono.

Devaçarman, com a garganta ressecada pela fome e sem sono, por causa da perda do dinheiro, observara toda a movimentação das mulheres.

A mulher do tecelão aproveitou à vontade o prazer amoroso com Devadatta e, voltando logo para sua casa, disse à mulher do barbeiro:

– Olá! Tudo bem com você? Essa alma danada não se levantou enquanto eu saí?

– Com exceção do nariz – respondeu a mulher do barbeiro –, o resto do corpo está bem. Livre-me desta corda, para que eu vá para casa antes que ele me veja.

Assim que isso foi feito, o tecelão novamente se levantou e disse à esposa:

– Assanhada! Você ainda não fala? O que farei então, agora mais doloroso? Uma punição, com o corte das orelhas ou de outros membros?

Com desgosto e sarcasmo, ela falou:

– Idiota! Quem é capaz de ofender ou mutilar a mim, uma esposa exemplar? Que ouçam isso todos os protetores do mundo!

O sol e a lua, o ar e o fogo, o céu e a terra, a água, o coração e Yama, o dia e a noite, ambos os crepúsculos e Dharma conhecem a conduta do homem. (183)⁶⁷

– Por isso, se minha fidelidade de esposa existe, se não desejei, nem em pensamento, o marido de outra, então, ó deuses, restituam-me o nariz intacto e com a mesma forma que tinha. Ou, se existiu a impressão, mesmo ilusória, do marido de outra mulher em meu pensamento, então reduzam-me a cinzas.

Tendo assim falado, de novo dirigiu-se ao marido:

– Veja, alma perversa, pela força de minha fidelidade de esposa, o nariz tornou-se tal como era!

Ele, então, apanhando um pedaço de lenha acesa, viu o nariz com a forma anterior e uma grande poça de sangue no assoalho. Com a mente confusa, ele libertou a mulher da corda, ergueu-a até a cama e agradou-a com cem lisonjas.

Devaçarman, tendo observado todo o incidente, assombrado, recitou:

Quaisquer que sejam as feitiçarias de Çambara, de Namuci, de Bali e de Kumbhīnasi,⁶⁸ as moças de fato conhecem todas elas. (184)

⁶⁷ Esta estrofe encontra-se na epopéia *Mahābhārata*, Livro I, LXXIV, 28 e no *Código de Manu*, VIII, 86.

⁶⁸ Çambara, demônio destruído por Indra; Namuci, demônio destruído por Indra e pelos Açvin; Bali, demônio humilhado por Vişnu; Kumbhīnasi, demônio mencionado no *Mahābhārata*, Livro XIII.

Elas riem para quem sorri, até choram para quem chora e prendem quem não é amado com palavras amorosas, conforme a ocasião. (185)

A ciência que Uçanas⁶⁹ conheceu, bem como a que Bṛhaspati apregoou não podem sobrepujar a inteligência das mulheres. Logo, como elas poderão ser controladas? (186)

Elas dizem que a mentira é verdade e até mesmo que a verdade é mentira. Como podem ser, então, controladas por homens sábios neste mundo? (187)

– Além disso, também se diz:

Não se deve colocar excessiva afeição nas mulheres, nem se deve querer que aumente a sua força, porque elas brincam com os homens muito apaixonados como se brincassem com corvos de asas cortadas. (188)

Conversam com bela e encantadora boca, mas ferem com aguçada inteligência; o mel está na linguagem das moças, mas, no coração, o poderoso veneno *hālahala*. (189)

Por esta razão os homens, ávidos por um pouco de prazer, sugam o lábio e golpeiam-se com os punhos, assim como as abelhas, ávidas pelo mel, sugam e golpeiam a flor de lótus. (190)

– E ainda:

Turbilhão de perigos, mansão de imodéstia, cidade de ousadias, depósito de vícios, casa de cem embustes, campo de suspeitas, difícil de ser conquistada até por excelentes heróis fortes e valorosos, caixa de todas as feitiçarias é a máquina chamada mulher. Por quem, no mundo, esse veneno misturado com ambrosia foi criado para a destruição da ordem? (191)

⁶⁹ Uçanas, nos textos épicos, legislador supremo de vários reinados indianos não *ārya* cujos povos eram designados desdenhosamente como *daitya*, *asura* ou *rākṣasa*.

Vê-se a firmeza dos seios, a mobilidade dos olhos, a pequenez da boca, a ondulação da cabeleira, a suavidade na conversação, o volume dos quadris; fala-se sempre da timidez do coração, da fascinação sobre o amante; suas qualidades são uma multidão de vícios; por que essas de olhos de gazela são amadas pelos homens? (192)

Elas riem e choram de acordo com a ocasião; inspiram confiança, mas não confiam no outro. Por isto, as mulheres devem ser evitadas pelo homem de linhagem e caráter, como são evitadas as jarras de crematório. (193)

Fazem gentilezas no começo, enquanto não percebem que o homem está enamorado; depois, percebendo que ele está preso à rede da paixão, arrastam-no como a um peixe fígado. (194)

De natureza inconstante como a onda no mar, de paixões momentâneas como o desenho das nuvens crepusculares, as mulheres que alcançaram seu objetivo abandonam o homem desprovido de riqueza, como se abandona a laca prensada. (195)

Falsidade, atrevimento, feitiçaria, estupidez, ganância excessiva, impureza e crueldade são vícios inatos das mulheres. (196)

Por dentro, venenosas ao extremo e, por fora, encantadoras de fato, semelhantes ao fruto da *guñjā*.⁷⁰ Por quem foram feitas assim as mulheres? (197)

Assim refletindo, o religioso passou a noite em grande agitação.

E a alcoviteira, tendo chegado em casa segurando na mão a ponta cortada do nariz, pensou:

– O que faço agora? Como posso esconder este grande corte?

Enquanto ela assim ponderava, o marido, que permanecera por algum motivo no palácio real, entrou em casa ao ama-

⁷⁰ *guñjā*, *Abrus precatorius*, arbusto que produz frutinhas vermelhas e pretas.

nhecer. Parado junto à porta, impaciente por causa dos negócios com diversos cidadãos, pediu-lhe:

– Querida, traga depressa o estojo de navalhas para que eu me barbeie.

Ela, com o nariz cortado, em pé no meio da casa, na expectativa de alcançar seu intento, retirou uma navalha do estojo e a arremessou na direção do marido. Ele, porém, aborrecido ao ver a navalha sem o estojo, enfureceu-se e atirou-a na direção da mulher. Naquele momento, a mal-intencionada levantou os dois braços e saiu de casa soluçando:

– Ai! Vejam! Esse perverso cortou-me o nariz, a mim, que sempre tive conduta impecável. Salvem-me! Salvem-me!

Logo vieram os servos do rei, espancaram o barbeiro com golpes de bastão, amarraram-no com uma corda resistente, conduziram-no ao tribunal de justiça junto com a mulher de nariz cortado e disseram aos conselheiros:

– Ouçam, senhores conselheiros, este barbeiro mutilou esta jóia de mulher sem ter havido ofensa. Que ele tenha o que merece.

Isso posto, falaram os conselheiros:

– Ora, barbeiro! Por que você mutilou sua esposa? Será que ela cobiçou o marido de outra, ou tramou contra sua vida, ou praticou um roubo? Vamos, conte o crime dela.

O barbeiro, porém, com o corpo machucado pelos golpes, não foi capaz de falar.

Vendo que ele permanecia em silêncio, insistiram os conselheiros:

– Deveras! É verdadeira a fala dos servos do rei. Ele tem a alma perversa. Machucou esta pobre inocente. Assim dizem:

O homem que cometeu um crime, apavorado por seu próprio ato, fica com a voz e a cor da face alteradas, o olhar amedrontado, a vitalidade perdida. (198)

– E também:

Aproxima-se com os pés vacilantes; a face muda de cor; o suor é abundante na testa e fala com a voz gaguejante. (199)

O homem que cometeu um crime entra na assembléia dirigindo o olhar para baixo; por meio desses sinais deve ser reconhecido pelos homens perspicazes apesar do esforço. (200)

– Por outro lado:

O homem virtuoso tem a face tranqüila, a aparência feliz, a palavra inteligível, o olhar impetuoso; fala com veemência na assembléia e mantém-se firme. (201)

– Vê-se, portanto, que o barbeiro apresenta os sinais da conduta criminosa. Deve ser sentenciado à morte pela agressão à mulher. Que seja empalado!

Mas Devaçarman, vendo-o ser conduzido ao lugar de execução pública, aproximando-se dos juízes, declarou:

– Senhores conselheiros, o pobre barbeiro é sentenciado injustamente. Ele tem conduta honrada. Ouçam o que tenho a dizer:

O chacal, no combate de dois carneiros... [*çloka* 163]

Prontamente aqueles magistrados perguntaram:

– Ó venerável, como foi isso?

Assim, Devaçarman contou com todos os detalhes a aventura dos três envolvidos.

Os juízes, perplexos com o que ouviam, libertaram o barbeiro e disseram uns aos outros:

Não se pode condenar à morte brâmanes, crianças, mulheres, ascetas e doentes. A mutilação é indicada para eles, mesmo num grande crime. (202)

– Como, para ela, o corte do nariz decorreu de seu próprio ato, nesse caso o castigo real a ser imposto é o corte das orelhas.

Assim feito, Devaçarman, livre da dor provocada pela perda do dinheiro, retornou ao seu mosteiro.

Portanto, eu digo:

O chagal, no combate de dois carneiros... [*çloka* 163]

Karaṭaka perguntou:

– Sendo tão astucioso, como Devaçarman foi enganado por aquele Āṣādhabhūti?

Damanaka respondeu:

Quando uma fraude é bem planejada, nem mesmo Brahman chega a alcançá-la. Um tecelão, na forma de Viṣṇu, deleitou-se com a filha de um rei. (203)

– Irmão, como isso aconteceu? – perguntou Karaṭaka.

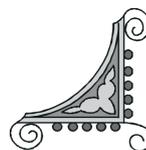
Damanaka contou:





FÁBULA V

**O TECELÃO E O CONSTRUTOR
DE CARRUAGENS**





Em certa cidade, moravam dois amigos: um tecelão e um construtor de carruagens. Lá, desde a infância, os dois companheiros, muito envolvidos com a grande amizade, passavam o tempo sempre perambulando juntos.

Certa vez, na cidade, no templo de uma divindade, realizou-se uma festa com peregrinação. E, na multidão de atores, dançarinos e cantores, no círculo de pessoas vindas de diversos lugares, lá passeavam os dois companheiros, quando viram uma princesa dotada de todos os sinais auspiciosos, cercada de guardiões e eunucos, que chegara, montada numa elefanta, para visitar a divindade.

Assim que o tecelão a viu, como se tivesse tomado veneno ou estivesse atormentado por espírito maligno, ferido pelas setas de Kāma,⁷¹ caiu ao solo inesperadamente.

Então, vendo-o naquele estado, o construtor de carruagens, condoído pela situação do amigo, fez com que homens de confiança o levantassem e o conduzissem para sua própria casa. E lá, por meio de tratamentos variados com substâncias refrescantes prescritos por médicos e sendo assistido por recitadores de fórmulas rituais, ele recobrou com dificuldade a consciência.

Em seguida, o construtor de carruagens perguntou:

– Ei amigo, o que aconteceu? De repente você ficou sem sentidos! Explique-me esse seu sintoma.

– Companheiro – respondeu o outro –, ouça-me em segredo, porque vou contar-lhe toda a minha agonia. Se você me considera amigo, faça a gentileza de construir uma pira funerária.

⁷¹ Kāma, o deus do Amor (de KAM “desejar ardentemente”, “querer”).

ria. Perdoe, se lhe causei algum inconveniente, por excesso de afeição.

Ouvindo isso, o amigo falou com voz gaguejante e os olhos cheios de lágrimas:

– Companheiro, qualquer que seja a causa do sofrimento, revele-a, para que se faça um remédio, se isso for possível, pois se diz:

Nada existe neste mundo que, estando no meio do Ovo de Brahman,⁷² não possa ser curado pelo uso de remédios, preces eficazes, inteligência e homens de grandes almas. (204)

– Então, se dentre essas quatro possibilidades existir uma que o pode curar, eu o curarei.

– Companheiro – retrucou o tecelão –, o meu sofrimento não pode ser curado por esses, nem por outros mil expedientes. Por isso, não retarde a minha morte.

O construtor de carruagens insistiu:

– Ora, amigo, se o seu sofrimento é incurável, conte-me assim mesmo, para que eu acredite que não pode ser curado e entre no fogo com você. Nem por um instante suportarei a sua ausência. Essa é a minha decisão.

O tecelão contou:

– Companheiro, logo após a visão daquela princesa montada numa elefanta lá na festa, aquele que tem um peixe por emblema⁷³ submeteu-me a esta condição. Então, não sou capaz de suportar tanta agonia.

⁷² *Brahmāṇḍa*, “o ovo de Brahman”, isto é, o universo.

⁷³ Referência a Kāma, o deus do Amor. Trata-se de um mito segundo o qual Kāma foi lançado ao mar por um *asura* chamado Çambara e comido por um peixe. O peixe foi pescado e levado à casa do próprio Çambara, que tinha a seu serviço a esposa de Kāma, disfarçada sob o nome de Māyāvātī (“que consiste de ilusão”). Do interior do peixe surgiu um menino, que Māyāvātī adotou. Posteriormente, Kāma reconheceu nela a sua esposa Rati (“prazer sexual”).

Ouvindo tal revelação de sentimentos, o construtor de carruagens disse sorridente:

– Se é assim, companheiro, então nossos projetos serão realizados graças aos céus. Você deve encontrar-se com ela hoje mesmo!

– Companheiro – disse o tecelão –, nos aposentos da jovem, supervisionado pelos guardas, não há entrada para ninguém, exceto para o vento. Como me encontrarei com ela? Por que você me engana com afirmações falsas?

O construtor de carruagens respondeu:

– Amigo, observe o poder da minha inteligência.

Tendo assim falado, fabricou uma ave com a forma de Garuça,⁷⁴ usando um pedaço de uma antiga árvore *arjuna*.⁷⁵ Forneceu-lhe um par de braços, movidos por meio de cavilhas, e deu-lhe também concha, disco, clava e lótus,⁷⁶ uma tiara e a jóia *Kaustubha*.⁷⁷ Depois, fez o tecelão montá-lo, marcou-o com os sinais de Viṣṇu, mostrou-lhe a técnica do movimento das cavilhas e declarou:

– Companheiro, com essa aparência de Viṣṇu, vá aos aposentos da jovem, à meia-noite. A princesa estará sozinha no sétimo pavimento, a parte mais elevada do castelo. Na sua natural ingenuidade, imaginará que você é o divino Vāsu.⁷⁸ Aproveite, encantando-a com palavras de natureza ardilosa e enganadora, pelo método das sentenças de Vātsyāyana.⁷⁹

O tecelão, depois de ouvir isso, transfigurado no divino Vāsu, foi para lá secretamente e sussurrou:

⁷⁴ Garuça, pássaro mítico, rei das aves, que Viṣṇu utiliza como montaria.

⁷⁵ *arjuna*, *Terminali alata glabra*, nome de uma árvore de madeira clara.

⁷⁶ Concha, disco, clava e lótus são armas e emblemas de Viṣṇu.

⁷⁷ *kaustubha*, nome de uma jóia milagrosa, que é usada no peito por Viṣṇu.

⁷⁸ Vāsu, “alma universal”, epíteto de Viṣṇu.

⁷⁹ Vātsyāyana, nome do autor do *Kāmasūtra* (“Tratado sobre o amor”).

– Princesa, estás acordada ou adormecida? Eu cheguei do oceano, apaixonado por ti, depois de abandonar até Lakṣmī.⁸⁰ Vem, para unir-te a mim.

Vendo-o chegar montado no Garuḍa, com quatro braços, armado e adornado com a jóia *Kaustubha*, ela levantou-se do leito espantada e perguntou:

– Ó bem-aventurado, eu sou uma insignificante criatura impura. Vossa Senhoria é aquele que purifica os três mundos e que deve ser venerado. Então como isso pode estar certo?

– Bem-amada – respondeu o tecelão –, falas a verdade. Por outro lado, anteriormente havia minha esposa que se chamava Rādhā,⁸¹ gerada em família de vaqueiros. Ela agora está encarnada em ti. Por isso vim até aqui.

Assim informada, ela ponderou:

– Ó glorioso, se é assim, então peça-me a meu pai. Ele com certeza concordará e me concederá a Vossa Senhoria.

– Bem-amada – retrucou ele –, eu não ando ao alcance da visão dos homens, tampouco levo a cabo qualquer conversa com eles. Entrega-te a mim, pelo rito de casamento dos Gandharva,⁸² senão rogarei uma praga e reduzirei teu pai a cinzas, junto com toda a família.

Depois de falar assim, desceu do Garuḍa, segurou pela mão esquerda a jovem que tremia, amedrontada e envergonhada, e conduziu-a para a cama. Então, durante o resto da noite, desfrutou dos prazeres segundo os preceitos de Vātsyāyana e, ao amanhecer, foi para casa sem ser percebido.

⁸⁰ Lakṣmī, deusa da Beleza e da Fortuna, esposa de Viṣṇu.

⁸¹ Rādhā, “prosperidade”, nome de uma pastora amada por Kṛṣṇa. Sendo Kṛṣṇa avatar de Viṣṇu, ela passou a ser considerada avatar de Lakṣmī e venerada como deusa.

⁸² Gandharva, nome de uma classe de divindades celestes que guardam o Soma, bebida ritualística; *gāndarvavivāha* (“casamento dos Gāndarva”, forma de casamento que requer apenas o mútuo consentimento dos noivos).

Assim o tempo passava, e ele a visitava constantemente. Um dia, porém, os guardas do gineceu, percebendo uma rachadura no coral do lábio inferior da princesa, disseram uns aos outros:

– Vejam! Os membros do corpo da princesa revelam-na como alguém possuída por um varão. Como pode ter acontecido isso, nesta casa tão bem vigiada? Vamos comunicar ao rei.

Assim resolvendo, reuniram-se todos e denunciaram ao rei:

– Majestade, nós não entendemos, mas alguém entra nos aposentos da princesa, apesar de bem vigiados. Portanto, a autoridade está com o senhor.

Ao escutar isso, o rei, com o espírito muito confuso, pensou:

Aqui no mundo, uma filha engendra grande ansiedade, grande dúvida: a quem deve ser dada? E, depois de dada: encontrará a felicidade ou não? Paternidade de uma jovem é o que realmente se chama sofrimento. (205)

– E também:

Quando nasce, rouba o espírito da mãe; cresce com a ansiedade dos amigos; até quando dada em casamento, comete más ações; as filhas são calamidades insuperáveis. (206)

Depois de muito refletir, dirigiu-se à rainha, que estava só:

– Rainha, saiba o que dizem os guardas do gineceu. Quem o ultrajou ofendeu Kṛtānta.⁸³

⁸³ Kṛtānta, “que traz o fim”, epíteto de Yama, deus dos mortos.

Escutando isso, a rainha, preocupada, foi imediatamente aos aposentos da jovem e viu a filha com os lábios fendidos e os membros do corpo com marcas de unhas. E disse:

– Ah! Perversa! Desonra da família! Como aconteceu a quebra de tua virtude? Quem é esse que, observado por Kṛtānta, vem para perto de você? Conte-me a verdade, mesmo que consumado o fato.

Assim ouvindo, com a cabeça baixa pela vergonha, a jovem relatou toda a história do tecelão com aparência de Viṣṇu.

Ao ouvir isso, a rainha correu até o rei, com o rosto sorridente e com todos os pelos do corpo arrepiados de prazer, e disse-lhe:

– Senhor, pela graça dos deuses, Vossa Majestade prospera! Regularmente, à meia-noite, chega até junto da jovem o venturoso Nārāyaṇa,⁸⁵ com quem ela está casada pelo rito dos Gandharva. Hoje, à meia-noite, ele poderá ser visto por nós, quando formos à janela, pois ele não conversa com os homens.

Feliz ao ouvir isso, o rei passou o dia com dificuldade, como se durasse cem anos. Depois, à noite, quando permanecia imóvel à janela, acompanhado pela rainha, com o olhar fixo no firmamento, percebeu Nārāyaṇa descendo do céu, montado no Garuda, trazendo nas mãos concha, disco, clava e lótus e marcado com os sinais, como fora dito. Depois, imaginando a si mesmo como se estivesse inundado por um rio de néctar, disse à rainha:

– Querida, não existe no mundo outro mais afortunado do que eu e do que tu, porque Nārāyaṇa ama nossa filha. Todos os nossos desejos serão realizados. Agora, com o poder do genro, a terra inteira ficará sob nosso controle.

⁸⁴ Nārāyaṇa, “que reside nas águas” (de acordo com Manu, I, 10) ou refúgio dos homens; epíteto de Viṣṇu.

Assim decidindo, ordenou a invasão das fronteiras de todos os reis limítrofes. Estes, percebendo que ele avançava com a invasão das fronteiras, aliaram-se todos e empreenderam uma guerra contra ele.

O rei, então, disse à filha, por intermédio da esposa:

– Sendo tu a nossa filha e sendo Nārāyaṇa o nosso divino genro, é justo que todos os reis empreendam uma guerra contra mim? Teu esposo deve ser esclarecido hoje por ti, para que faça perecer meus inimigos.

Assim, à noite, ela disse com toda a modéstia ao tecelão:

– Ó venerável, sendo vós o genro de meu pai, não é justo que ele seja subjugado pelos inimigos. Faça, então, o favor de causar a destruição de todos eles.

– Mas, bem-amada – respondeu o tecelão –, têm pouca importância os inimigos do teu pai. Fica confiante. Num piscar de olhos, com o disco *Sudarçana*,⁸⁵ reduzirei todos a pedacinhos pequenos como sementes de gergelim.

Entretanto, com o passar do tempo, tendo sido repellido em toda a região pelos inimigos, ao rei só restaram as muralhas. Mesmo assim, ele não reconhecia o tecelão, com a aparência do divino Vāsu. Com regularidade e deferência, enviava-lhe perfumes especiais como cânfora, aloés, almíscar e outros, além de variadas espécies de roupas, flores, comidas e bebidas. Então, por intermédio da filha, disse-lhe:

– Ó ser divino, ao amanhecer, a cidade cairá certamente, pois acabou o suprimento de lenha e de forragem. Todo o povo está com o corpo desgastado pelas lutas, incapaz de guerrear e a maior parte morreu. Sabendo disso, aqui e agora, deveis fazer o que é conveniente.

⁸⁵ *sudarçana*, “que tem bela aparência”, nome da arma em forma de disco usada por Viṣṇu.

Ouvindo isso, o tecelão ponderou:

– Se a cidade cair, terei de separar-me da princesa. Por isso, montarei no Garuða e mostrar-me-ei no céu, bem armado. Talvez os inimigos acreditem que sou Vāsudeva e, amedrontados, sejam destruídos pelos guerreiros do rei, pois se diz:

Mesmo não sendo venenosa, a serpente deve exhibir seu grande capelo; haja ou não veneno, o que causa terror é a expansão do capelo. (207)

– Entretanto, se eu morrer enquanto me ergo em defesa da cidade, então será mesmo muito melhor, pois também se diz:

Quem renuncia à vida por uma vaca, por um brâmane, por seu senhor, por sua esposa ou por sua cidade, alcança os mundos eternos. (208)

Assim decidiu e, ao alvorecer, após a limpeza dos dentes, disse à princesa:

– Bem-amada, só provarei comida e bebida depois da destruição de todos os inimigos. Em poucas palavras, só então terei contato contigo. Agora, debes dizer a teu pai que, ao raiar do dia, depois de sair da cidade com todo o exército, deve combater. E eu, parado no ar, a todos eles tornarei enfraquecidos, para que possam ser aniquilados com facilidade. Do contrário, se eu mesmo os matar, pode acontecer a ida daquelas almas danadas para o paraíso de Viṣṇu. Por isso, se forem mortos fugindo, não irão para o céu.

Ouvindo isso, a princesa foi até seu pai e comunicou-lhe todo o plano.

O rei, confiante nas palavras dela, levantou-se ao alvorecer e partiu para a batalha com seu exército bem equipado. O tecelão, determinado a morrer, partiu para o combate movendo-se pelo ar, montado no Garuða, com o arco na mão.

Entretanto, o divino Nārāyaṇa, que conhece o passado, o futuro e o presente, anunciou sorrindo para o filho de Vinatā,⁸⁶ que viera meramente por ser lembrado:

– Ó Pássaro, saiba você que um tecelão, com a minha aparência e montado num Garuḍa feito de madeira, corteja a filha de um rei.

– Ó divindade – respondeu o Garuḍa –, sei de todo esse fato. O que faremos agora?

O venerável bem-aventurado disse:

– Hoje, decidido a morrer, o tecelão vai para a batalha, em cumprimento de uma promessa. Com certeza, ele encontrará seu fim, ferido pelas flechas dos principais guerreiros. Quando ele morrer, todo o povo dirá que Vāsudeva e Garuḍa foram confrontados por muitos guerreiros e tombaram. Em consequência disso, o mundo não mais nos fará homenagens. Portanto, de imediato, incorpore-se lá no Garuḍa feito de madeira, e eu penetrarei no corpo do tecelão, de modo que ele fará perecer os inimigos. Assim então, pelo aniquilamento do inimigo, nossa fama aumentará.

Logo que o Garuḍa concordou, o glorioso Nārāyaṇa penetrou no corpo do tecelão.

Então, pelo poder do bem-aventurado, o tecelão, parado no ar e exibindo a concha, o disco, a clava e o arco, num piscar de olhos, como brincadeira, deixou enfraquecidos os principais guerreiros reunidos. Todos os inimigos foram vencidos e mortos, em combate, pelo rei, cercado por seu exército. E, no meio da população, nasceu o boato:

– Foi por causa do poder do genro Viṣṇu que todos os inimigos foram destruídos.

⁸⁶ “filho de Vinatā” é o Garuḍa.

O tecelão, vendo que os inimigos estavam mortos, desceu satisfeito do céu. O rei, os ministros e os cidadãos logo o reconheceram como o tecelão habitante da cidade e então perguntaram:

– O que significa isso?

Ele, assim, contou, desde o princípio, tudo o que se passara. Com o espírito jubiloso pela audácia do tecelão e com a glória alcançada pela destruição dos inimigos, o rei concedeu-lhe a princesa, numa cerimônia de casamento diante de todo o povo, e também ofereceu-lhe uma província.

O tecelão passou a vida com a amada, experimentando as cinco espécies de prazeres dos sentidos, a parte melhor do mundo dos vivos. Por isso, se diz:

Quando a fraude é bem planejada... [*çloka* 203]

Ao ouvir isso, Karaṭaka perguntou:

– O que faremos nós dois, agora, diante de tal infortúnio?

– Em tal circunstância, – respondeu Damanaka, – manifestar-se-á minha inteligência, com que promoverei a desunião entre Saṁjīvaka e o soberano. Assim se ouve:

Uma flecha desferida pelo arqueiro pode ferir um, ou não ferir. A inteligência emitida pelo inteligente fere um reino junto com o rei. (209)

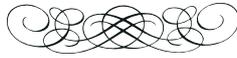
Karaṭaka disse:

– Apesar da confiança na sua inteligência, mesmo assim você é incapaz de causar a separação entre ele e Piṅgalaka.

– Irmão – disse Damanaka –, o inábil às vezes é capaz. Também se diz:

O que se pode fazer com artifício não deve ser conquistado com esforços físicos: uma serpente negra foi derrubada, com uma corrente de ouro, pela fêmea de um corvo. (210)

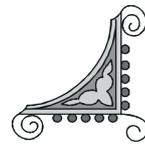
– Como foi isso? – perguntou Karaçaka.
Damanaka contou:





FÁBULA VI

O CASAL DE CORVOS



Havia, em certa província, uma grande figueira. Lá morava um casal de corvos. Ora, na época em que procriavam, uma serpente negra, uma naja, saía do oco da árvore e sempre comia a ninhada.

Então, por desespero, eles procuraram um chagal, bom amigo, que morava junto às raízes de outra árvore, e falaram:

– Amigo, o que será feito de nós numa situação como esta: aquela serpente negra, de espírito tão mau, sempre sai do oco da árvore e come nossos filhotes. Diga-nos, então, qual é a estratégia para protegê-los?

Quem possui campo à margem de rio, esposa que se encontra com outro e morada em casa infestada de cobras, como pode ter felicidade? (211)

– Além disso, até para nós, que ficamos lá todos os dias, há risco de vida.

– Nessa situação – disse o chagal –, não se deve desesperar nem um pouco. Certamente, sem uma estratégia, aquela voraz não será castigada.

Com estratégia, a vitória sobre o inimigo torna-se tão certa que não se compara à vitória por meio de armas; o bom estrategista, mesmo de pequena estatura, não é sobrepujado pelos poderosos. (212)

– Deste modo:

Por avidez excessiva, depois de comer muitos peixes grandes, pequenos e médios, uma certa garça foi morta no abraço de um caranguejo. (213)

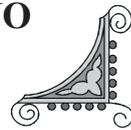
– Como foi isso? – ambos perguntaram.
O chacal contou:





FÁBULA VII

A GARÇA E O CARANGUEJO





avia, numa certa província, um lago habitado por diversos animais aquáticos. Lá encontrou refúgio uma garça que chegara à senilidade e se tornara incapaz de apanhar peixes. E então, com a garganta ressecada pela fome, postando-se à margem do lago, chorou, regando o solo com rios de lágrimas que pareciam montes de pérolas dispersas.

Condoído por sua dor, um caranguejo, que estava acompanhado de alguns habitantes do lago, aproximou-se e disse-lhe, com respeito:

– Minha cara, por que hoje você não se dá ao trabalho de conseguir comida? Permanece aí, apenas com suspiros e olhos lacrimejantes!

– Filho – ela respondeu –, você percebeu a verdade: de fato, agora faço jejum, e aqui permaneço à espera da morte, com extremo desapego pela alimentação de peixe, de modo que eu não como nem mesmo os peixes que se aproximam.

Ouvindo isso, o caranguejo perguntou:

– Amiga, qual a causa desse desapego?

– Filho – explicou ela –, eu nasci e cresci neste lago. Ouvi dizer, entretanto, que uma estiagem de doze anos está na iminência de acontecer.

– De quem você ouviu isso? – perguntou o caranguejo.

– Da boca de um vidente – disse a garça –, pois Saturno, Marte e Vênus progridem, depois de atravessar o Carro de Rohiṇī.⁸⁷ E Varāhamihira⁸⁸ diz:

⁸⁷ Carro de Rohiṇī, nome da constelação celeste formada por cinco estrelas, provavelmente α, β, γ, δ, ε *Tauri*, que sugerem um carro com rodas.

⁸⁸ Varāhamihira, nome de um astrônomo célebre, que viveu provavelmente no século VI d.C. Suas obras principais foram: *Bṛhatsamhitā* (“Grande Coletânea”) e *Bṛhatjātaka* (“Grande Narrativa”).

Se Saturno atravessa o Carro de Rohiṇī, em sua órbita celeste, Indra não faz chover nem um pouco sobre a terra, durante doze anos. (214)

– E também:

Quando o Carro de Prajāpati⁸⁹ é atravessado, a Terra, como se tivesse praticado um crime, é recoberta de cinzas e de fragmentos de ossos, como se cumprisse um ato de devoção de um *kāpālika*.⁹⁰ (215)⁹¹

– E ainda:

Se Saturno atravessa o Carro de Rohiṇī, ou Marte, ou a Lua – o que posso dizer? –, num oceano de calamidades, o mundo inteiro alcançará a destruição completa.⁹² (216)

– Ora, este é um lago que tem muito pouca água. Logo ficará seco. Quando isso ocorrer, todos aqueles junto aos quais eu cresci e com quem sempre brinquei morrerão por falta de água. Por isso, eu sou incapaz de assistir à separação deles. Assim, faço jejum, aqui parada à espera da morte. Neste momento, os animais aquáticos de todos os pequenos lagos são levados para os grandes lagos por seus próprios parentes. E alguns crocodilos, gaviais, delfins, elefantes marinhos e outros vão por si mesmos. Aqui no lago, ao contrário, os habitantes estão despreocupados, por isso eu choro pela espécie, já que aqui não restará nem um só como semente.

⁸⁹ Carro de Prajāpati, o mesmo que Carro de Rohiṇī.

⁹⁰ *kāpālika* (“relativo a caveira”), nome dado a ascetas adoradores de Çiva que utilizam uma caveira como tigela para comer e beber e que costumam recobrir o corpo com cinzas.

⁹¹ Esta estrofe encontra-se na obra *Bṛhatsamhitā*, IX, 25, de Varāhamihira.

⁹² Esta estrofe encontra-se na obra *Bṛhatsamhitā*, XLVII, 14, de Varāhamihira.

Tendo ouvido isso, o caranguejo foi contar aos companheiros a história da garça.

Aí os peixes, as tartarugas e os outros animais, todos eles trêmulos de medo, aproximaram-se dela e perguntaram:

– Amiga, existe algum meio pelo qual possamos salvar-nos?

A garça disse:

– Há, não muito longe deste lago, uma lagoa que contém água abundante, adornada com muitos lótus, e que não ficará seca nem mesmo com vinte e quatro anos de estiagem. Se alguém montar no meu dorso, eu o conduzo até lá.

Aí, com confiança, eles exclamaram:

– Amiga! Tia! Irmã! Primeiro eu! Primeiro eu!

E rodearam-na por todos os lados. Ela, um poço de maldade, fazendo-os subir no dorso, um a um, ia até uma rocha não muito longe do lago. Lá os arremessava contra a rocha e os comia à vontade. Depois, voltando ao lago, ludibriava os remanescentes com notícias e mensagens falsas. Fazia isso cotidianamente como modo de subsistência.

Certo dia, o caranguejo disse:

– Minha cara, foi comigo que aconteceu a sua primeira conversa de amigo. Por que, então, você me abandona e leva os outros? Por isso, hoje, providencie minha salvação.

Ouvindo isso, mal intencionada, ela pensou:

– Estou mesmo enjoada de alimentar-me de peixe. Hoje, então, preparo esse caranguejo como condimento.

Depois de assim refletir, ajudou-o a subir no dorso e partiu na direção do rochedo da morte. O caranguejo, porém, observando de longe a montanha de ossos junto à rocha e percebendo que eram ossos de peixe, perguntou-lhe:

– Amiga, a que distância está o lago? Você está muito cansada com o meu peso? Diga-me.

Ela pensou:

– Este animal aquático é um débil mental mesmo; não se sustenta em terra firme.

Sorrindo, então, respondeu:

– Caranguejo! Outro lago, onde? Este é meu modo de subsistência. Por isso, recorde-se de sua divindade predileta. Vou arremessá-lo naquela rocha e comê-lo.

Enquanto ela assim falava, foi prensada no pescoço delicado, branco como um talo de lótus, pelos dois dentes da boca do caranguejo e foi morta. Em seguida, ele tomou o pescoço da garça e aproximou-se do lago vagarosamente. Então, todos os companheiros perguntaram-lhe:

– Ó caranguejo! Por que você retornou? Há uma boa razão? A garça não veio. Por que demora, então? Todos nós estamos à espera, ansiosos e impacientes.

Quando eles assim falaram, o caranguejo, caindo na risada, disse:

– Estúpidos! Todos os animais foram enganados, arremessados contra uma rocha não muito distante e comidos por aquela mentirosa. Mas, como ainda não chegou a minha hora fatal, percebi a intenção daquela traidora e aqui trago o seu pescoço. E chega de confusão! Agora haverá tranqüilidade para todos.

– Por isso, eu digo:

Por avidez excessiva, depois de comer... [*çloka* 213]

O corvo falou:

– Amigo, diga-nos, então, como a naja maligna encontrará seu castigo?

O chacal explicou:

– Vá você até alguma cidade que seja residência de um rei. Lá, apodere-se de uma corrente de ouro ou um colar de pérolas de algum ministro do rei, ou outro cortesão, rico e descuidado. Depois jogue o objeto no oco da árvore, para que a naja seja destruída por causa do roubo.

Assim que ouviram isso, num piscar de olhos, o corvo e sua fêmea, com muito ânimo, levantaram vôo. Logo ela alcançou um lago e viu que as habitantes do gineceu de um rei brincavam na água e que, junto à margem, havia correntes de ouro caídas e colares de pérolas, roupas e adornos abandonados. Aí, a fêmea do corvo roubou uma corrente de ouro e partiu na direção de sua casa. Os guardas do gineceu e os eunucos, observando o furto, saíram atrás dela em seguida, armados de bastões. Mas ela, que havia jogado a corrente de ouro na morada da serpente, já estava muito longe. Então, quando os servos do rei subiram na árvore e olharam para o buraco, lá estava a naja com o capelo inchado. Mataram-na a pauladas, levaram a corrente de ouro e foram para casa contentes.

O casal de corvos, a partir de então, viveu feliz.

– Por isso eu digo:

O que se pode fazer com artifício... [*çloka* 210]

– De modo que – concluiu Damanaka –, para os inteligentes, nada é impossível de fazer, neste mundo. Assim dizem:

Quem tem inteligência tem força, mas de onde virá a força de quem não tem inteligência? Na floresta, um leão embriagado de orgulho foi vencido por uma lebre. (217)

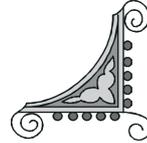
– Como foi isso? – perguntou Karaçaka.

Damanaka contou:





FÁBULA VIII
O LEÃO BHĀSURAKA





Em certa floresta, vivia um leão chamado Bhāsuraka,⁹³ que, por excesso de vigor, não descansava, causando a morte de muitas gazelas, lebres e outros animais.

Certa vez, então, todos os habitantes da floresta, antílopes, javalis, búfalos, lebres e outros reuniram-se, procuraram-no e disseram:

– Senhor, por que sempre há essa matança de todos os animais, quando, com apenas um, haveria satisfação para o senhor? Faça, então, um contrato conosco. A partir de hoje, enquanto o senhor fica aqui sentado, todos os dias, virá, para ser comida, um animal da floresta, numa sucessão de espécies. Assim, a sua subsistência será garantida sem o menor incômodo. E não haverá mais o completo extermínio de nossas linhagens. Que seja respeitado o dever de soberano, pois se diz:

Quem aproveita a máxima realeza, pouco a pouco, como um elixir de longa vida, é sábio e alcança a suprema prosperidade. (218)

Uma terra, mesmo árida, revolvida de acordo com as regras e com a recitação de preces, produz fruto, como a *arañī*⁹⁴ produz fogo. (219)

A proteção dos súditos é louvável como incremento do tesouro celeste; a opressão conduz à destruição da lei, ao vício e à infâmia. (220)

⁹³ Bhāsuraka, “esplêndido”.

⁹⁴ *arañī*, nome de um objeto composto por dois pedaços de madeira que são esfregados para acender fogo; uma peça cúbica, com um pequeno orifício na parte superior, no qual se introduz um rolete que é puxado alternativamente por duas pessoas. É utilizado pelos brâmanes nas cerimônias rituais.

O rei, como um vaqueiro, em troca de proteção e sustento, deve tomar, pouco a pouco, a riqueza (comparada ao leite) dos súditos, estes comparados a vacas; ele deve atuar com conduta adequada. (221)

Para o senhor do reino que, por insensatez, mata o súdito como se este fosse cabra, a satisfação acontece só uma vez; não há segunda, de nenhum modo. (222)

O soberano que deseja recompensas deve proteger o povo, empenhar-se em agradá-lo com presentes, honrarias e outros favores, assim como o jardineiro, com a água, protege os brotinhos. (223)

O rei, como uma lâmpada, mesmo subtraindo dos súditos a riqueza, comparada ao óleo, é visto por meio de suas deslumbrantes qualidades internas e não por aquela apropriação. (224)

Assim como a vaca deve ser ordenhada no momento oportuno e bem protegida, o súdito também; do mesmo modo uma trepadeira, quando é regada e cresce, dá flores e frutos. (225)

Assim como um broto de semente em boa terra, cuidado com solicitude, torna-se doador de frutos no momento oportuno, assim também o povo bem cuidado tornar-se-á doador de riquezas. (226)

Ouro, grãos, jóias e veículos diversos, assim como qualquer outra coisa do soberano, tudo é proveniente dos súditos. (227)

Os soberanos que agem em benefício do povo prosperam; os que arruinam os povos, sem dúvida, causam sua própria ruína. (228)

Então, depois de ouvir a proposta, Bhāsuraka disse:

– Muito bem! O que vocês dizem é verdade, mas se, enquanto eu estiver aqui sentado, não se aproximar nenhum animal da floresta, então certamente devorarei a todos.

Assim consentindo, puderam perambular felizes, lá no bosque, sem medo. E todos os dias, de acordo com a espécie,

vinha um: velho ou desapegado do mundo ou temeroso pela perda da esposa ou do filho, um dentre eles aproximava-se ao meio-dia para ser comido pelo leão.

Certo dia, conforme o rodízio das espécies, chegou a vez da lebre. Enviada por todos os animais, ia devagar, sem vontade, urdindo um plano para destruir o leão e fazendo-se atrasar. Quando caminhava, com o coração perturbado, avistou um poço na trilha por onde ia. Foi até a borda do poço, viu seu próprio reflexo lá no fundo e pensou consigo mesma que isto poderia ser um plano adequado:

– Se eu deixar Bhāsuraka enfurecido, farei com que caia neste poço por sua própria vontade.

Chegou, então, à presença de Bhāsuraka no fim do dia. O leão, com a garganta ressecada pela fome por causa do atraso, lambendo repetidamente os cantos da boca, pensava:

– Ah! Quando amanhecer, a floresta ficará vazia de seres vivos, tendo em vista minha subsistência!

Enquanto ele assim imaginava, a lebre chegou devagar, saudou-o com uma reverência e postou-se à sua frente.

Bhāsuraka, com a alma em chamas, assim ameaçou:

– Ah! Lebre perversa! Uma só, tão pequena e, além disso, chega com atraso! Por causa desta ofensa, depois de matá-la, retalharei todos os bandos de animais ao amanhecer.

Então, com bons modos, a lebre disse:

– Senhor, a culpa não é minha, nem das outras criaturas. Ouça o motivo.

– Explique logo, antes de ir para o meio dos meus dentes,
– disse o leão.

– Senhor – a lebre explicou –, hoje, de acordo com o rodízio das espécies, sabendo que era a minha vez, mas sendo eu tão pequena, os animais reunidos enviaram-me junto com outras,

num grupo de cinco lebres. E assim vinha eu no meio do caminho, quando um outro leão muito grande saiu de uma caverna e disse: “Olá! Onde vão vocês? Recordem sua divindade favorita!” Então eu respondi: “Nós vamos à presença do senhor leão Bhāsuraka, para sermos devoradas, conforme um contrato.” Então ele disse: “Se é assim, neste caso, este bosque é meu. É comigo que todos os animais devem celebrar um contrato. É um usurpador, esse Bhāsuraka! Então, se ele aqui é o rei, deixe-me quatro lebres como reféns, vá chamá-lo e volte o mais rápido possível, para que dentre os dois, aquele que se tornar rei, por meio da força, possa devorar todos os animais.” Por isso, enviada por ele, vim à sua presença. Esse é o motivo do atraso. Agora, o senhor é quem manda.

Ouvindo isso, Bhāsuraka disse:

– Minha cara, se é assim, mostre-me logo esse leão usurpador para que eu descarregue sobre ele a raiva que sinto contra os animais e recobre a calma, pois assim se diz:

Terra, amigo e ouro são os três tipos de frutos da guerra; se não existe pelo menos um deles, não se deve guerrear de modo algum. (229)

Onde não houver grande proveito e onde for iminente a derrota, não deve o sábio provocar nem levar a cabo um combate. (230)

– Senhor, isso é verdade, ponderou a lebre. Os guerreiros combatem por sua própria terra ou para vingar um ultraje. Aquele leão, porém, está protegido por uma fortaleza, de onde saiu para nos deter. O inimigo que permanece na fortaleza torna-se difícil de ser abatido. Ensina-se pois:

O que os reis não podem conquistar com mil elefantes, nem com cem mil cavalos, conquista-se com uma fortaleza. (231)

Atrás de uma trincheira, um único arqueiro resiste a cem; por isso os experientes em ciências políticas exaltam a fortaleza. (232)

Outrora, por orientação do mestre e por receio de Hiranya-kaçipu, Çakra fez construir uma cidadela, com a habilidade de Viçvakarman.⁹⁵ (233)

E ele concedeu este favor: o rei que tenha uma fortaleza será vitorioso. Por isso existem praças fortificadas aos milhares na terra. (234)

Serpente sem presas e elefante sem cio são dominados por todos, tal como o rei sem fortaleza. (235)

Ouvindo isso, Bhāsuraka insistiu:

– Minha cara, mostre-me esse leão usurpador, mesmo que esteja numa cidadela, para que eu o mate, porque assim se diz:

Aquele que não combate, tanto o inimigo quanto a doença logo que nascem, por mais poderoso que seja, será destruído por eles, quando atingirem o crescimento. (236)

– Assim também:

Elevando-se, porém, o inimigo não deve ser negligenciado por quem deseja um caminho saudável; pois dizem os sábios que o inimigo e a doença tendem a crescer. (237)

– E também:

⁹⁵ Hiranyakaçipu (“que se veste de ouro”), de acordo com um antigo mito indiano, é o nome de um dos filhos de Diti e Kaçyapa. Tendo obtido de Brahman a promessa de que não seria morto nem por um deus, nem por um homem, nem por um animal, usurpou o poder de Indra sobre os três mundos. Para matá-lo, Viçnu encarnou-se como Narasimha (“homem-leão”).

O mestre a que se alude é Bṛhaspati (“senhor da prece”), o preceptor dos deuses. Çakra (“poderoso”), é um epíteto que designa vários deuses, principalmente Indra.

Viçvakarman (“que faz tudo”), é o nome do deus védico construtor do universo.

O inimigo debilitado, que, por culpa da negligência, é menosprezado por homens cegos pelo orgulho, pode ser vencido no começo, mas depois avança para a invencibilidade, do mesmo modo que a doença. (238)

– E ainda:

Aquele que avança mata muitos guerreiros, depois de observar a própria força, auto-estima e perseverança, apesar de ser um só, como fez o descendente de Bhṛgu.⁹⁶ (239)

– É isso mesmo – ponderou a lebre –, mas eu notei como ele é forte. Não convém ao senhor enfrentá-lo sem conhecer a capacidade dele, pois:

O impetuoso que desconhece sua própria força e a do adversário e vai ao seu encontro dirige-se para a morte no fogo, como a mariposa. (240)

Aquele que, apesar de forte, vai atacar um inimigo que o supera pela força retorna humilde, como um elefante de presa quebrada. (241)

Bhāsuraka exclamou:

– Ora, o que você tem a ver com isso? Mostre-me o leão, mesmo que esteja numa cidadela.

– Se é assim, venha, então, senhor – disse a lebre.

Disse isso e saiu à frente. Depois, quando chegaram ao poço que ela vira antes, sentou-se à borda e disse a Bhāsuraka:

⁹⁶ Bhṛgu, segundo as lendas é o nome de um antigo monge, que instituiu o sacrifício em honra de Agni, e de um de seus descendentes, avô de Paraçurāma (“Rāma com o machado”), um brāmane (considerado uma encarnação de Viṣṇu) que quase destruiu toda a classe dos *kṣatriya* (“guerreiros”), em época muito remota.

– Senhor, quem pode resistir à sua grandeza? Tendo-o avisado, mesmo de longe, o leão usurpador entrou na própria trincheira. Venha, para que eu o mostre.

Bhāsuraka disse:

– Mostre-me a fortaleza.

Ela mostrou o poço imediatamente. O leão estúpido, ao ver, no fundo do poço, sua própria imagem que aparecia no meio da água, soltou um rugido. Em seguida, do fundo do poço, subiu um rugido duplicado pelo eco. Então, pensando ser o inimigo, lançou-se sobre ele e perdeu a vida.

A lebre ficou satisfeita ao dar alegria a todos os animais e, louvada por eles, continuou vivendo prazerosamente na floresta. Por isso eu digo:

Quem tem inteligência tem força... [*çloka* 217]

– Então, se você permite, vou até lá e, com o poder da minha inteligência, acabo com a amizade daqueles dois – concluiu Damanaka.

Karaṭaka disse:

– Meu caro, se é assim, então vá. Sejam-lhe auspiciosos os caminhos e que aconteça o que você deseja.

Assim, Damanaka viu Piṅgalaka distante de Saṁjīvaka e, aproveitando o momento, saudou-o com uma reverência e sentou-se à sua frente.

Piṅgalaka disse-lhe:

– Meu caro, por que não aparece há tanto tempo?

– Vossa Majestade não tem nenhuma necessidade de nós – respondeu Damanaka –, por isso eu não me aproximo. Entretanto, vendo a decadência dos negócios do rei, vim eu mesmo falar-lhe, com o coração consumido pela angústia. Isto é propagado:

Boa ou má, detestável ou agradável, deve-se dizer a verdade mesmo não questionada à pessoa da qual não se deseja a ruína. (242)

Ouvindo esse discurso cheio de intenções, Piñgalaka disse:

– O que você quer dizer? Conte o que há para ser contado.

– Senhor – ele disse –, Samjīvaka tem desígnios traiçoeiros contra Vossa Majestade. Quando ganhei a confiança dele, disse-me em segredo: “Ó Damanaka! Já percebi a força e a fraqueza daquele Piñgalaka. Eu o matarei e terei o domínio sobre todos os animais e farei de ti encarregado do ministério.”

Ouvindo a terrível declaração, fulminante como um raio poderoso, Piñgalaka ficou em estado de estupor e não disse nada.

Damanaka, observando aquele semblante, pensou:

– A afeição que o prende a Samjīvaka é tanta que agora o rei encontrará a ruína junto com seu ministro. É assim que se ensina:

Quando o soberano confere a autoridade sobre todo o reino a um único ministro, o orgulho, por vaidade, apodera-se desse ministro e, por orgulho, ele fica insatisfeito com a servidão. Como ele fica insatisfeito, o desejo de independência toma conta de seu espírito e, então, com o desejo de independência, ele investe contra a vida do patrão. (243)

– O que convém fazer agora?

Piñgalaka recuperou a consciência com dificuldade e disse-lhe:

– Samjīvaka é um servidor tão caro quanto minha vida. Como pode ter más intenções contra mim?

– Senhor – objetou Damanaka –, servidor ou não servidor, isso é inconcludente, pois se diz:

Não existe homem que não deseje o poder dos reis; são sempre os incompetentes que estão a serviço do soberano. (244)

– Meu caro – retrucou Piṅgalaka –, mesmo assim, meus sentimentos em relação a ele não mudam. E isso pode ser dito de um modo mais correto:

Quem não ama seu corpo, mesmo alquebrado por muitas doenças? Mesmo que cometa maldades, o ente querido é sempre querido. (245)

– Aí mesmo é que está o engano – disse Damanaka –, pois assim se ensina:

O homem no qual o rei fixa os olhos com freqüência, quer tenha alta ou baixa linhagem, é um receptáculo de riqueza. (246)

– Além disso, por qual mérito distintivo o rei mantém junto a si Saṃjīvaka que não tem mérito? E, se Vossa Majestade pensa que, com ele, destruirá seus inimigos, em virtude da grande estatura, isso não é possível, pois ele é herbívoro, enquanto os inimigos de Vossa Majestade são carnívoros. Com a ajuda dele, a destruição dos adversários não acontece. Por isso, ele deve ser acusado e morto.

Piṅgalaka discordou:

Se anteriormente alguém é proclamado virtuoso na assembleia, não pode ser acusado depois por quem receia a quebra de uma promessa. (247)

– Ademais, por seu intermédio, eu concedi a Saṃjīvaka uma garantia de segurança. Como posso eu mesmo mandar matá-lo? De qualquer forma, Saṃjīvaka é nosso amigo, não deve existir qualquer animosidade contra ele. Também se ensina:

Esse Daitya,⁹⁷ que de mim recebeu o poder, não merece ser destruído por mim. Não é correto alguém cortar uma árvore venenosa depois de tê-la cultivado. (248)⁹⁸

No começo, não se deve mostrar amizade aos solicitantes; quando oferecida, porém, deve ser incrementada diariamente. Elevar uma pessoa e depois derrubá-la causa-lhe vergonha; não existe o medo da queda para quem está no chão. (249)

Que mérito há na bondade daquele que é bom para quem o ajuda? É aclamado bom pelos homens sábios aquele que é bom para quem o prejudica. (250)

–Mesmo que ele abrigue desígnios traiçoeiros contra mim, não agirei com hostilidade.

Damanaka advertiu:

– Senhor, não é dever de soberanos perdoar quem tem desígnios traiçoeiros, visto que assim é propagado:

É morto o rei que não mata o servidor que tem riqueza igual à sua, que tem poder igual ao seu, que conhece as suas fraquezas, que age com determinação e que se apodera da metade do reino. (251)

–Além do mais, pela amizade dele, o senhor abandonou todos os deveres de soberano e, por isso, toda a corte ficou insatisfeita, ainda mais que Saṁjīvaka é comedor de ervas e, por outro lado, os súditos de Vossa Majestade alimentam-se de carne. Com sua resolução polêmica de não matar, de onde virá a

⁹⁷ Nome genérico dado aos filhos da deusa Diti, conhecidos também como os Marut, gerados no útero dessa deusa quando seu embrião foi dividido em partes por Indra. No *Mahābhārata*, é o nome de um demônio.

⁹⁸ Citação do poema de Kālidāsa - *Kumārasambhava*, II, *çloka* 55. A estrofe faz parte da resposta de Brahman aos deuses que lhe pedem para libertá-los da opressão do demônio Tāraka.

carne para eles? Privados do alimento, eles irão embora. Aí, então, o senhor estará perdido mesmo. E mais, na companhia dele, nunca mais o senhor pensará em caçadas, pois assim se diz:

Um homem torna-se semelhante aos mortais que lhe servem e aos quais presta homenagem, sem dúvida alguma. (252)

– E também:

Da gota d’água sobre o ferro quente, nem o nome se conhece; a mesma gota, sobre uma pétala de lótus, brilha com a aparência de uma pérola; no oceano, caída no interior de uma concha, sob Svāti,⁹⁹ transforma-se em pérola. Geralmente, a qualidade melhor, média ou pior provém da convivência. (253)

– E assim:

Por culpa do contato com os maus, os homens honestos degeneram: por causa da afeição por Duryodhana, Bhīṣma participou do *Goharaṇa*.¹⁰⁰ (254)

– Por isso – acrescentou Damanaka –, os homens de bem evitam a companhia dos malfeitores. Assim se conta:

Nunca se deve oferecer abrigo a quem tem caráter desconhecido: por culpa de um percevejo, morreu Mandavisarpiṇī.¹⁰¹ (255)

Piṅgalaka perguntou:

⁹⁹ Svāti é o nome da estrela *Arcturus* ou de uma constelação da qual esta estrela faz parte. É crença popular, na Índia, que, se uma gota d’água cair dentro de uma concha sob a luz de Svāti, converte-se em pérola. (Bolufer, p. 89)

¹⁰⁰ *Goharaṇa* (“Roubo das vacas”), Episódio do *Mahābhārata*, narrado no volume IV, *Virāṭaparvan*.

¹⁰¹ Mandavisarpiṇī, “que rasteja vagorosamente”.

– Como foi isso?
Damanaka contou:





FÁBULA IX

A PIOLHA MANDAVISARPIŃĪ





avia um bonito leito de um certo rei. Lá morava uma piolha chamada Mandavisarpiṇī, que ficava no meio de um par de véus muito brancos. E, deliciando-se com o sangue daquele rei, lá permanecia passando o tempo com prazer.

Um dia, um certo percevejo chamado Agnimukha,¹⁰² que perambulava naquele leito, aproximou-se. Então, tendo-o visto, Mandavisarpiṇī, mostrando-se aborrecida, disse:

– Ó Agnimukha, por que você se aproximou deste leito estranho? Dê o fora já, enquanto ninguém percebe.

– Ó senhora! – retrucou ele – quando um hóspede chega, mesmo não sendo um bom homem, isso não é próprio para dizer-se. É assim que se ensina:

“Vem, aproxima-te, recupera-te nesse assento, depois de quão longo tempo apareces! Quais são as novidades? Estás, certamente, muito fraco! Que tenhas saúde! Estou satisfeito por tua visita.” Dessa maneira, mesmo um homem vil deve ser recebido sempre quando chega à casa das boas criaturas; essa lei dos donos de casa é propagada pelos brâmanes que se baseiam na tradição. É fácil e conduz ao céu. (256)

– Além de tudo, já experimentei vários tipos de sangue de muitos homens; tem sabor ácido, se for alaranjado, devido à deficiência de comida; tem sabor amargo, se for marrom, e nem sempre o sangue de cor vermelha é doce. Assim, se você é bondosa, posso obter a felicidade experimentando com a língua o sangue delicioso produzido no corpo deste rei, por meio da comida saborosa que ele degusta com variados condimentos e das bebidas e licores que ingere. Assim se diz:

¹⁰² Agnimukha, “que tem fogo na boca”.

O prazer da língua seja do rei ou mesmo do mendigo é igualmente sentido; e meramente por isso esse prazer é considerado como a essência; o homem luta para obter tal prazer. (257)

Se não existir no mundo a ação que proporciona de fato o prazer da língua, então não deve existir alguém que se alimenta ou depende de outro. (258)

Caso o homem diga mentiras ou se ele serve quem não deve ser servido e se vai para outro país, tudo isso é pelo bem do estômago. (259)

– Assim eu, que aqui cheguei, pressionado pela fome, devo desfrutar o alimento, na sua presença. O sangue deste rei não deve, então, ser aproveitado só por você.

Ouvindo isso, Mandavisarpiṇī disse:

– Está bem, percevejo, eu me delicio com o sangue deste rei, enquanto ele dorme, em seguida você, que tem boca de fogo e é rápido. Dessa forma, se junto comigo você pretende fazer uso do sangue, então fique. Delicie-se com o sangue tão desejado.

– Ó gloriosa – ele disse –, exatamente assim farei. Se você não se deliciar primeiramente do sangue do rei, e eu me deliciar, que seja lançada sobre mim a maldição do preceptor dos deuses.

Assim, enquanto os dois falavam um ao outro, o rei, tendo deitado em seu leito, foi pegando no sono.

Entretanto o percevejo, devido à ânsia acentuada pelo prazer da língua, mordeu o rei ainda acordado. Não é assim que sabiamente se diz?

A condição natural não pode ser sobrepujada pela instrução; a água, mesmo muito quente, alcança novamente a frieza. (260)

Se fosse possível o fogo tornar-se frio, a lua teria a natureza do fogo; não é possível, da mesma forma, tornar diferente a condição natural dos mortais. (261)

Então o rei, como se picado pela ponta de uma agulha, levantou-se naquele mesmo instante, abandonando seu leito.

– Ei! Veja só! Aqui na coberta há um percevejo ou um piolho que me mordeu.

Em seguida, os camareiros que lá estavam, segurando imediatamente o cobertor, com um olhar perspicaz, fizeram uma busca. O percevejo, que estava no meio, devido à agitação, escapou para a borda da cama. Mandavisarpiṇī, entretanto, que estava enrolada nas pregas do cobertor, foi vista e morta pelos camareiros. Por isso eu digo:

Nunca se deve oferecer abrigo... [*çloka* 255]

– Assim – prosseguiu Damanaka –, você já percebeu que Saṃjīvaka deve ser destruído. Do contrário ele o matará. Assim também se conta:

Aquele que abandona os próximos e que torna íntimos os estranhos certamente alcança a morte, como o rei Kakuddruma.¹⁰³ (262)

Piṅgalaka perguntou:

– Como foi isso?

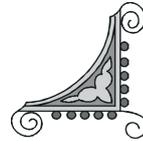
Damanaka contou:



¹⁰³ Kakuddruma “que tem uma árvore como insignia”.



FÁBULA X
O CHACAL CANDARAVA





uma certa região da floresta habitava um chagal chamado Caṇḍarava.¹⁰⁴ Certa vez, afetado pela fome, em virtude da gula, ele alcançou as adjacências da cidade. Entretanto os cães da cidade, tendo-o visto, cercaram-no por todos os lados e começaram a mordê-lo com suas presas afiadas. Então, devido ao temor pela vida, ele entrou na casa mais próxima, a de um tintureiro. E lá havia um enorme vaso completamente cheio de tinta azul. Pressionado pelos cães, caiu dentro do vaso. Quando saiu, estava azul. Os cães, não reconhecendo nele o chagal, foram embora na direção que quiseram. Também Caṇḍarava, alcançando uma região mais distante, avançou em direção à floresta. E a cor produzida pela tintura índigo não saía de forma nenhuma. Assim se diz:

Mesmo um único ato de agarrar do cimento *vajralepa*,¹⁰⁵ do tolo, das mulheres e do caranguejo é como o dos peixes, do anil e da bebida inebriante. (263)

Então, tendo visto aquele ser sem precedentes, possuidor do brilho da *tamāla*,¹⁰⁶ cuja casca escura se compara ao veneno do pescoço de Çiva,¹⁰⁷ todos os seres habitantes da floresta – leões, tigres, onças, lobos etc. – com as mentes cheias de medo, fugiam por todos os lados e diziam:

¹⁰⁴ Caṇḍarava, “que tem uivo feroz”.

¹⁰⁵ *vajralepa* “cimento de diamante”, substância empregada em construções. Segundo Bolufer, em marāthī moderno, o nome *vajralepa* se usa proverbialmente para denotar algo indelével, como a escritura gravada em pedra, a mancha de tinta em uma tela e o pecado pelo qual não se pode impor penitência.

¹⁰⁶ *tamāla*, *Xanthocymus pictorius*, árvore de flores azul-escuras.

¹⁰⁷ Çiva é freqüentemente descrito como “aquele que tem o pescoço azul” por ter bebido o veneno mortal que poderia ter destruído o mundo.

– Não se sabe qual é exatamente a conduta e o valor dele. Logo, vamos para mais longe. Assim se ensina:

O homem sábio, se quiser o bem estar de si próprio, não deve confiar naquele de quem não se conhece nem o modo de vida, nem a família, nem a força. (264)

Entretanto Caṇḍarava, tendo-os visto cheios de medo, disse isto:

– Ora, ora, animais caçadores, por que, mal tendo-me visto, vocês fogem assustados? Não há o que temer. Hoje fui enviado por Brahman que estabeleceu: “Como não existe nenhum rei entre os animais de caça, hoje vou ungi-lo no domínio sobre todos os animais selvagens, com o nome de Kakuddruma. Então, vá e proteja todos eles na superfície da terra.”

– Portanto aqui vim – continuou o chacal. Por isso, na sombra do meu pára-sol, todos os animais de caça poderão também abrigar-se. Eu tornei-me, de fato, nos três mundos, rei de nome Kakuddruma.

Tendo ouvido isso, os animais de caça, precedidos pelo leão e pelo tigre, rodearam-no, assim falando:

– Ó senhor, ó rei, ordena!

Em seguida ele atribuiu o cargo de ministro ao leão, o ofício de guardião do leito ao tigre, a função de carregador do bétel à onça, o ofício de porteiro ao lobo. E quanto aos seus, os chacais, não quis nem conversa com eles. Todos os chacais, tendo sido agarrados até pelo pescoço, foram expulsos.

Assim, enquanto ele exercia a soberania, o leão e os outros faziam perecer os animais da floresta, lançando-os diante dele. Ele mesmo os oferecia, repartindo-os entre todos, de acordo com a lei do soberano.

Desse modo ele passava o tempo. Certo dia sua corte ouviu um som muito alto, vindo de um bando de chacais que uivavam

numa região distante. Mal ouvindo aquele barulho, com o corpo estremeado de emoção, com os olhos repletos de lágrimas de alegria, levantando-se, pôs-se a uivar, fazendo um barulho muito alto. Logo o leão e os outros animais, ouvindo aquele forte barulho, conjecturaram:

– Ele é um chagal!

Com vergonha, permaneceram por um instante com as faces para baixo e disseram ao mesmo tempo:

– Ora, nós fomos enganados por ele! Este chagal desprezível deve então ser morto.

Por sua vez, tendo ouvido aquilo, desejando escapar de lá imediatamente, ele foi morto e feito em pedaços pelo leão e os outros. Por isso eu digo:

Aquele que abandona os próximos... [*çloka* 262]

Depois de ouvir a história, Piṅgalaka disse:

– Ó Damanaka, qual a certeza de que ele é mal intencionado contra mim?

Ele respondeu:

– Hoje, na minha frente, Saṁjīvaka tomou uma resolução: “ao amanhecer, matarei Piṅgalaka”. Aí está tal prova. Ao amanhecer, senhor, no momento oportuno, com os olhos e a boca avermelhados, os lábios trêmulos, olhando ao redor, colocado numa estranha postura, ele vai observá-lo, com terrível aspecto. Tendo conhecimento disso, deve-se tomar a atitude que for necessária.

Dito isso, foi para perto de Saṁjīvaka. Fazendo-lhe reverência, aproximou-se.

Saṁjīvaka, por sua vez, vendo-o aproximar-se com o andar vagaroso, com o semblante receoso, disse, muito respeitosamente:

– Ó amigo, seja bem-vindo! Há quanto tempo não o via!
Como vai você? Diga o que devo oferecer a você, que veio à mi-
nha casa, mesmo o que não possa ser dado, pois se diz:

São afortunados, são inteligentes, são celebrados aqui na terra
aqueles a cujas casas chegam os homens amigos em razão de qual-
quer interesse particular. (265)

Damanaka disse:

– Ora, como pode existir a felicidade do homem que serve?

São próprios dos servos do rei: a felicidade sempre subordi-
nada, a mente insatisfeita, até mesmo a falta de confiança na pró-
pria vida. (266)

– E também:

Observe o que ocorre com os servos que desejam uma re-
compensa pelo serviço. Os tolos chegam até a perder a independên-
cia de seu corpo. (267)

Primeiramente, o nascimento para sofrer em excesso; depois,
a miséria sempre; por fim, a conduta servil de fato. Ufa! É uma
série de sofrimentos. (268)

Embora estando vivos, cinco tipos de mortos são menciona-
dos na história dos Bhārata:¹⁰⁸ o pobre, o doente, o tolo, o ausente
de casa e o que serve eternamente os outros. (269)

Não come de acordo com a própria vontade; sem sono, devi-
do à ansiedade, não desperta; não pronuncia palavra sem medo, o
servo; neste caso, ele vive realmente? (270)

¹⁰⁸ Bhārata, como é chamada a nação indiana em alguns textos sânscritos.

Aqueles que chamam o ato de servir de “vida de cão” falam impropriamente; o cão guia-se pela própria vontade, ao passo que o servo, de acordo com a ordem de outro. (271)

O leito no chão nu, o estado de castidade, a fraqueza e o alimento insuficiente são próprios do servo e do asceta; a diferença nesse caso é produzida pelo pecado (do servo) e pelo senso do dever (do asceta). (272)

O frio, o calor e os demais sofrimentos que o servo suporta não são suficientes para o alcance das riquezas, se desvinculados da busca da virtude. (273)

De que serve um confeito, embora delicado, bem feito, bem doce e atraente, se é produzido mediante serviço? (274)

Samjīvaka disse:

– O que você quer dizer exatamente?

Damanaka explicou:

– Amigo, não é próprio dos ministros promover a quebra de uma resolução, pois se diz:

Aquele que, designado para o ofício de ministro, viola a resolução do soberano, destruindo os negócios do rei, deverá levar a si mesmo para o inferno. (275)

O ministro que produz a ruptura do plano do soberano é considerado destruidor sem armas daquele rei. Assim disse Nārada.¹⁰⁹ (276)

– Apesar disso – continuou o chacal –, enlaçado por sua amizade, devo promover a ruptura do plano, pois, por meio de meu discurso, você entrou, sem medo, no palácio do rei. E assim se ensina:

¹⁰⁹ Nārada é o nome de diversas personalidades míticas e históricas. Neste caso, trata-se de um dos escritores sobre leis, cujo texto se intitula *Nāradiyadharmācāstra*.

Alguém pode alcançar a morte de qualquer modo, mas é em virtude da confiança demasiada no outro, que ele certamente perecerá. Manu disse estas palavras. (277)

– Agora esse Piñgalaka está mal intencionado contra você. E ele disse, na minha presença, de modo a ser ouvido por apenas quatro orelhas:¹¹⁰ “Ao amanhecer, depois de matar Sañjīvaka, levarei satisfação à corte de animais selvagens.” Então eu disse: “Ó senhor, não convém que se patrocine a subsistência traindo-se um amigo, pois:

Mesmo tendo assassinado um brâmane, alguém se purifica pela expiação cumprida adequadamente; porém, de modo nenhum, em razão da injúria a um amigo.” (278)

– Em seguida, irado, ele me disse: “Ora, mal intencionado! Enquanto Sañjīvaka é herbívoro, nós somos carnívoros; nossa inimizade é natural. Como se pode considerar um inimigo? Logo, vai ser morto por um dos quatro meios de sucesso contra o inimigo.¹¹¹ E não deverá haver pecado na destruição dele, pois se diz:

Mesmo que ofereça uma filha, o inimigo deve ser morto por quem é prudente; na sua morte não há pecado, se ele for invencível por qualquer um dos quatro artifícios. (279)

O guerreiro não deve pensar no que é certo ou errado quando está pronto para a luta; no passado, Dhṛṣṭadyumna, enquanto dormia, foi morto pelo filho de Droṇa.¹¹² (280)

¹¹⁰ Duas orelhas do leão e duas do chacal.

¹¹¹ Os meios de sucesso contra os inimigos são: a negociação, a prática da discórdia, o suborno e o ataque direto.

¹¹² Referência a um episódio do *Mahābhārata*: Dhṛṣṭadyumna (filho de Drupada, rei de Pañcāla) foi surpreendido no sono e morto por Aṣvattāman (filho de Droṇa, a quem Dhṛṣṭadyumna havia imolado no campo de batalha).

– Assim, tendo percebido as intenções dele, vim aqui à sua presença, para que não exista de minha parte o pecado do traidor. Eu revelei o plano secreto a você. Agora, – concluiu Damanaka, – faça o que lhe vier à mente.

Então Saṃjīvaka, tendo ouvido aquele discurso terrível como a queda de um raio, ficou atordoado. Em seguida, recobrando a consciência, com desgosto, assim falou:

– Nossa! Com razão se diz isto:

As mulheres são dominadas facilmente pelos vilões; em geral o rei é desprovido de afeição; a riqueza persegue o avaro e a nuvem banha montanhas e lugares de difícil acesso. (281)

“Eu com certeza sou honrado pelo rei”. O tolo que assim pensa deve ser considerado como um touro que teve o chifre arrancado. (282)

É melhor a floresta, é melhor a mendicância, é melhor o trabalho pesado, é melhor a doença do que estar envolvido com o governo dos homens. (283)

– Por isso não foi sensato de minha parte ter feito amizade com o leão, pois assim se ensina:

Entre dois cuja riqueza é idêntica e entre dois cuja nobreza é a mesma a amizade e o casamento são possíveis; porém não entre o mal alimentado e o bem alimentado. (284)

– E também:

Os animais selvagens buscam a aproximação com os animais selvagens; as vacas, com as vacas; os cavalos, com os cavalos; os néscios aproximam-se dos néscios; os ascetas, dos ascetas; a amizade aflora nas paixões e disposições similares. (285)

– Assim, mesmo que eu vá e o tranqüilize, de nenhum modo ele ficará tranqüilo, pois se diz:

Aquele que se enfurece por um motivo evidente tranquiliza-se quando o motivo desaparece; porém aquele que vem a ser um inimigo com ódio infundado, como ficará satisfeito? (286)

– Céus! – prosseguiu o touro – diz-se isto com muita razão:

Mesmo aqueles que são devotados, subservientes, cuja natureza se volta para a busca do bem-estar do amo, atentos aos verdadeiros princípios do cumprimento pleno do serviço e desprovidos de maldade têm arraigada nos corações inseguros esta inquietude: isto terá validade ou não? Portanto, o serviço ao senhor da terra, assim como ao senhor das águas, é sempre repleto de apreensão.¹¹³ (287)

–E ainda:

No mundo, mesmo o favor dos afetuosos pode alcançar a repulsa e é de saltar aos olhos que mesmo a ofensa dos outros resulta na amizade. Pela dificuldade de alcançar-se o coração dos reis, que não se pautam por um único tipo de procedimento, o dever de servir é muito misterioso e impossível de ser cumprido mesmo pelos ascetas. (288)

– Então chego à seguinte conclusão: Piñgalaka enfureceu-se certamente por causa dos que o rodeiam, que não toleram a gentileza a mim dispensada. Por isso ele fala assim de mim, embora eu não tenha culpa. É isto que dizem:

Aqui no mundo, os servos não toleram o benefício de seu senhor a outro servo; ficam enfurecidos exatamente como as mulheres cujos maridos têm várias esposas e que ficam enfurecidas em razão dos benefícios a uma delas. (289)

– E assim acontece quando aqueles que têm qualidades se acercam; não existe benefício para os que são destituídos de mérito. Assim se diz:

¹¹³ “Senhor da terra” é uma das muitas formas de designar “rei” e “senhor das águas” é epíteto do deus Varuṇa.

As virtudes dos que são dotados de boas qualidades são encobertas por alguém que é ainda mais dotado de virtudes. De noite, a chama de uma lâmpada tem brilho; mas não, quando se dá a elevação do sol. (290)

Damanaka disse:

– Ora amigo! Se é assim, então você não deve ter medo. Embora ele esteja enfurecido por causa dos malvados, ficará tranqüilo com a eloqüência de seu discurso.

Samjīvaka retrucou:

–Ei! Não é certo o que você disse. Embora sejam insignificantes, não é possível viver entre os malvados. Valendo-se de artifícios e de outros meios, eles destroçam sem qualquer hesitação. Assim se conta:

Muitos sábios cruéis, todos vivendo da fraude, podem fazer o que é correto ou praticar o crime, exatamente como o corvo e os demais fizeram com o camelo. (291)

Damanaka perguntou:

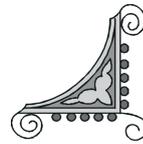
– Como foi isso?

Samjīvaka contou:





FÁBULA XI
O LEÃO MADOTKAȚA





ra uma vez um leão, de nome Madotkaṭa,¹¹⁴ que vivia numa certa região da floresta. Dele eram serventes, entre outros, um tigre, um corvo e um chacal.

Certa vez, perambulando aqui e ali, viram um camelo chamado Krathanaka,¹¹⁵ que se perdera da caravana. Então o leão disse:

– Puxa! Este é um animal nunca visto! Procurem saber se ele é um animal selvagem ou domesticado.

Ouvindo isso, o corvo disse:

– Ó amo, ele é domesticado, chama-se camelo; é um tipo de ser que pode servir de alimento para ti. Então, deve ser morto.

– Eu não matarei alguém que veio a minha casa – disse o leão –, pois assim se estabelece:

O crime daquele que mata alguém que chegou a sua casa, cheio de confiança, sem medo, mesmo sendo um inimigo, compara-se ao crime que resulta do assassinato de uma centena de brâmanes. (292)

– Portanto, tendo garantia de segurança, ele deve ser trazido à minha presença, para que eu pergunte o motivo de sua vinda.

Assim, obtendo a garantia de segurança e sendo também encorajado por todos, o camelo foi conduzido à presença de Madotkaṭa. Curvando-se com reverência, sentou-se.

Em seguida contou sua própria história, desde o momento em que se extraviara da caravana.

¹¹⁴ Madotkaṭa, “louco de orgulho”.

¹¹⁵ Krathanaka, “lacerado”, “cortado”.

Depois, o leão disse:

– Ó Krathanaka, não volte à aldeia e não se ocupe mais da difícil tarefa de carregar peso. Permaneça para sempre junto de mim neste lugar da floresta, confiante, comendo as pontas das ervas que se assemelham a esmeraldas.

E o camelo, dizendo “está bem!” e movendo-se no meio deles sem nenhuma apreensão, assim permaneceu com prazer.

Entretanto, certa vez, teve lugar um combate entre Madotkaṭa e um grande elefante que vagueava pela floresta. Em decorrência dos golpes das presas do elefante, Madotkaṭa ficou ferido. Embora bem machucado, não ficou privado da vida. Porém, devido à fraqueza do corpo, não era capaz de dar nem mesmo um passo a parte nenhuma.

Todos, o corvo e os outros, também o leão, atormentados pela fome, sofreram duras penas devido à falta de liderança.¹¹⁶

Certo dia, o leão disse a eles:

– Atenção! Busquem onde quer que seja algum ser que, mesmo sob estas circunstâncias, eu possa matá-lo e oferecer alimento a vocês.

Em seguida os quatro puseram-se a procurar. Como não viram nenhum ser, o corvo e o chacal passaram, então, a trocar idéias entre si. O chacal disse:

– Ó corvo, para que perambular tanto? O tal Krathanaka continua cheio de confiança no nosso amo. Matando-o, portanto, fazemos provisões.

– O que você diz é certo, retrucou o corvo, entretanto a garantia da proteção, oferecida pelo amo, continua. Ele não deve ser morto.

O chacal disse:

¹¹⁶ Os outros animais dependiam do leão para comer, já que ele era o líder.

– Ó amigo, eu farei o amo saber. Assim, ele mesmo praticará o ato de matar. Você deve permanecer exatamente aqui até que eu retorne, depois de ir a casa para obter a permissão do amo.

Assim dizendo, rapidamente foi até o leão. Aproximando-se dele, disse:

– Ó senhor, tendo percorrido toda a floresta, nós voltamos. Nenhum ser foi encontrado. Afinal, o que fazemos? Devido à fome, agora não somos capazes de dar um passo sequer. Mesmo Vossa Senhoria encontra-se na condição de quem necessita comer uma dieta saudável. Assim, se houver sua permissão, hoje, com a carne de Krathanaka, uma boa refeição será feita.

Ouvindo aquele discurso cruel do chacal, o leão, enfurecido, disse isto:

– Ó pior dos perversos! Se falar novamente desse modo, vou destruí-lo no mesmo instante, pois ofereci segurança a Krathanaka. Como, pois, posso causar sua morte? Assim se ensina:

Nem a doação de uma vaca, nem a doação de terras, nem a doação de comida é realmente tão essencial. Exatamente como dizem aqui os sábios, a melhor entre todas as doações é o oferecimento de proteção. (293)

Ouvindo isso, o chacal disse:

– Ó senhor, tendo havido o dom da proteção, se o crime for praticado, então a culpa existe. Por outro lado, se, em virtude da devoção a Vossa Majestade, ele oferecer-se como possibilidade de preservação da vida, então não há crime. Logo, se ele, por si mesmo, oferecer-se para morrer, então deve ser morto. Se não, um de nós deverá morrer. Dessa forma, Vossa Majestade, que come uma dieta saudável, alcançará a pior condição por reprimir a fome. Além disso, se algum mal for feito a Vossa

Majestade, devemos lançar-nos ao fogo logo em seguida, pois se diz:

O homem que, na família, é a essência deve ser protegido com todos os esforços. Quando ele perece, certamente morre a família. Do mesmo modo, quando os raios se quebram, as rodas não correm. (294)

Dando ouvidos a isso, Madotkaça disse:

– Se é assim, então faça o que for melhor.

Mal ouvindo aquelas palavras, o chacal, sem demora, foi dizer aos companheiros:

– Amigos, o estado do amo é muito grave. Então, por que vaguear? Sem ele, quem nos protegerá aqui? Afinal, já que ele está prestes a ir para o outro mundo devido à aflição da fome, vamos oferecer nosso próprio corpo, de tal modo que paguemos os benefícios que lhe devemos, pois:

Quando o amo alcança a desgraça enquanto seu servo observa e permanece vivo, o servo deve ir para o inferno. (295)

Imediatamente, todos eles, com os olhos cheios de lágrimas, fazendo reverência a Madotkaça, sentaram-se. Avistando-os, Madotkaça disse:

– E, então, capturaram ou viram algum animal?

Do meio deles, logo o corvo disse:

– Ó amo, já andamos por toda parte, entretanto nenhum ser foi visto ou alcançado. Assim, hoje, o senhor deve comer-me para preservar a vida, de tal modo que Vossa Majestade viva e eu alcance o céu, pois assim se prega:

O servo que, por amor ao amo, consagra a própria vida, cheio de devoção, alcança mais tarde uma condição desprovida de envelhecimento e de morte. (296)

Ouvindo isso, o chacal disse:

– Nada disso! Vossa Senhoria tem o corpo muito pequeno, para prover o sustento do amo. Ademais, nesse caso, resultaria um mal sem igual, pois se ensina:

A carne do corvo é rejeitada pelo cachorro, pois, além de pouca, é fraca. Para que alimentar-se daquilo que não proporciona a satisfação? (297)

– Dessa forma, Vossa Senhoria demonstrou devoção ao amo. Alcançou, assim, a dispensa do débito relativo ao sustento proporcionado pelo amo e também a boa fama nos dois mundos. Afaste-se, pois, para que eu me ofereça ao amo.

Assim feito, o chacal aproximou-se, curvando-se respeitosamente:

– Ó amo, faça-me alcançar os dois mundos, comendo-me hoje e garantindo a subsistência, pois assim se propaga:

A vida dos servos, adquirida com dinheiro, é sempre sujeita ao amo. Não existe nenhum tipo de pecado na possibilidade de dispor deles. (298)

O tigre, entretanto, ao ouvir isso, falou:

– Companheiro! O que você disse é certo, entretanto também seu corpo é muito pequeno e sua própria espécie, por ser provida de unhas, certamente não se presta à alimentação, pois se diz:

O homem sábio não deve alimentar-se do que não é para ser comido, mesmo que esteja à beira da morte e especialmente se aquilo é pouco e destruidor dos dois mundos. (299)

– O que você demonstrou revela a nobreza de sua alma. Por essa razão, com sabedoria, se diz isto:

Por um motivo os reis formam sua corte entre os nobres: eles não mudam de comportamento do começo ao fim. (300)

– Portanto abra espaço para que eu me ofereça ao amo.

Assim feito, o tigre, curvando-se respeitosamente, disse a Madotkātā:

– Ó amo, garanta a subsistência hoje com minha vida. Assim, minha morada eterna no céu será garantida e a glória no mais alto grau será espalhada sobre a superfície da terra. Logo, a indecisão não deve ter lugar. É assim que se ensina:

Deve existir morada imperecível no céu e glória na superfície da terra para os servos obedientes que morrem no cumprimento do dever ao patrão. (301)

Ouvindo isso, Krathanaka pensou: “Todos esses, até agora, pronunciaram brilhantes discursos e nenhum foi devorado pelo amo. Por isso, também eu vou, nesta oportunidade, declarar-me para que eles três julguem meu discurso.” Assim, decidindo-se, falou:

– Certo! Vossa Senhoria disse a verdade, entretanto também é armado de garras. Como poderá, afinal, o amo comê-lo? E também se diz:

Aquele que, mesmo em pensamento, imagina males para os de sua própria espécie sofrerá os mesmos males aqui neste mundo e no outro. (302)

– Afaste-se, portanto, para que eu possa oferecer-me ao amo.

Assim feito, Krathanaka, pondo-se à frente e fazendo reverências, disse:

– Ó amo, eles não são próprios para a alimentação de Vossa Senhoria. Então a subsistência deve ser proporcionada com minhas forças para que eu alcance os dois mundos, pois:

Nem mesmo os que celebram sacrifícios e nem mesmo os ascetas atingem aquele estado de felicidade alcançado pelos melhores entre os servos, aqueles cujas vidas são abandonadas pelo bem do amo. (303)

Assim que disse isso, Krathanaka perdeu a vida e seu ventre foi duplamente dilacerado por ambos, o chacal e o tigre. E então, por todos eles, sábios cruéis, foi comido.

– Por isso eu digo:

Muitos sábios cruéis... [*çloka* 291]

– Ó amigo – continuou Samjīvaka –, tenho pleno conhecimento de que este rei está rodeado por pessoas vis e por elas não deve ser servido, pois se diz:

A comunidade não deposita afeição no rei, cujos ministros são impuros. Ele se compara a um cisne tolo que voa acompanhado de abutres. (304)

– Da mesma forma:

O rei, mesmo com aparência de abutre, deve ser servido se tiver assistentes com aparência de cisne. Mas deve ser abandonado, mesmo que tenha aparência de cisne, se for servido por aqueles que têm aparência de abutre. (305)

– Com certeza, ele está irritado comigo por causa de algum malvado. Por isso fala desse modo e as coisas se dão assim. Também se diz:

Atingido por um preceito maléfico, o que não faz uma pessoa simplória? Assume o estado de mendicância e bebe o licor espirituoso em um crânio humano.¹¹⁷ (306)

¹¹⁷ Alusão ao culto a Çiva. Em algumas descrições dessa deidade, ela aparece como portadora de um colar de crânios humanos. Seus adeptos utilizam crânios humanos ou de animais como tigela para comer e beber.

– Ou ainda – continuou o touro –, com precisão, isto se ensina:

A serpente, mesmo pisada, mesmo golpeada com um bastão, mata aquele que ela toca com a mordida. Como é traiçoeiro, de fato, o caráter humano antes de tudo! Sussurra no ouvido de um enquanto destroça o outro completamente. (307)

– E também:

Ah! É perversa a maneira de matar do homem malicioso e da serpente. Quando aquele gruda no ouvido de alguém, despoja outro da vida. (308)

– E no estado a que chegaram as coisas, o que convém fazer? Suplico que você me diga, por nossa amizade.

Damanaka disse:

– Ir a outro país é conveniente e não prestar serviço a um mau patrão desse tipo, pois se diz:

É recomendado abandonar quem tomou o caminho errado, quem é incapaz de discernir entre o que deve e o que não deve ser praticado e quem é vaidoso, mesmo que seja um mestre. (309)

Samjīvaka disse:

– Isso é verdade, mas, quando o amo está encolerizado, não é possível ir a outro lugar e mesmo entre os que foram a outro lugar não há completa felicidade. Assim se ensina:

Aquele que peca contra os grandes e pensa “estou longe” não tem tranquilidade. Os dois braços do sábio são longos; com eles, mata o inimigo. (310)

– Logo, não existe outra coisa melhor do que lançar-me à guerra, pois assim se diz:

De fato, nem por meio de peregrinações e austeridades religiosas os que desejam os mundos, com centenas de doações e grandes riquezas, os alcançam. Em um instante vão a eles os sábios que, bem dispostos, renunciam à vida nas batalhas. (311)

Quando mortos, alcançam o céu; se vivos, a glória excelsa. Desse modo, ambas são de fato as duas situações não raras entre os heróis. (312)

– E, ainda:

Por meio das riquezas oferecidas adequadamente nos sacrifícios, pelas doações, pelos tributos pagos a uma multidão de veneráveis brâmanes, pelos sacrifícios, pelos presentes sacrificiais perfeitamente dispostos, alcança-se o fruto. Por meio dos votos da oblação obtidos pela residência nos lugares venerados e nos eremitérios, por meio da prática do sacrifício *cāndrāyaṇa*¹¹⁸ e de outros, os homens mortos na batalha alcançam aquele fruto num instante. (313)

Ouvindo isso, Damanaka pôs-se a pensar: “Vê-se que esse perverso está determinado a lutar. Entretanto, se ele golpear o amo com os dois chifres afiados, um grande desastre certamente ocorrerá. Devo, então, convencê-lo mais uma vez, por meio de meu próprio raciocínio, de tal forma que ele se ponha a caminho de outro país.” E disse a Saṃjīvaka:

– Ó amigo! É verdadeiro o que Vossa Senhoria falou. Entretanto que batalha pode haver entre patrão e servidor? É assim que se prega:

Tendo visto o adversário poderoso, de fato, deve-se proteger a si mesmo; além do mais, o brilho da lua de outono se manifesta em razão dos poderosos. (314)

– Ademais:

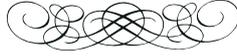
¹¹⁸ Um jejum orientado pelas fases da lua.

Aquele que, ignorando a força do inimigo, provoca hostilidade, alcança a humilhação, como o oceano, por causa do *ṭiṭṭibha*.¹¹⁹
(315)

Samjīvaka perguntou:

– Como foi isso?

Damanaka contou:



¹¹⁹ Ave da família dos jacanídeos, *Parra jacana*, mesma família da jaçanã ou piaçoca.



FÁBULA XII

O CASAL DE PÁSSAROS *TITTIBHA*





uma certa província à beira do oceano morava um casal de *ṭiṭṭibha*. Lá, com o passar do tempo, chegou a época favorável à procriação e a *ṭiṭṭibhī*, prestes a liberar sua ninhada, disse ao marido:

– Ó querido, é tempo de procriar. Descubra um lugar seguro onde eu possa depositar meus ovos.

O *ṭiṭṭibha* disse:

– Minha cara, esta região junto ao mar é adequada. É aqui mesmo que você deve depositá-los.

– Aqui, disse ela, em dias de lua cheia, chega a maré que é capaz de levar embora até enormes elefantes furiosos. Procure algum outro local mais distante.

Ouvindo isso, o *ṭiṭṭibha* riu muito e falou:

– Minha cara, não é certo o que você disse. Que força tem o oceano que possa destruir minha prole? Ponha os ovos sem medo aqui mesmo, pois se diz:

Se é chamada mãe a mulher que tem filhos que abandonam a própria casa por temor da derrota, a que mulher se chamará estéril? (316)

Ouvindo isso, o oceano pensou:

– Ah! Que orgulho tem aquele passarinho insignificante. Pode-se dizer isso de modo melhor:

Quem não sente orgulho pelo que concebe em sua própria mente? O *ṭiṭṭibha* deita-se com os pés voltados para cima, por receio da queda do céu.¹²⁰ (317)

¹²⁰ Referência à suposta posição de dormir do *ṭiṭṭibha* e à crença de que tem o objetivo de sustentar o céu. Isso deu origem à comparação com o homem que pretende realizar algo superior a suas forças.

– Devo observar, por curiosidade, a medida exata do seu valor. O que ele fará quando eu roubar seus ovos?

E assim ficou pensando.

Então, logo após a postura, quando a *tiṭṭibhī* saiu para tratar da subsistência, o oceano, com aparência de maré, roubou os ovos. Quando ela voltou notou o lugar da ninhada vazio e disse chorando ao marido:

– Tolo! Eu lhe disse que a maré do oceano removeria os ovos e que devíamos mudar-nos para mais longe. Porém, refugiando-se na vaidade, por ignorância, você não fez caso do que previ. Há um modo mais adequado de dizer isso:

Quem não faz caso da palavra dos amigos que desejam o seu bem morre como a tartaruga estúpida que caiu do bastão. (318)

O *tiṭṭibha* perguntou:

– Como foi isso?

Ela contou:





FÁBULA XIII

A TARTARUGA KAMBUGRĪVA





Em certo lago, vivia uma tartaruga chamada Kambugrīva,¹²¹ que tinha dois amigos da família dos cisnes, chamados Saṁkaṭa e Vikaṭa,¹²² unidos por imensa amizade. Os dois cisnes encontravam-se com ela nas margens do lago, para contar histórias de vários *devarṣi* e *maharṣi*,¹²³ e retornavam ao seu ninho na hora do sol poente. Com o passar do tempo, o lago foi secando pouco a pouco devido à falta de chuva. Aflitos com a calamidade, eles disseram:

– Ó amiga, este lago tornou-se pura lama. Como você poderá viver? A ansiedade tomou conta de nossos corações.

Ouvindo isso, Kambugrīva disse:

– Deveras! Pela falta d’água, agora já não temos possibilidade de viver. Por isso, devemos pensar num expediente, pois se diz:

A perseverança não deve ser abandonada mesmo em época adversa: pela perseverança, às vezes, encontra-se refúgio, assim como um mercador, mesmo numa embarcação danificada e no meio de oceano, ainda deseja atravessá-lo. (319)

– Além disso:

Manu disse estas palavras: Pelo bem do amigo e pelo bem da família, o sábio sempre persevera com energia, quando as calamidades acontecem. (320)

– Tragam, então, uma corda forte ou um bastão leve e procurem uma lagoa com bastante água. Eu agarrarei, com os dentes,

¹²¹ Kambugrīva “que tem pregas no pescoço, semelhantes a conchas”.

¹²² Saṁkaṭa “contraído”, “denso”, “pequeno”; Vikaṭa “grande”, “enorme”, “monstruoso”.

¹²³ *Devarṣi* e *maharṣi* são duas entre as diversas classes de *ṛṣi* (“poeta inspirado”, “santo”, “sábio asceta”).

no meio do bastão e vocês, nas pontas. Depois de agarrarmos todos juntos, vocês me levarão até essa lagoa.

Eles disseram:

– Amiga, assim faremos, porém você deve permanecer em voto de silêncio, senão cairá do bastão.

Assim feito, quando viajava, Kambugrīva avistou uma cidade situada lá em baixo. Os habitantes, vendo-a ser conduzida daquela forma, assombrados, disseram:

– Nossa! Algum objeto arredondado é levado pelos dois pássaros!

Ouvindo o barulho deles, Kambugrīva disse:

– Ei! O que é esta zoeira?

Assim tinha em mente falar, mas caiu na metade da frase e foi feita em pedacinhos pelos habitantes da cidade. Por isso, eu digo:

Quem não faz caso da palavra dos amigos... [çloka 318]

– E também se conta:

Anāgatavidhātṛ e Pratyutpannamati, estes dois prosperaram em felicidade; Yadbhaviṣya morreu.¹²⁴ (321)

O *ṭiṭṭibha* perguntou:

– Como foi isso?

A fêmea contou:

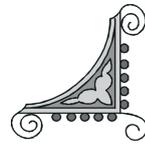


¹²⁴ Anāgatavidhātṛ, “que dispõe o futuro”, “provedor”; Pratyutpannamati, “que tem presença de espírito”; Yadbhaviṣya, “que espera acontecer”, “fatalista”.



FÁBULA XIV

OS TRÊS PEIXES





um lago, viviam três peixes: Anāgatavidhātṛ, Pratyutpannamati e Yadbhaviṣya. Certa vez, tendo visto o lago, uns pescadores se aproximaram e exclamaram:

– Puxa! Eis uma lagoa com muitos peixes. Não a visitamos nem uma vez. Hoje, porém, a subsistência já está garantida, mas aproxima-se a hora do crepúsculo. Portanto, ao amanhecer voltaremos aqui. Está decidido!

Ao ouvir aquelas palavras, que soaram como o lançar do trovão de Indra, Anāgatavidhātṛ reuniu todos os peixes e anunciou:

– Vocês escutaram o que disseram os pescadores! Ainda durante a noite, vamos para algum lago que seja próximo, pois se ensina:

Os fracos devem fugir do inimigo forte ou refugiar-se numa fortaleza; não há outro caminho para eles. (322)

– Certamente, na hora do amanhecer, os pescadores virão e farão uma matança de peixes. Isto é o que eu penso: agora não convém permanecer aqui, nem mesmo um instante. Assim se diz:

Os sábios que encontram um refúgio confortável, mesmo noutra terra, não presenciam a ruína da pátria, nem a decadência da família. (323)

Ouvindo isso, Pratyutpannamati disse:

– Você tem razão. O meu desejo também é este: vamos para outro lugar. Pois assim se preconiza:

Assustados, por receio de ir para outro país, matreiros e covardes, os corvos, os desprezíveis e as gazelas encontram a morte na própria terra. (324)

Por que aquele que pode encontrar refúgio em toda parte morreria por amor a seu país? Os covardes dizem: “Este é o poço do nosso pai”, e bebem água salobra. (325)

Ouvindo isso, Yadbaviṣya soltou gargalhadas e disse:

– Ora, esse plano de vocês não é satisfatório. É justo, então, abandonar este lago, herança de nossos ancestrais, só por causa da conversa dos pescadores? Se chega o fim da vida, a morte virá, mesmo para os que forem para outro lugar. Assim se propaga:

Um desprotegido, se recebe proteção dos deuses, permanece vivo; um bem-protegido, se é ferido pelos deuses, perece. O desvalido sobrevive, mesmo abandonado na floresta; o bem-assistido até em casa morre.¹²⁵ (326)

– Eu não irei, mas vocês dois devem fazer o que lhes parece melhor.

Depois de saber a opinião dele, Anāgatavidhātṛ e Pratyutpannamati partiram com suas famílias.

Ao amanhecer, os pescadores reviraram a água com suas redes, levaram inclusive Yadbaviṣya e deixaram o lago sem peixes. Por isso, eu digo:

Anāgatavidhātṛ e Pratyutpannamati, estes... [*çloka* 321]

Depois de ouvir isso, o *tittibha* perguntou:

¹²⁵ *çloka* já citado sob número 20.

– Querida, você me considera semelhante a Yadbhaviṣya? Veja, então: o poder da minha inteligência é tanto que farei secar o oceano malvado!

A *tiṭṭibhī* disse:

– Ora! Que espécie de guerra seria, de você contra o oceano? Nem é conveniente irar-se contra ele, pois se proclama:

A cólera dos homens sem força torna-se sua própria calamidade; a panela que se aquece além do necessário torra suas próprias paredes. (327)

– E também:

O impetuoso que desconhece sua própria força e a do adversário e vai ao encontro deste dirige-se para a morte no fogo, como a mariposa.¹²⁶ (328)

O *tiṭṭibha* protestou:

– Querida, não fale assim. Aqueles que têm força de vontade, mesmo pequenos, podem enfrentar os grandes. Deste modo se afirma:

O impetuoso prefere enfrentar o inimigo que está em sua máxima força, como ainda hoje Rāhu¹²⁷ se apresenta em face da Lua em seu plenilúnio. (329)

¹²⁶ *çloka* já citado sob número 240.

¹²⁷ Rāhu é o nome de um *asura*, e também a personificação do nodo lunar ascendente, responsável pelos eclipses lunares. No episódio do batimento do mar, Rāhu tomou a forma de um deus para tomar sua porção de *amṛta*, a bebida da imortalidade. O Sol e a Lua denunciaram-no a Viṣṇu, que lhe cortou a cabeça; como, porém, ele havia bebido a *amṛta*, seu corpo e sua cabeça continuaram vivos, embora separados. Desde então, para vingar-se, Rāhu lança-se ora sobre o Sol, ora sobre a Lua, tentando devorá-los. Esta é a explicação mítica dos indianos para os eclipses.

– Assim também:

O leão é capaz de sobrepor sua pata na cabeça de um elefante que, no cio, exsuda líquido escuro nas têmporas e que excede o leão em tamanho. (330)

– E ainda:

Os raios do sol, embora recém-nascidos, caem sobre as montanhas; o que significa idade para os nascidos com vigor? (331)

– Com este bico, deixarei toda a sua água como terra seca.

A *ṭiṭṭibhī* disse:

– Meu bem! No oceano desemboca continuamente a filha de Jahnu,¹²⁸ depois de juntar novecentos rios, e o Indo, igualmente. Como é que você, com um bico que carrega só uma gota, fará secar ao que se enche com a água de mil e oitocentos rios? Para que dizer coisas impossíveis?

– Querida – disse o *ṭiṭṭibha* –,

A confiança é a base da prosperidade, meu bico é como o ferro, os dias e as noites são longos; como o oceano não vai secar? (332)

A supremacia é difícil de obter enquanto o homem não demonstra seu heroísmo; mesmo o sol só vence os tetos de nuvens quando ascende em Libra.¹²⁹ (333)

¹²⁸ A filha de Jahnu é um epíteto do rio Ganges (em sânscrito: Gaṅgā, substantivo feminino). Jahnu é o nome de um rei sábio antigo que foi perturbado pelo rio Ganges, durante suas devoções, e que bebeu toda a sua água, mas devolveu-a, em consideração ao pedido de Bhagīratha (rei que trouxera o Ganges do céu para a terra), sendo desde então considerado como pai do Ganges.

¹²⁹ Na Índia, a estação das chuvas termina em setembro, quando o sol entra no signo de Libra.

A *ṭiṭṭibhī* disse:

– Se é inevitável que você empreenda uma guerra contra o oceano, então convide os outros pássaros e aja acompanhado por amigos, pois aconselham os sábios:

A associação de muitos, mesmo que sejam fracos, é invencível: com cipós trança-se a corda que amarra um elefante. (334)

– E assim:

Um elefante foi levado à morte pelo combate contra muitos: uma fêmea de pardal, um pica-pau, uma mosca e uma rã. (335)

O *ṭiṭṭibha* perguntou:

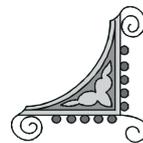
– Como foi isso?

Ela contou:





FÁBULA XV
O ELEFANTE
E O CASAL DE PARDAIS





Em certa região da floresta, morava um casal de pardais que construíra seu ninho numa árvore *tamāla*.¹³⁰ Com o passar do tempo, nasceu sua ninhada. Certo dia, um elefante selvagem, no cio e atormentado pelo calor, em busca de uma sombra, refugiou-se sob aquela árvore. Muito irritado, então, puxou, com a ponta da tromba, o galho que era moradia dos pardais e o quebrou. Com isso, todos os ovos ficaram em pedaços. E a pardoca só não perdeu a vida porque ainda não chegara a sua hora de morrer. Arrasada pela quebra de seus ovos, ela não conseguia parar de se lamentar de modo algum. Ouvindo suas lamentações, um passarinho chamado pica-pau, que era seu melhor amigo, condoído dela, aproximou-se e disse-lhe:

– Amiga, por que tanto choro em vão? Lembre-se:

Os sábios não choram pelo que está perdido, morto ou passado e esta é a diferença entre os sábios e os tolos, como a tradição ensina. (336)

– E também:

No mundo, os seres não devem ser lamentados. O tolo que os lamenta obtém dor na dor: sofre dois reveses. (337)

– Por outro lado:

O morto, sem querer, prova o muco e as lágrimas vertidos pelos parentes, por isso, não se deve lamentá-lo, mas deve-se celebrar os ritos com o máximo de empenho. (338)

A pardoca retrucou:

¹³⁰ *tamāla*: nome de uma espécie de árvore de madeira escura, *Xanthochymus pictorius*.

– Pode ser assim, porém o furor de um elefante malvado interrompeu a sucessão de minha família. Se você é meu amigo verdadeiro, pense num meio de matar aquele elefante vil, num plano cuja realização afastará a dor pela destruição da minha linhagem, pois assim se difunde:

Eu considero um homem excelente aquele que favorece a quem o ajuda no infortúnio e que repele a quem o ridiculariza nas circunstâncias adversas. (339)

O pica-pau disse:

– Amiga, você falou a verdade. É isto o que dizem:

É amigo o que é amigo na desgraça, mesmo sendo de outra origem; na prosperidade, cada um pode ser aliado de todos os seres vivos. (340)

– E também:

É amigo o que é amigo na desgraça; é filho o que tem verdadeira devoção; é servo o que sabe obedecer; é esposa aquela que porta felicidade. (341)

– Observe, então, o poder da minha inteligência. Tenho uma grande amiga, que é uma mosca chamada Vīṅāravā.¹³¹ Vou chamá-la, para que esse elefante malvado de alma perversa seja aniquilado.

Ele convidou a mosca a sentar-se com eles e depois declarou:

– Minha cara, esta querida pardoca foi magoada por um elefante malvado que esmagou seus ovos. Então, ajude-me a elaborar um plano para matá-lo.

A mosca disse:

¹³¹ Vīṅāravā, “que canta como a *vīṅā* (instrumento musical, semelhante à cítara)”.

– Meu caro, quanto a isso, nem é preciso falar, pois se diz:

A amizade é feita para a retribuição de favores dos amigos;
por que não fazer um favor que é para o amigo do amigo? (342)

– Isso é verdade. Tenho uma amiga, a rã chamada Meghanāda.¹³² Vou chamá-la e agiremos como for conveniente. Assim se proclama:

Nunca podem falhar os projetos elaborados por pessoas sábias, bondosas, virtuosas, eruditas e inteligentes. (343)

Então, os três foram até Meghanāda e contaram-lhe toda a história. Depois, ela disse:

– Esse elefante desprezível tem pouca importância contra uma multidão irada. Por isso, sigam meu conselho. Mosca, você irá, na hora do meio-dia, zumbir como uma *vīṇā* junto à orelha daquele elefante intoxicado, para que ele se encante com o som harmonioso e feche os olhos. E então, com o bico, o picapau perfurará seus olhos, deixando-o cego. Quando ele sentir sede, ouvirá o canto que entoarei sentada com minha turma à borda de um fosso, e pensando que estamos num lago, aproximar-se-á. Encontrando, então, o fosso, cairá e morrerá. Devemos agir assim combinados, para conseguirmos a vingança.

Dito e feito: o elefante furioso fechou os olhos pelo prazer de ouvir o canto da mosca, foi privado da visão pelo picapau, vagueou sedento ao meio-dia, seguindo o som da voz da rã, encontrou um alto fosso, caiu e morreu. Por isso, eu digo:

Um elefante foi levado à morte... [*çloka* 335]

O *tiṭṭibha* disse:

¹³² Meghanāda, “que ressoa como uma nuvem”, “trovão”.

– Querida, que seja assim: com todas as espécies dos amigos, farei secar o oceano.

Assim resolvendo, reuniu todos os pássaros: garças, groues, cisnes, pavões e outros e declarou:

–Vejam bem! Fui ultrajado pelo oceano, ladrão dos meus ovos. Vamos arquitetar um plano para drená-lo.

Depois de muito deliberar, eles objetaram:

– Nós somos incapazes de drenar o oceano. Para que fazer um esforço inútil? Deste modo se ensina:

O fraco cheio de orgulho que vai para a batalha contra um inimigo superior retorna como um elefante que quebrou as presas.¹³³ (344)

– Por outro lado, Vainateya¹³⁴ é nosso soberano. Todo este caso deve ser-lhe comunicado para que ele, encolerizado pela injúria à sua própria espécie, saia para a retaliação. Entretanto, se ele demonstrar desdém, mesmo assim vocês dois não ficarão mal, pois se diz:

Uma pessoa fica feliz depois de contar sua dificuldade ao amigo de coração fiel, ao servo dotado de qualidades, à esposa submissa e ao amo que congrega poder.¹³⁵ (345)

– Vamos, então, à presença de Vainateya, pois ele é nosso soberano.

Dito isso, todos os pássaros, com semblante tristonho e olhos cheios de lágrimas, foram à presença de Vainateya e, com voz chorosa, começaram a se lamuriar:

¹³³ *çloka* semelhante ao 241, com a substituição de um “fraco cheio de orgulho” por um “forte contra um mais forte”.

¹³⁴ Vainateya, “filho de Vinatā”, matronímico de Garuda, que já apareceu na fábula V, **O tecelão e o construtor de carruagens**.

¹³⁵ *çloka* semelhante ao 101.

– Ai! Sacrilégio! Sacrilégio! Os ovos do virtuoso *ṭiṭṭibha* acabam de ser roubados pelo oceano, sendo vós o nosso protetor. Agora a família dos pássaros está perdida. Outros também, como o oceano, destruirão a seu bel-prazer, porque:

Percebendo a ação de um, outro pratica a mesma maldade; o mundo segue o precedente; o mundo não tem objetivos mais elevados. (346)

– Do mesmo modo:

As criaturas que são oprimidas por embusteiros, ladrões, mal-dosos, violentos e outros malvados devem ser protegidas da falsidade, do fingimento e de outras maquinações. (347)

A sexta parte de méritos espirituais dos súditos é dada ao rei protetor; a sexta parte de deméritos é destinada ao que não protege.¹³⁶ (348)

O fogo produzido pelo calor da opressão dos súditos só desaparece depois que consumiu a riqueza, a família e a vida do rei. (349)

O rei é parente dos que não têm parentes; o rei é a visão dos que não têm visão e o rei é pai e mãe de todos os que seguem as leis. (350)

O soberano que deseja recompensas deve proteger o povo, empenhar-se em agradá-lo com presentes, honrarias e outros favores, exatamente como o jardineiro, com água, protege os brotinhos.¹³⁷ (351)

Assim como um broto de semente em boa terra, cuidado com solicitude, torna-se doador de frutos no momento oportuno, assim também o povo bem cuidado tornar-se-á doador de riquezas.¹³⁸ (352)

¹³⁶ Este *çloka* está no *Manusmṛti* (“Código de Manu”), VIII, 304.

¹³⁷ *çloka* semelhante ao 223.

¹³⁸ *çloka* já citado sob número 226.

Ouro, grãos, jóias e veículos diversos, assim como qualquer outra coisa do soberano, tudo é proveniente dos súditos.¹³⁹ (353)

Depois de ouvir isso, Garuda, condoído com aquela dor e vencido pela cólera, meditava:

– O que esses pássaros disseram é verdade. Hoje mesmo faremos secar o oceano.

Enquanto ele assim meditava, chegou, enviado por Viṣṇu,¹⁴⁰ um mensageiro que lhe disse:

– Ó Alado, o divino Nārāyaṇa enviou-me à vós. Ele irá a Amarāvātī para um sacrifício religioso. Vinde com rapidez.

Ouvindo isso, Garuda declarou com ironia:

– Mensageiro, o que fará Nārāyaṇa com um servidor desprezível como eu? Vá dizer-lhe que empregue para montaria outro servo em meu lugar e transmita-lhe minhas homenagens. A tradição ensina:

O sábio não deve servir a quem não distingue entre diferentes qualidades; de fato, deste não nasce fruto algum, como de uma terra salina, mesmo bem arada.¹⁴¹ (354)

O mensageiro disse:

– Vainateya, jamais falastes deste modo com o venerável. Contai-me, que motivo ele vos deu para desrespeitá-lo?

Garuda respondeu:

– O oceano, que é morada de Nārāyaṇa, roubou os ovos do nosso *ṭiṭṭibha*. Se o divino não lhe aplicar uma punição, eu não sou mais seu servidor. Essa é a resolução que você deve transmitir. Vá o mais rápido possível dizer isso a ele.

¹³⁹ *çloka* semelhante ao 227.

¹⁴⁰ Viṣṇu e seus diversos epítetos já foram mencionados, principalmente na fábula V, **O tecelão e o construtor de carruagens**.

¹⁴¹ *çloka* já citado sob número 47.

Quando a divindade soube, pela boca do mensageiro, que Vainateya estava encolerizado por amor aos de sua espécie, pensou:

– A cólera de Vainateya é justa. Irei eu mesmo para trazê-lo com honras, pois se diz:

O servo devotado, capaz e de boa família não deve ser desrespeitado; sempre deve ser mimado como um filho por quem deseja o melhor para si mesmo. (355)

– Por outro lado:

O monarca, mesmo satisfeito com os servidores, paga-lhes só com dinheiro; eles, contudo, por mero respeito, entregam até a vida.¹⁴² (356)

Assim refletindo, dirigiu-se rápido a Rukmapura, cidade de Vainateya. Ao ver Nārāyaṇa chegar, Vainateya baixou a cabeça envergonhado, saudou-o com uma reverência e explicou:

– Bem-aventurado! Orgulhoso por ser vossa morada, o oceano me desacatou, roubando os ovos do meu servo. Apenas por respeito a vós, não o transformei em terra firme, pois, por receio do amo, não se chuta nem um cão. Assim se recomenda:

Mesmo que perca a vida, o servo de família não deve praticar um ato que acarrete indignidade ou aflição na mente do soberano. (357)

Ouvindo isso, Nārāyaṇa disse:

– Ó Vainateya, disseste a verdade. Assim se ensina:

Como o castigo proveniente da ofensa do servo torna-se do amo, assim também a vergonha originada com isso é dele e não do servo. (358)

¹⁴² *çloka* já citado sob número 83.

– Venha, então! Vamos retomar os ovos do oceano, devolvê-los ao *ṭiṭṭibha* e dirigir-nos para Amarāvati.

Assim decidido, ameaçando o oceano com uma flecha consagrada a Agni, Nārāyaṇa disse:

– Alma perversa, devolva os ovos do *ṭiṭṭibha*, senão transformo você em terra firme.

Amedrontado, o oceano ofereceu os ovos ao *ṭiṭṭibha*, que os devolveu à esposa. Por isso, eu digo:

Aquele que, ignorando a força do inimigo... [*ṣloka* 315].

– Por isso, um homem não deve abandonar a perseverança – concluiu Damanaka.

Depois de ouvir essas histórias, Samjīvaka perguntou novamente:

– Ai, amigo! Como posso saber se ele está mal intencionado a meu respeito? Durante tanto tempo, eu sempre vi mais e mais amizade e benevolência; nunca vi hostilidade. Diga-me, então, de que modo devo empenhar-me em destruí-lo, para minha própria segurança.

Damanaka disse:

– Meu caro, o que há para saber aqui? A sua certeza será isto: se ele, ao ver você, ficar com os olhos vermelhos, franzir as sobrancelhas em forma de tridente e lambe repetidamente os cantos da boca, então está com más intenções. E, em caso contrário, está favorável. Agora, com sua permissão, vou para minha casa. E você deve fazer com que não haja quebra de compromisso. Se, ao chegar a noite, você puder partir, deve abandonar esta região, pois:

Deve-se abandonar um indivíduo em favor de um grupo;
deve-se abandonar um grupo em favor de uma cidade; uma cidade,
em favor de uma nação; em favor de si mesmo, deve-se abandonar
o mundo inteiro. (359)

Para um caso de calamidade, protege-se a riqueza; com as riquezas, protegem-se as esposas; deve-se proteger a si mesmo até com as esposas e as riquezas. (360)

– A regra de ação para quem é subjugado por um poderoso é partir para outras terras ou conformar-se com a situação. Portanto, você deve abandonar o país ou proteger-se com a conciliação ou outro dos quatro expedientes. Assim se diz:

O sábio deve preservar a vida, mesmo à custa de esposas e filhos, pois, por meio da existência, tudo pode existir de novo para os seres vivos. (361)

– E também:

Um homem em desgraça deve elevar-se por qualquer expediente, com ética ou sem ética; quando poderoso, deve praticar a virtude. (362)

O tolo, que só emprega artifícios quando estão em perigo sua vida, sua riqueza e tudo mais, perde a vida e, com ela, perde tudo. (363)

Depois de dar esses conselhos, Damanaka foi-se na direção de Karaṭaka. Vendo-o chegar, Karaṭaka disse:

– Meu caro, o que você andou fazendo por lá?

– Eu só plantei a semente da intriga, respondeu Damanaka. O que virá a seguir depende da determinação divina. Por isso se diz:

Mesmo que as divindades virem o rosto para o outro lado, o homem de pensamento inspirado deve cumprir sua obrigação para livrar-se de seus vícios e fortalecer seu espírito. (364)

– E também:

Lakṣmī favorece o grande herói perseverante. “O destino! Ai, o destino!” dizem os desprezíveis. Enfrenta o destino e mostra

tua virilidade com tua própria capacidade. Se fizeste o esforço e não tiveste êxito, que culpa há aqui? (365)

Karaṭaka disse:

– Conte-me, de que espécie é a semente de intriga que você plantou?

Ele contou:

– Eu estabeleci entre os dois, com conversas mentirosas, uma desunião tão grande que você não os verá novamente deliberando juntos no mesmo local.

Karaṭaka não aprovou:

– Ah! Não foi correto você determinar que aqueles dois, que viviam felizes, com os corações cheios de mútua e terna amizade, fossem lançados num oceano de cólera, pois se ensina:

O homem que impele para um caminho de infelicidade quem vive satisfeito e sem obstáculos deve ser infeliz, com certeza, em cada vida futura. (366)

– Além disso, é tolice você ficar satisfeito com a mera desunião, pois todo homem é competente na ação maldosa, mas não em beneficiar. Deste modo se prega:

O homem vil sabe mesmo destruir a obra alheia, não executá-la; a força do rato pode mesmo fazer cair a cesta de pão, mas não levantá-la. (367)

Damanaka rebateu:

– Você é um ignorante da ciência política, por isso fala assim. E, com razão, se diz:

Embora muito poderoso, aquele que não sufoca um inimigo ou uma doença logo que surge é destruído por eles, quando atingem o crescimento.¹⁴³ (368)

¹⁴³ *çloka* já citado sob número 236.

– E Saṃjīvaka é um inimigo de fato, pelo roubo do nosso cargo de ministro, pois:

Aquele que deseja tomar o cargo de quem aqui o herdou do pai e do avô é seu inimigo natural e deve ser decapitado, embora faça parte dos amigos. (369)

– Eu o trouxe – Damanaka prosseguiu – com garantia de segurança, desinteressadamente, e, em troca, ele me fez cair do ministério. Há um modo mais adequado de dizer isto:

Se o justo deixa entrar em seu lar o malfeitor, torna-o capaz de lhe causar a ruína, pois é o que este lhe deseja. Por isso, os dotados de vasto entendimento não devem dar espaço aos velhacos; conforme aqui se diz e se ouve, até o amante pode tornar-se o senhor da casa. (370)

– Por essa razão, concebi esse plano para destruí-lo. Saṃjīvaka, por outro lado, poderá abandonar a região. E, excetuando você, ninguém saberá. Convém fazê-lo por nosso próprio interesse. É, por isso, que se diz:

Endurecendo o coração e amaciando a voz como cana de açúcar, não se deve ficar na indecisão: deve-se exterminar quem pratica o mal. (371)

– Além disso, morto, ele poderá ser nosso alimento. Assim, haverá tanto a vitória sobre o inimigo, quanto o cargo de ministro e também a completa satisfação. As três vantagens estão a ponto de acontecer. Por que, com seu temperamento estúpido, você me acusa? Assim se conta:

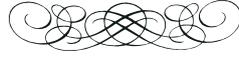
Promovendo a aflição de outros e o sucesso dos próprios empreendimentos, o sábio seria tolo se não aproveitasse a oportunidade, como fez Caturaka,¹⁴⁴ na floresta. (372)

¹⁴⁴ Caturaka, “engenhoso”, “hábil”, “sabido”, “rápido”.

Karaṭaka perguntou:

– Como foi isso?

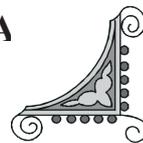
Damanaka contou:





FÁBULA XVI

O LEÃO VAJRADĀMṢṬRA





Nm certa região da floresta vivia um leão chamado Vajradan̄ṣṭra.¹⁴⁵ Lá também moravam um lobo e um chacal chamados Kravyamukha e Caturaka,¹⁴⁶ que eram conselheiros e fiéis seguidores do leão.

Certo dia, o leão encontrou, na região, uma camela que se extraviara de seu rebanho e estava com as dores de parto. Matou-a e, quando seu ventre se abriu, saiu vivo um pequeno filhote de camelo.

O leão e sua comitiva, porém, já estavam completamente saciados com a carne da camela. Então, por um sentimento de ternura, o leão levou o camelo para casa e disse-lhe:

– Meu caro, não tenha medo de ser morto por mim ou por outro animal. Pode passear pela floresta à vontade. Como você tem orelhas como pontas de setas, será chamado Çañkukarṇa.¹⁴⁷

Assim resolvido, ficaram os quatro (o leão, o chacal, o lobo e o camelo) passeando juntos e gozando, em mútua companhia, de diversas espécies de entretenimentos. Çañkukarṇa chegou à adolescência e não deixava o leão nem por um instante. Certa vez, houve uma luta de Vajradan̄ṣṭra com um elefante selvagem que estava no cio. Pelo ímpeto da fúria, o elefante deixou-o com o corpo tão ferido pelos golpes das presas que não podia mover-se. Então, com a garganta ressecada pela fome, o leão pediu:

– Procurem algum animal para que eu, apesar desta situação, possa matá-lo e saciar minha fome e a de vocês.

Depois de ouvir isso, os três vaguearam pela floresta até o anoitecer, mas não encontraram nenhum animal. Caturaka, então, pensou:

¹⁴⁵ Vajradan̄ṣṭra, “que tem dentes duros como diamante”.

¹⁴⁶ Kravyamukha, “que tem boca para carne”; Caturaka, “astuto”.

¹⁴⁷ Çañkukarṇa, “que tem orelhas como setas”.

– Se Çaṅkukarṇa for sacrificado, haverá satisfação para todos durante alguns dias. O amo, porém, não o matará por causa da amizade e da garantia de proteção. Entretanto, com o poder da inteligência, aconselharei o amo de tal modo que conseguirei que ele o mate, pois:

Nada, no mundo, é indestrutível, inacessível ou impraticável para a inteligência dos sábios; por isso, deve-se utilizá-la. (373)

Tendo assim ponderado, disse para Çaṅkukarṇa:

– Ó Çaṅkukarṇa, o amo está sem nutrição e atormentado pela fome. Com a ausência dele, haverá destruição para nós, certamente. Por isso, direi algumas palavras em favor do amo. Ouça!

Çaṅkukarṇa retorquiou:

– Vamos! Conte logo, para que eu faça sem hesitação o que você diz. Além disso, ao prestar um serviço ao amo, será como praticar cem boas ações.

– Meu caro – aconselhou Caturaka –, ofereça seu próprio corpo ao amo, para que em troca você obtenha o dobro. Ficará com um corpo a mais e, ainda, o amo terá subsistência.

Ouvindo isso, Çaṅkukarṇa disse:

– Meu amigo, se é assim, comunique que o meu propósito é este: faça-se aquilo que favoreça ao amo. Neste caso, porém, Dharma¹⁴⁸ será a garantia.

Tendo assim resolvido, foram todos à presença do leão.

– Senhor – anunciou Caturaka –, nenhum animal foi encontrado e o venerável Āditya já se pôs. Se o amo oferecer-lhe um corpo em dobro, Çaṅkukarṇa oferece o próprio corpo em troca do acréscimo em dobro, com a garantia de Dharma.

¹⁴⁸ Dharma, nome de uma divindade, personificação da Justiça.

O leão concordou:

– Ah! Se é assim, está ótimo! Que Dharma seja a garantia desta transação.

Imediatamente após a fala do leão, Çaṅkukarṇa teve o abdômen dilacerado por ambos, o lobo e o chacal, e dissolveu-se nos cinco elementos (morreu).

Então Vajradamṣṭra disse:

– Caturaka, enquanto eu vou até o rio fazer as abluções e os ritos prescritos em honra das divindades e volto, você fica aqui vigiando.

Depois de dizer isso, foi ao rio. Quando ele saiu, Caturaka pensou:

– Como poderei comer este camelo sozinho?

Depois de ponderar, disse a Kravyamukha:

– Você está faminto. Então, enquanto o amo não vem, coma um pedaço da carne deste camelo. Eu explicarei ao amo que você não tem culpa.

Tendo ouvido isso, mal começava a provar um pouco de carne, quando Caturaka exclamou:

– Kravyamukha, o amo está chegando! Abandone o camelo e fique distante para que o amo não pense que você o comeu.

Assim feito, o leão retornou e, quando olhou para o camelo, viu que o coração fora removido. Franziu as sobrancelhas e falou com aspereza:

– Ah! Quem transformou este camelo em resto? Vou matá-lo!

Enquanto o leão dizia isso, Kravyamukha observava o rosto de Caturaka:

– Por favor, diga alguma coisa que me deixe tranqüilo.

Então, Caturaka riu alto e declarou:

– Ora! Você não me respeitou, devorou os pedaços de carne e agora observa-me o rosto! Prove o fruto da árvore da má conduta.

Ouvindo isso, Kravyamukha partiu para região distante, com medo de perder a vida.

Entretanto, por aquele caminho, chegava uma supercarregada caravana de camelos. No pescoço do primeiro deles estava pendurada uma grande sineta, cujo som, mesmo ao longe, foi ouvido pelo leão, que disse ao chacal:

–Amigo, descubra o que é esse som raivoso que se ouve e que nunca se ouviu antes.

Ao ouvi-lo, Caturaka penetrou na floresta e voltou imediatamente, gritando:

– Amo, fuja! Fuja, se for capaz de fugir.

– Meu caro – disse o leão –, por que você me assusta assim? Diga-me o que é.

Caturaka respondeu:

– Senhor, o Rei da Justiça¹⁴⁹ está zangado e afirma que o senhor matou o camelo dele antes da hora e que por isso o tomará mil vezes da sua presença. Assim ele decidiu, juntou uma grande cáfila, amarrou uma sineta no pescoço do que vai à frente, reuniu os pais e avós devotados ao camelo que não devia ser morto e veio com a intenção de retribuir a hostilidade.

O leão, ouvindo e observando tudo isso ao longe, abandonou o camelo morto e fugiu temendo pela vida. Caturaka, então, ficou comendo a carne do camelo tranqüilamente. Por isso, eu digo:

Promovendo a aflição de outros e... [*çloka* 372]

¹⁴⁹ Dharmarāja, “Rei da Justiça”, epíteto de Yama, deus dos mortos.

Depois que Damanaka partiu, Saṃjīvaka ficou pensando:

– Ai, por que fiz isto: eu, herbívoro, tornei-me seguidor de um carnívoro. E há um modo mais adequado de dizer isto:

O homem que segue os que não devem ser seguidos e venera os que não devem ser venerados acolhe a morte, assim como a mula acolhe seu feto. (374)

– O que faço, então? Vou para onde? Como terei tranqüilidade? Ou é melhor voltar para Piṅgalaka? Talvez ele me preserve por ter vindo como refugiado e não me tire a vida, pois assim se prega:

Se, neste mundo, às vezes, por causa do destino, acontecem vicissitudes aos que se esforçam em prol da justiça, então, em conseqüência, a ação dos grandes sábios deve dirigir-se para a extinção daqueles problemas. No mundo inteiro, tornou-se célebre este provérbio: para os queimados pelo fogo, a aspersão feita com o próprio fogo é benéfica. (375)

– E também:

Neste mundo, para as criaturas que alcançam sempre o amadurecimento de seus próprios atos e que praticam ações corretas, o que lhes está predestinado, obtido na existência, seja felicidade ou infelicidade, acontece independentemente da vontade. Nisso não há motivo de discussão. (376)

– E depois, por outro lado, se eu for embora, qualquer outra fera carnívora levar-me-á à morte. É preferível que seja o leão. É isto que se propaga:

Mesmo a derrota enobrece os que lutam contra um poderoso: a quebra das presas é louvável para os elefantes que despedaçam montanhas. (377)

– E também:

O pequeno que recebe a destruição do poderoso torna-se louvável, como a abelha que, ávida pela exsudação, é abatida pela orelha do elefante. (378)

Tendo assim decidido, o touro foi andando devagar, com os passos vacilantes, e, quando avistou o abrigo do leão, declarou:

– Ai, com razão se diz:

Tal como da habitação que tem serpentes ocultas, ou da floresta infestada de feras, ou do lago aprazível com sombra e belos lótus, mas rodeado por crocodilos, assim também do palácio dos reis, cercado por diversas espécies de corruptos, de mentirosos contumazes e de inferiores, aproximam-se os tímidos com dificuldade, como se fosse do oceano. (379)

Assim recitava, quando avistou Piñgalaka, com o aspecto descrito por Damanaka. Apavorado, encolheu o corpo e sentou-se bem longe, sem fazer reverência.

Vendo-o naquele estado, Piñgalaka acreditou nas palavras de Damanaka e caiu sobre ele com fúria.

Samjīvaka, com o dorso dilacerado pelas garras afiadas, rasgou-lhe o ventre com os chifres; libertou-se com dificuldade e preparou-se para a luta, pretendendo matá-lo.

Então, Karaṭaka, ao vê-los, como duas árvores *palāṇa*¹⁵⁰ floridas e tentando destruir-se mutuamente, disse para Damanaka:

– Ó estúpido! Você não agiu bem ao semear a discórdia entre os dois e não conhece o princípio fundamental da política. Os peritos em política dizem isto:

Ministros bem versados em política resolvem com inteligência e, principalmente, conciliação os assuntos que são frutos de extrema agressão e que devem ser manejados com empenho.

¹⁵⁰ *palāṇa*, *Butea frondosa*, árvore de flores vermelhas.

Por outro lado, a soberania do rei é colocada na balança pela falta de regras daqueles que desejam frutos pequenos e mirrados, obtidos por meio de esforços violentos e gestos imprudentes. (380)

– Se o amo for ferido, de que terá servido sua assessoria? Se, de outro modo, Saṁjīvaka não for morto... Isso não poderá acontecer, pois o amo o matará para evitar o risco de perder a vida. Estúpido! Como pode ambicionar o posto de ministro? Você não sabe alcançar o objetivo pela conciliação, tem prazer na violência, por isso seu anseio é vão. Assim se ensina:

A política deve iniciar com a conciliação e os outros expedientes e terminar com a violência, disse Svayambhū,¹⁵¹ mas dentre elas a violência é a pior e deve ser aplicada por último. (381)

– E também:

Quando há sucesso com a conciliação, a violência não deve ser aplicada pelo sábio: se a bilis acalma-se com açúcar cristalizado, para que utilizar a *paṭola*?¹⁵² (382)

– E também:

A conciliação deve ser aplicada em primeiro lugar pelo homem perspicaz: os negócios realizados por meio de conciliação nunca chegam ao fracasso. (383)

Não é pela lua, nem pela erva medicinal, nem pelo sol, nem pelo fogo, mas é pela conciliação que desaparece o sofrimento procedente de um inimigo. (384)

¹⁵¹ Svayambhū, “que existe por si mesmo”; epíteto de Manu.

¹⁵² *paṭola*, *Trichosanthes dioeca*, espécie de pepino, utilizado como remédio em doenças do fígado.

–Assim – continuou Karataka –, é inconveniente que você ambicione o ministério, porque não conhece o procedimento adequado de ministro. Um planejamento compõe-se de cinco partes: abordagem inicial dos empreendimentos, suprimento de bens e de homens, distribuição de tempo e de lugar, prevenção contra calamidades e realização do objetivo. E agora uma calamidade iminente sobrevirá a ambos, ao amo e ao ministro, ou a um dos dois. Se você tiver algum poder, reflita sobre a prevenção contra calamidades. Pois é na reunião das coisas separadas que está a prova da inteligência dos ministros. Imbecil! Você é incapaz de fazer isso, porque tem a inteligência às avessas. Lembre-se:

A sabedoria dos ministros se manifesta no ato de unir o que está separado e a dos médicos, na cura de uma doença complicada. Quando está tudo bem, quem não é sábio?¹⁵³ (385)

– Por outro lado:

O homem vil sabe mesmo destruir a obra alheia, não executá-la; a força do rato pode mesmo fazer cair a cesta de pão, mas não levantá-la.¹⁵⁴ (386)

– Todavia a culpa não é sua, mas do amo, que dá crédito às suas palavras, pois:

Reis que seguem pessoas vis e não trilham por caminhos prescritos pelos sábios entram, por isso, numa bem fechada arapuca de males, cujo caminho de saída é difícil de encontrar. (387)

– Se você se tornar ministro do rei, nenhum outro súdito honesto chegará até ele. Isto se ensina:

¹⁵³ Esta estrofe é igual à 128.

¹⁵⁴ Esta estrofe é igual à 367.

Embora dotado de virtudes, um soberano que tem maus ministros não é procurado, tal como uma lagoa de água doce e tranqüila que tem crocodilos ferozes. (388)

– Assim, evitado pelos súditos bem educados, o amo alcançará a ruína, pois:

Quando os reis se alegram com ministros que têm conversas de bom gosto, mas que não manejam os arcos, seus inimigos alegram-se com a riqueza desses reis. (389)

– Para que serve o ensinamento de um imbecil? Somente para o erro, não para a virtude. Assim se difunde:

Madeira que não pode ser dobrada não se dobra; o uso da navalha não tem efeito numa rocha. Saiba, Sūcīmukha:¹⁵⁵ não se ensina a quem não quer ser discípulo. (390)

Damanaka perguntou:

– Como foi isso?

Ele contou:

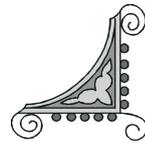


¹⁵⁵ *sūcīmukha*, “que tem o bico em forma de agulha”.



FÁBULA XVII

O BANDO DE MACACOS





Em certa região de uma montanha havia um bando de macacos.

Uma vez, no tempo do inverno, eles, com o corpo tremendo pelo toque do vento irritante e feridos pela queda de chuva destruidora a despencar, de modo nenhum encontravam conforto.

Então, alguns deles, tendo colhido frutos *guñjā*, semelhantes a faíscas, devido ao desejo de obter fogo, permaneceram por ali, soprando os frutos.

Em seguida, um pássaro de nome Sūcī mukha, percebendo aquele esforço, disse ao bando:

– Nossa! Vós todos sois tolos. Essas faíscas não são brasas de fogo, são frutos *guñjā*. Por que a fadiga em vão? Com isso, a proteção contra o frio não se dará. Portanto vocês devem procurar algum lugar na floresta, livre do vento: uma caverna ou um vale na montanha. Além do mais, avista-se uma ruidosa nuvem.

Então, um deles, um velho macaco, disse ao pássaro:

– Ei! por que essa preocupação de sua parte? Você deve afastar-se, pois se aconselha:

Aquele que é sábio, que deseja o bem estar de si próprio, não deve dirigir-se ao jogador vencido, que foi interrompido em seu trabalho repetidamente. (391)

– E, ainda:

Aquele que é tolo, que se dirige ao caçador em sua angústia inútil ou ao simplório que permanece na desgraça, alcança a ruína. (392)

O pássaro, sem dar atenção àquilo, novamente disse aos macacos com insistência:

– Por que a angústia em vão?

E como ele não parava de falar de modo nenhum, um macaco, zangado por cansar-se em vão, agarrou-o pelas duas asas e arremessou-o a uma rocha, matando-o.

– Por isso eu digo:

Madeira que não pode ser dobrada... [*çloka* 390]

– Também se afirma:

Instrução aos tolos certamente leva à raiva, não à tranqüilidade; o leite bebido pelas serpentes apenas aumenta seu veneno. (393)

– E, além disso:

Conselho não deve ser dado a ninguém, seja quem for; um pássaro de bom ninho foi transformado em sem casa pelo tolo macaco. (394)

Damanaka perguntou:

– Como foi isso?

Karaṭaka contou:





FÁBULA XVIII

O CASAL DE PARDAIS QUE
MORAVA NUMA ÁRVORE ÇAMĪ





avia, num certo lugar da floresta, uma árvore *çamī*.¹⁵⁶ Num de seus galhos pendentes, habitava um casal de pardais silvestres, que ali fizera seu ninho.

Certa vez, quando ambos se sentiam confortáveis, uma nuvem de inverno aos poucos precipitou-se em chuva. Nisso, um macaco, castigado pelo vento e pela forte chuva, com o corpo eriçado, batendo os dentes, tremendo, aproximou-se da base daquela árvore, lá se abrigando.

A pardoca, observando-o em tal situação, disse:

– Ei, caro senhor:

Provido de mãos e pés és visto como a figura de um homem. És castigado pelo frio; por que então não fazes uma casa? (395)

Ouvindo isso, o macaco, cheio de cólera, disse:

– Ó mulher vulgar! Por que não observa um voto de silêncio? Ai, que audácia a sua! Zombar de mim hoje!

Bico de agulha, perversa, incapacitada, pretensa sábia; não pensa ao falar. Logo, por que não a mato? (396)

Assim ponderando, disse a ela:

– Ó tola! Por que esse pensamento ansioso em relação a mim? Assim se aconselha:

¹⁵⁶ *çamī*, *Prosopis Spicigera* ou *Mimosa Suma*, árvore que possui madeira muito rija, a ponto de supor-se que contém fogo. É empregada para acender o fogo sagrado. A lenda narra que Purūravas gerou o fogo primevo friccionando dois ramos das árvores *çamī* e *açvattha*.

Deve-se falar quando há consideração e especialmente quando perguntado. O que se diz quando falta respeito é igual ao choro numa floresta. (397)

– Logo, abreviemos isso.

Foi tão interpelado por ela que subiu naquela árvore *çamī* e destruiu o ninho, fazendo-o em cem pedaços.

– Por isso eu digo:

Conselho não deve ser dado... [*çloka* 394]

E Karaṭaka continuou:

– Dessa forma, ó tolo, embora você tenha sido agraciado com o conhecimento, não aprendeu. Porém não é sua culpa, pois o conhecimento leva à virtude do sábio, não do vilão. É assim que se prega:

O que faz de fato a sabedoria usada no lugar errado? É como uma luz colocada num jarro encoberto pela escuridão. (398)

– Portanto, tendo-se aplicado à sabedoria inútil, não ouvindo minhas palavras, você não conhece a própria tranqüilidade, pois se diz:

Certamente, não avalia sua própria desgraça o tolo que se satisfaz com a ruína alheia. Como regra geral, quando a cabeça perece no início da batalha, o resto do corpo dança. (399)

– Ah! Com sabedoria isto também se conta:

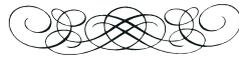
O que tem a mente virtuosa e o que tem sentimentos vis, estes dois são meus conhecidos. Devido à sabedoria inútil, o pai foi morto pelo filho com fumaça. (400)

O casal de pardais que morava numa árvore *çami*

Damanaka perguntou:

– Como foi isso?

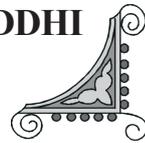
Karaçaka contou:





FÁBULA XIX

DHARMABUDDHI E PĀPABUDDHI





em certo lugar, habitavam dois amigos, Dharmabuddhi¹⁵⁷ e Pāpabuddhi.¹⁵⁸

Certa vez, Pāpabuddhi pensou:

– Eu, até aqui, tenho sido tolo e pobre. Então, vou atrair esse Dharmabuddhi, ir para outro país, fazer fortuna com a ajuda dele e depois, ludibriando-o, serei feliz.

Assim, no outro dia, Pāpabuddhi disse a Dharmabuddhi:

– Ó amigo! Na velhice, como você imagina cuidar de si mesmo? Não conhecendo outro país, que história contará aos outros? Assim se propaga:

Aquele que não conheceu nos outros países as diversas línguas, os diversos costumes etc., perambulando pela superfície da terra, torna sem proveito o fruto de seu nascimento. (401)

– E também:

O homem não alcança completamente a ciência, a riqueza nem a arte, de fato, se não percorre, admirado, um país a outro na terra. (402)

Assim, ouvindo aquelas palavras de Pāpabuddhi, Dharmabuddhi, profundamente feliz, autorizado pelos veneráveis mestres, partiu com ele para outro país, no dia auspicioso.

E lá, devido à habilidade de Dharmabuddhi, Pāpabuddhi alcançou considerável fortuna. E então, os dois, felizes com a abundante riqueza que possuíam, voltaram para casa muito impacientes. Assim se prega:

¹⁵⁷ Dharmabuddhi, “que tem a mente voltada para a lei, para a justiça”.

¹⁵⁸ Pāpabuddhi, “que tem a mente voltada para o mal”.

Para os que habitam outro país, com a ciência, a fortuna e a arte adquirida, o caminho de não mais que um *kroça*¹⁵⁹ torna-se tão longo quanto uma centena de *yojanas*.¹⁶⁰ (403)

Entretanto, Pāpabuddhi, que estava próximo de casa, interpelou Dharmabuddhi:

– Caro amigo, não devemos levar para casa todo este dinheiro, pois os membros da família e os demais parentes pedirão alguma coisa. Exatamente neste lugar da parte densa da floresta vamos enterrar o dinheiro e, tomando uma pequena quantidade dele, vamos para casa. Depois, quando surgir a oportunidade, viremos juntos e levaremos essa quantia deste lugar, pois se aconselha:

Não deve um homem sábio revelar sua fortuna, veja bem, ainda que pequena, pois, à vista dela, a mente, mesmo a de um asceta, agita-se. (404)

– E, ainda:

Assim como o alimento é devorado pelos peixes na água, pelos animais selvagens na terra e, ainda, pelos pássaros no ar, da mesma forma em toda a parte os ricos são devorados. (405)

Ouvindo isso, Dharmabuddhi disse:

– Meu caro, façamos assim.

Dessa forma procedendo, os dois foram para casa e alegremente permaneceram lá.

Entretanto, no dia seguinte, de noite, Pāpabuddhi foi à floresta, pegou de volta todo o dinheiro, cobriu o buraco e voltou para casa.

¹⁵⁹ Medida de distância; uma légua indiana.

¹⁶⁰ Medida particular de distância, freqüentemente considerada como igual a 4 ou 5 milhas inglesas; considerada também como 4 *kroças* ou aproximadamente 9 milhas.

Num outro dia, aproximando-se de Dharmabuddhi, disse:

– Companheiro, com as famílias numerosas e devido à falta de dinheiro, nós pereceremos. Então, vamos lá pegar uma parte do dinheiro no lugar certo.

– Meu amigo, disse Dharmabuddhi, façamos isso.

Porém, quando os dois, chegaram àquele lugar e cavaram, viram o depósito vazio. Logo, Pāpabuddhi, batendo na cabeça, disse:

– Caramba, Dharmabuddhi! Você pegou aquele dinheiro, ninguém mais, pois, além de tudo, o buraco foi novamente coberto. Então, devolva-me a metade dele ou então apelarei à corte real.

Dharmabuddhi retrucou:

– Ó perverso! Não fale assim. Eu, de fato, sou aquele que tem a consciência reta, justa. Sou Dharmabuddhi. Não cometo um ato desses de ladrão. Assim se sustenta:

Os que possuem a consciência reta olham para as esposas alheias como mães, para as riquezas dos outros como torrões de terra, para todos os seres como para si próprio. (406)

Desse modo, os dois contradizendo-se foram até o magistrado e relataram o fato, injuriando-se reciprocamente.

Então, quando os homens designados para a administração da justiça submeteram os dois ao julgamento divino, Pāpabuddhi disse:

– Ah! Essa regra não está bem aplicada. Assim se aconselha:

Na disputa, a prova documental é a mais adequada e, na ausência dela, as testemunhas. Somente em razão da ausência de testemunhas, os sensatos aconselham o julgamento divino. (407)

– E, neste caso, as divindades do bosque são minhas testemunhas. Elas é que farão um de nós dois ladrão ou justo.

Em seguida, todos concordaram:

– Deveras! É certo o que ele disse, pois se recomenda:

Quando na disputa surge uma testemunha, mesmo que seja um *çūdra*, então o julgamento divino não procede, quanto menos, se são testemunhas as divindades. (408)

– Dessa forma, é grande nossa curiosidade em relação a essa causa. Assim, amanhã pela manhã, vocês irão conosco àquele lugar da floresta.

Entrementes, Pāpabuddhi, indo para casa, disse ao pai:

– Esta grande quantidade de dinheiro foi por mim roubada de Dharmabuddhi. Por meio de sua palavra, pai, tiraremos proveito desta fortuna. De outro modo, o dinheiro desaparecerá junto com minha vida.

O pai disse:

– Filho, fale rapidamente de que modo eu posso assegurar esse dinheiro.

– Pai – disse Pāpabuddhi –, existe naquela região uma árvore *çamī*, em cujo tronco há um grande buraco. Nele você deve entrar sem demora. Então, ao amanhecer, quando eu fizer o juramento, você deve assim dizer: “Dharmabuddhi é o ladrão.”

Assim feito, no alvorecer, Pāpabuddhi banhou-se e, indo à frente de Dharmabuddhi junto com os ministros do rei, aproximou-se da árvore *çamī*, dizendo em alto som:

O sol e a lua, o ar e o fogo, o céu e a terra, a água, o coração e Yama, o dia e a noite, ambos os crepúsculos e especialmente Dharma conhecem a conduta do homem. (409)¹⁶¹

¹⁶¹ Estrofe já citada sob número 183. Trata-se de citação do *Mahābhārata*, I, LXXIV, 28 e do *Código de Manu*, VII, 86.

– Dize, então, ó divindade afortunada da floresta, qual de nós dois é o ladrão?

Então, o pai de Pāpabuddhi, que se encontrava no buraco da *çamī*, disse:

– Prestem atenção! Aquele dinheiro foi roubado por Dharmabuddhi.

Ouvindo aquilo, todos os ministros do rei ficaram com os olhos perplexos pela surpresa. Enquanto procuravam nos códigos de leis o castigo adequado ao roubo praticado por Dharmabuddhi, este, depois de envolver a cavidade da *çamī* com objetos inflamáveis, pôs fogo na árvore.

Então, enquanto era queimado o buraco da *çamī*, o pai de Pāpabuddhi, com a metade do corpo queimado, os olhos esbugalhados, em estado deplorável, saiu de lá aos gritos.

Em seguida, questionado por todos, parou, relatando todo o plano de Pāpabuddhi.

Os ministros do rei, então, penduraram Pāpabuddhi num ramo da *çamī* e, elogiando Dharmabuddhi, disseram:

– Céus! com razão se conta isto:

Um homem sábio deve pensar no stratagema e, do mesmo modo, deve pensar no prejuízo. Enquanto a tola garça observava, outras garças eram devoradas pelo mangusto. (410)

Dharmabuddhi perguntou:

– Como foi isso?

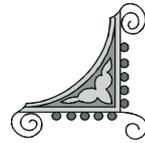
Eles contaram:





FÁBULA XX

A SERPENTE NEGRA





avia, em certa região da floresta, uma figueira habitada por muitas garças. No oco dessa árvore morava uma naja. E ela passava o tempo comendo os filhotes, mesmo antes de suas asas terem despontado.

Então, uma garça aproximou-se da margem de um lago, de cabeça baixa, com os olhos repletos de lágrimas, por causa do desgosto de ter seus filhotes devorados, e lá permaneceu. Observando o seu modo de agir, um caranguejo perguntou:

– Minha amiga, por que você está chorando assim hoje?

– Meu caro, disse ela, o que mais posso fazer? Sou desgraçada, pois meus filhotes foram devorados pela serpente negra que vive no oco da árvore. Aflita por esta dor, eu choro. Conte-me se existe alguma estratégia para matá-la.

Ao escutar isso, o caranguejo pensou: “Ela é uma inimiga natural de nossa espécie. Por isso, vou oferecer-lhe um mau conselho, com aparência de bom, para que as outras garças sejam aniquiladas pela serpente, pois se ensina:

A voz como manteiga fresca, mas o coração sem piedade, assim aconselha-se o adversário, para que morra com seus descendentes. (411)”

– Minha amiga – disse ele –, jogue pedacinhos de carne de peixe desde a entrada do buraco de um mangusto até o oco da árvore onde fica a naja. Assim, o mangusto seguirá essa trilha e matará a serpente malvada.

Dito e feito. O mangusto foi atrás da carne de peixe, atacou a naja e depois ficou devorando, uma a uma, todas as garças que se abrigavam na árvore. Por isso, nós dizemos:

Um homem sábio deve pensar no estratagema... [*çloka* 410]

Prosseguindo sua diatribe, Karaṭaka acrescentou:

–Aquele Pāpabuddhi pensou na estratégia, mas não no prejuízo. Em conseqüência, arcou com o resultado. Por isso, eu digo:

O que tem a mente virtuosa ... [*çloka* 400]

– Assim, também você, estúpido, como Pāpabuddhi, pensou na estratégia, mas não no prejuízo. Você não é honrado, é pura intenção maldosa. Percebi isso pela maquinação do perigo a que você expôs a vida do soberano. Você mesmo demonstrou sua falsidade e sua desonestidade. Isto é explicado de modo melhor:

Quem consegue ver, mesmo com muito esforço, o traseiro dos pavões, visto que eles, apesar de felizes com o trovão nas nuvens de chuva, não dançam? (412)

– Se você conduziu o rei para essa situação, que respeito terá por alguém como eu? Por isso, você não deve ficar junto de mim. Assim se adverte:

Lá onde os ratos devoram uma balança com mil unidades de peso de ferro, ó rei, um falcão pode raptar um menino, não há dúvida. (413)

Damanaka perguntou:

– Como foi isso?

Karaṭaka contou:





FÁBULA XXI

O COMERCIANTE JIRNADHANA





avia, em certa localidade, um descendente de comerciantes chamado Jirṇadhana¹⁶² que, devido à perda da fortuna, ponderava, com intenção de partir para outra região:

Aquele que usufruiu tantos prazeres quanto podia, numa cidade ou região, e continuou a morar lá depois de perder sua fortuna é o mais lamentável dos homens. (414)

– E também:

Aquele que antes se divertia num lugar durante muito tempo, cheio de egoísmo, e lá fala agora com desalento é desprezado pelos outros. (415)

Na casa de Jirṇadhana havia uma balança, feita com pesada quantidade de ferro, que fora adquirida por seus antepassados. Deixou-a como penhor na casa de um eminente empresário e partiu para outro país. Lá, viajou pela região por um longo tempo, depois retornou à sua cidade e disse:

– Ó senhor empresário! Dê-me a balança penhorada.

– Ah! disse o outro, sua balança não existe mais. Foi comida pelos ratos.

Jirṇadhana exclamou:

– Deveras, o senhor, eminente empresário, não tem culpa se ela foi comida pelos ratos. Assim mesmo é a roda da existência: aqui nada é perene. Eu vou, então, tomar banho no rio. Permita que me acompanhe esse seu filho, chamado Dhanadeva,¹⁶³ carregando os apetrechos para o banho.

¹⁶² Jirṇadhana, “que dilapidou a riqueza”.

¹⁶³ Dhanadeva, “deus das riquezas”.

Receoso, por causa da trapaça, o empresário recomendou ao filho:

– Filhinho, esse seu tio vai banhar-se no rio. Pegue os apetrechos necessários e vá com ele.

Ah! Isto pode ser dito de modo melhor:

Não é por devoção que um homem procede com bondade em relação a outro; quando o faz é por medo, cupidez ou por uma causa precisa. (416)

Portanto:

Quando há excesso de atenção sem causa objetiva é necessário suspeitar, para que ao final haja satisfação. (417)

O filho do empresário pegou os apetrechos para o banho e saiu cheio de alegria com o recém-chegado.

Assim feito, o comerciante, depois de banhar-se, empurrou o menino para dentro de uma caverna junto ao rio, cobriu a entrada com uma enorme pedra e voltou ligeiro para casa. Foi interrogado, então, pelo empresário:

– Ei, recém-chegado! Conte-me, onde está meu filho, que foi ao rio com você?

– Um falcão levou-o da margem do rio – respondeu o comerciante.

O eminente empresário disse:

– Como você é mentiroso! Como e onde um falcão tem força para carregar um menino? Entregue-me meu filho! Do contrário, vou denunciá-lo na corte de justiça do rei.

Jirñadhana retrucou:

– E o senhor é a própria verdade! Assim como o falcão não pode levar o garoto, tampouco os ratos podem comer uma balança feita com pesada quantidade de ferro. Devolva-me a balança, se pretende reaver o menino.

Assim discutindo, os dois foram até a corte de justiça do rei. Lá, o empresário exclamou com voz forte:

– Ai de mim! Um crime! Um crime! Meu filho foi raptado por este ladrão.

Então, os magistrados ordenaram a Jirṇadhana:

– Vamos! Entregue o filho ao senhor empresário.

– Como posso fazer? indagou ele. O menino foi levado da margem do rio por um falcão, bem diante dos meus olhos.

Ouvindo isso, os magistrados disseram:

– Ora, o senhor não está dizendo a verdade. Onde pode existir um falcão capaz de carregar um menino?

Ele disse:

– Pois sim! Ouçam o que eu digo:

Lá onde os ratos devoram uma balança com mil unidades de peso de ferro, ó rei, um falcão pode raptar um menino, não há dúvida. (418)

Perguntaram eles:

– Como foi isso?

Então o comerciante relatou todo o episódio aos juizes, desde o princípio. Eles riram a valer e os dois, chegando a um mútuo entendimento, ficaram satisfeitos com a entrega da balança em troca do menino.

– Por isso, eu digo:

Lá onde os ratos devoram... [*çloka* 413]

Karaṭaka continuou:

– Então, estúpido, você fez aquilo porque não podia tolerar o favoritismo de Saṃjīvaka. Francamente! Isto pode ser dito de modo melhor:

Em geral, neste mundo, os nascidos em família humilde insultam sempre o de nobre família; os desafortunados, o favorecido pela sorte; os mendigos, o doador; os desonestos insultam o honesto; os sem dinheiro, o que tem riqueza; os deformados, o de bela figura; os criminosos, o cumpridor do dever e os estúpidos insultam o homem sábio em várias ciências. (419)

– Assim também:

Os sábios são odiosos para os estúpidos; os muito ricos, para os sem dinheiro; os ascetas, para os de mau caráter; as mulheres de família, para as libertinas. (420)

– Então, néscio, você fez um malefício, em vez de um benefício. Assim se conta:

É melhor um inimigo sábio do que um benfeitor estúpido: o rei foi morto pelo macaco e os sacerdotes foram salvos pelo ladrão. (421)

Damanaka perguntou:

– Como foi isso?

Karaṭaka contou:





FÁBULA XXII

**O EPISÓDIO DO MACACO
SERVIDOR DO REI E A HISTÓRIA
DO BRÂMENE LADRÃO**





erto rei mantinha, em posição de muita confiança, um macaco que era seu criado pessoal muitíssimo devotado e a quem não era proibida a entrada até mesmo nos aposentos particulares.

Uma vez, enquanto o rei dormia, o macaco produzia vento abanando um leque, quando uma mosca pousou sobre o peito do soberano. Apesar de sempre e sempre repelida pelo leque, lá pousava de novo e de novo. Por isso, o macaco, estúpido e insensato por natureza, ficou irritado, pegou um sabre afiado e vibrou um golpe sobre ela. A mosca voou e se foi. O rei, porém, com o peito dilacerado pela espada de lâmina afiada, morreu. Por isso, o homem que deseja ter vida longa não deve ser protegido por um servo estúpido.

Por outro lado, em uma cidade, vivia um sacerdote muito instruído, mas que se tornara ladrão em consequência de existências anteriores. Observando que quatro sacerdotes oriundos de outra região realizavam muitos negócios na cidade, ele ponderava:

– Ah! Com que estratégia tomarei sua riqueza?

Depois de assim conjeturar, recitou diante deles diversos preceitos de sabedoria e sentenças eloqüentes, encantadoras e doces como mel. Tendo-lhes inspirado confiança, começou a prestar-lhes serviço. Ou melhor dizendo:

A devassa torna-se modesta; álcali e água tornam-se líquido refrescante; o fraudador torna-se judicioso; o astucioso torna-se li-sonjeiro. (422)

Estando ele naquele serviço, os sacerdotes negociaram todos os seus objetos e compraram jóias de alto preço. Depois, à vista do ladrão, colocaram-nas entre as pernas e prepararam-se para voltar a seu país.

O sacerdote astucioso, observando os outros sacerdotes prontos para partir, foi dominado pela ansiedade.

– Que pena! Não consegui nada dessa riqueza! Então, vou com eles. Em algum lugar, na estrada, dou-lhes veneno, mato-os e apodero-me de todas as jóias.

Pensando nisso, choramingou pateticamente diante deles, dizendo:

– Ai, amigos! Vocês estão prontos para partir, deixando-me sozinho. Meu coração, capturado por vocês com o laço da amizade, ficou agitado com a mera menção de ausência e, assim, não encontra prazer em nada. Concedam-me o favor, levem-me com vocês, como companheiro.

Ouvindo essas palavras, com a mente enternecida pela compaixão, partiram com ele em direção de seu país.

Durante a jornada, quando os cinco passavam pelo interior da fortaleza de uma aldeia, mendigos começaram a gritar:

– Atenção Kirātāḥ! Corram! Corram! Estão passando homens com riqueza de cem mil e mais um quarto. Matem-nos e levem a riqueza.

Os montanhesees ouviram os gritos dos mendigos e vieram em seguida. Moeram os sacerdotes com golpes de cajados, tiraram-lhes as roupas e os examinaram. Mas não encontraram riqueza alguma. Então indagaram:

– Ó viajantes! Nunca, antes, as palavras dos mendigos foram inverídicas. Devem existir com vocês riquezas em algum lugar. Entreguem! Do contrário, vamos matá-los a todos, dilacerar a pele, examinar todas as partes do corpo e levar as riquezas.

Ouvindo tais palavras dos montanhesees, o sacerdote ladrão cogitou em pensamento:

– Se matarem esses sacerdotes e observarem seus membros, levarão as jóias e matarão a mim também. Por isso, entre-

gar-me-ei antes e, como não levo riquezas, salvarei os demais, pois se ensina:

Por que temes a morte, menino? Ela não liberta o medo. Hoje ou depois de cem anos, a morte é inevitável para as criaturas vivas. (423)

– E também:

Quem abandona a vida em favor de uma vaca e em favor de um brâmane atravessa a órbita do sol e vai para o supremo caminho. (424)

Tendo assim decidido, exclamou:

– Ó montanheses, neste caso, matem e examinem primeiro a mim.

Eles assim fizeram, certificaram-se de que ele não transportava riquezas e depois libertaram os outros quatro. Por isso, eu digo:

É melhor um inimigo sábio... [*çloka* 421]

Enquanto os dois assim conversavam, Saṃjīvaka, que sustentara o combate contra Piṅgalaka por um momento, ferido pelos cortes das garras afiadas do leão, já sem alento, caiu por terra. Vendo-o morto, Piṅgalaka, com o coração enternecido pelas lembranças das virtudes do amigo, declarou:

– Ai! Eu, criminoso, cometi uma injustiça matando Saṃjīvaka, porque não há ação mais criminosa do que a traição. Assim se adverte:

Quem fere um amigo, mata alguém e trai a confiança são homens que vão para o inferno, enquanto brilharem o sol e a lua. (425)

A ruína do rei acontece na perda do território ou na morte do servo inteligente; a igualdade entre os dois casos, porém, não está bem expressa, pois o território perdido é recuperável, mas os servos não. (426)

– Como eu sempre o elogiava no centro da corte, o que contarei agora para os súditos? É isto que se preconiza:

Se anteriormente alguém é proclamado virtuoso na assembleia, não pode ser acusado depois por quem receia a quebra de uma promessa.¹⁶⁴ (427)

Lamuriava-se desse modo, quando Damanaka chegou e disse-lhe alegremente:

– Senhor, que conduta mais indecisa a sua: destruiu o pérfido comedor de grama e lamenta-se dessa maneira! Isso não é digno do senhor do mundo. Assim se assegura:

Se o pai, o irmão, o filho, a esposa ou o amigo conspira contra a tua vida, deve ser morto e não há pecado nisso. (428)

– E também:

Um rei compassivo, um brâmane que come de tudo, uma mulher independente, um companheiro mal intencionado, um escravo desobediente, um administrador negligente devem ser abandonados, pois esses não sabem servir. (429)

– E ainda:

Verdadeira e falsa, áspera e amável, cruel e compassiva, avarenta e liberal, esbanjadora e acumuladora de riquezas, tal qual uma cortesã, a política de um rei tem várias formas. (430)

¹⁶⁴ Estrofe já citada sob número 247.

O episódio do macaco servidor do rei e a história do brâmane ladrão

Assim convencido, Piñgalaka abandonou o luto por Sañjīvaka e, tendo Damanaka como ministro, continuou a exercer sua autoridade.

Conclui-se, assim, o primeiro livro do *Pañcatantra*, intitulado “**A desunião de amigos**”, composto pelo venerável Viṣṇuçarman.





BIBLIOGRAFIA



TEXTO BÁSICO:

KĀLE, M. R. *Pañcatantra of Viṣṇuśarman*. Delhi, Motilal Banarsidass, 1991 (1. ed. 1912).

TEXTOS SÂNSCRITOS DE APOIO:

ÇRĪÇYĀMĀCARAṆAPĀṆDEYA. *Çrīviṣṇuçarmapraṇītam Pañcatantram*. Vārāṇasī, Motilal Banarsidass, 1975.

BÜHLER, G. *Panchatantra II & III*. Bombay, The Education Society's Press, Byculla, 1891.

_____. *Panchatantra IV & V*. Bombay, The Education Society's Press, Byculla, 1891.

TRADUÇÕES DO PAÑCATANTRA:

BOLUFER, J. A. *Pañchatantra, o Cinco Series de Cuentos*. Madrid: Libreria de Perlado, Páez y C^a, 1908.

CHANDIRAMANI, G. L. *Panchatantra*. New Delhi: Rupa & Co., 1991.

_____. *Das Panchatantra*. Düsseldorf: Eugen Diederichs, 1971.

LANCEREAU, E. *Pañcatantra* (Introd. Louis Renou). Paris: Gallimard, 1965.

RYDER, A.W. *The Panchatantra*. Bombay: Jaico Publishing House, 1992 (1. ed. 1949).

DICIONÁRIOS:

APTE, V.S. *The Practical Sanskrit-English Dictionary*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers Private Limited, 1992.

MONIER-WILLIAMS, M. *A Sanskrit-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1974.

STCHOUPAK, N.; NITTI, L.; RENOUE, L. *Dictionnaire sanskrit-français*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1972.

GRAMÁTICAS:

FONSECA, C. A.; FERREIRA, M. *Introdução ao sânscrito clássico*. São Paulo: FFLCH-USP, 1978.

MACDONELL, A. A. *A Sanskrit Grammar for Students*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

WHITNEY, W. D. *Sanskrit Grammar*. Cambridge: Oxford University Press, 1950.

OBRAS DE REFERÊNCIA:

BASHAM, A. L. *The Wonder that was INDIA*. New Delhi: Rupa & Co., 1994.

FRANCO, A. (Trad.) Abdalla ben Almocafa. *Calila y Dimna*. Fábulas. Buenos Ayres: Emecê Editores, s/d.

KEITH, A.B. *A History of Sanskrit Literature*. London: Oxford University Press, 1961.

LANMAN, C.R. *A Sanskrit Reader*. Cambridge/ Massachusetts: Harvard University Press, 1947.

MACDONELL, A. A. *A History of Sanskrit Literature*. New York: Haskell House, 1968.

MÜLLER, M. Sur la migration des fables. *Essais sur la mythologie comparée. Les traditions et les coutumes*. Trad. George Perrot. Paris: Librairie Académique, 1873.

PAWATE, C.I. *The Panchatantra and Aesop's Fables*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1986.

- RENOU, L.; FILLIOZAT, J. *L'Inde classique*. Tome premier: Paris, Payot, 1947; Tome deuxième: Paris, Imprimerie Nationale et Hanoi, Ecole Française d'Extrême Orient, 1953.
- SASTRI, G. *A Concise History of Classical Sanskrit Literature*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1987.
- TAWNEY, C. H. (Trad.) *Somadeva's Kathāsaritsāgara (The Ocean of Story)*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1923, v. V.
- TESHEINER, M. G.; FLEMING, M. E. *Pañcatantra – Prólogo*. Livro I, Conto I. Tradução, notas e comentários. *Revista Magma*. São Paulo: Departamento de Teoria e Literatura Comparada da FFLCH-USP, n. 2, p. 89-97, 1995.
- VARGAS, M.V.A.M. *Do Pañcatantra a La Fontaine: tradição e permanência da fábula*. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado) – FFLCH, USP.
- _____. Elementos para a análise da estruturação das fábulas sânscritas. *Estudos Lingüísticos. XIX Anais de Seminários do GEL*. Bauru, UNESP, 1990, p. 59-64.
- _____. A ética das máximas no fabulário sânscrito. *BHARATA, Cadernos de Cultura Indiana*. São Paulo, FFLCH/USP, 1990, n. 1, p. 29-39.
- _____. A fábula indiana e sua expansão para o ocidente. *Revista de Estudos Árabes*. São Paulo, FFLCH-USP, ano II, n. 4, p. 35-50, jul./dez. 1994.
- _____. Reflexos da fábula indiana nos textos de Monteiro Lobato. *Revista Magma. Revista*. São Paulo: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP, n. 2, p. 74-87, 1995.
- _____. Representações e transformações da fábula clássica nas atividades didáticas. *Ciência para o Progresso da Sociedade*.

de Brasileira. 48a. Reunião Anual da SBPC. Anais. Vol. I. São Paulo, PUC-SP, 1996, p. 284-90.

_____. Marcas da oralidade na composição dos textos narrativos sânscritos. *Revista de Estudos Orientais*. São Paulo: Humanitas, n. 3, p. 129-38, dez. 1999.

WINTERNITZ, M. *History of Indian Literature*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1985, v. III. (Parte I – Classical Sanskrit Literature).



SOBRE AS AUTORAS

MARIA VALÍRIA ADERSON DE MELLO VARGAS, Mestre em Filologia e Língua Portuguesa e Doutora em Filologia e Linguística Românica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), é docente aposentada da FFLCH/USP onde atuou na Área de Língua e Literatura Sânscritas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e da Área de Semiótica e Linguística Geral da pós-graduação do Departamento de Linguística da FFLCH-USP. Foi orientadora do projeto de pesquisa intitulado “Tradução das fábulas do *Pañcatantra* e considerações sobre a atualidade e a universalidade do gênero fábula”, desenvolvido por **MARIA DA GRAÇA TESHEINER** e **MARIANNE ERPS FLEMING**, originalmente, no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/USP-CNPQ), no período de 1994 a 1997, enquanto ambas eram alunas do Curso de Sânscrito da FFLCH e já bacharéis em Filosofia. O projeto ampliou-se, com a proposta de tradução da coleção completa do *Pañcatantra*, levada a efeito durante o período de 10 (dez) anos, e publicada, em três etapas, pela Editora Humanitas, da FFLCH-USP, nos anos de 2003 (1º volume, com reedição em 2004), 2008 (2º volume) e 2013 (3º volume).